

PARA ENTENDER A LUTA DOS PALESTINOS

O HAMAS CONTA SEU LADO DA HISTÓRIA

DECLARAÇÕES, ENTREVISTAS E DOCUMENTOS
SOBRE A OPERAÇÃO DILÚVIO DE AL-AQSA E O
MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA ISLÂMICA

Apresentação e organização: Rui Costa Pimenta
Prefácio: Dr. Ahmed Shehada, presidente
do Instituto Brasil-Palestina

EDIÇÕES  CAUSA OPERÁRIA

O LITÍNGO CONTRA O LADO DA HISTÓRIA

ES
A
RIA



O Hamas conta o seu lado da história

Para entender a luta dos palestinos

O Hamas conta o seu lado da história

Declarações, entrevistas e documentos sobre a Operação Dilúvio de Al-Aqsa

Apresentação e organização: Rui Costa Pimenta

Prefácio: Dr. Ahmed Sheheda, presidente do Instituto Brasil-Palestina

EDIÇÕES  CAUSA OPERÁRIA

Edição geral:
Rui Costa Pimenta

Edição:
Juliano Simonard
Natália Braga Pimenta

Revisão:
Juliano Simonard
Adriana Machado
Márcia Choueri

Revisão da tradução:
Reda Soueid
Omar Mohammad
Adriana Machado

Capa e Diagramação:
Julia Scalvenzi
Maya Silva

1ª edição
Julho de 2024
Edições Causa Operária.
editora@democritos.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O Hamas conta o seu lado da história / edição
geral Rui Costa Pimenta. -- São Paulo :
Editora Democritos, 2024.

Bibliografia.
ISBN 978-65-994746-4-4

1. Bloqueio - Gaza, Faixa de - História -
Século 21 2. Conflito Árabe-israelense - Aspectos
políticos - Gaza, Faixa de 3. Gaza, Faixa de -
História - Século 21 4. Hamas 5. Islamismo e
política - Gaza, Faixa de 6. Islamismo e política -
Margem Ocidental do Rio Jordão I. Pimenta, Rui Costa.

24-214910

CDD-956.94054

Índices para catálogo sistemático:

1. Hamas : História 956.94054

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Índice

Apresentação	11
Prefácio	15
Parte 1 - Entrevistas	
Declaração de Ismail Hanié, líder do Hamas, ao povo brasileiro	25
Entrevista com o Dr. Musa Abu Marzuk, chanceler do Hamas	31
Entrevista com Basem Naim, do Birô Político do Hamas	49
Parte 2 - Operação Dilúvio de Al-Aqsa	
Nossa narrativa...Operação Dilúvio de Al-Aqsa	65
Declaração do Hamas no dia 7 de outubro	81
Ordem do dia de Mohamad al-Deif, comandante da Operação Dilúvio de Al-Aqsa	89
Parte 3 - Documentos do Hamas	
Documento de princípios e políticas gerais	97
Constituição de 1988	109
Parte 4 - Artigos e reportagens	
Hamas lança a luva do desafio	139
<i>por Abu Marzuk</i>	

Resistência armada e direito internacional	145
<i>por Ahmed Shehada</i>	
Gritos sem provas: perguntas para o NYT sobre relatório ‘estapafúrdio de ‘estupro em massa’ do Hamas	153
<i>por Max Blumenthal e Aaron Matée</i>	
Estupros, ISIS, Mein Kampf e outras mentiras: como Israel perdeu toda a credibilidade	165
<i>por Ramzy Baroud e Romana Rubeo</i>	
Fonte da duvidosa alegação de “bebês decapitados” é líder de colonos israelenses que incitou tumultos para “aniquilar” vila palestina	171
<i>por Max Blumenthal e Alexander Rubinstein</i>	
Testemunhos do 7 de Outubro revelam que o exército de Israel “bombardeou” cidadãos israelenses com tanques e mísseis	177
<i>por Max Blumenthal</i>	
Criança símbolo israelense do 7 de outubro foi morta por um tanque israelense, revelam testemunhas oculares	189
<i>por Max Blumenthal</i>	
Atirador de tanque israelense revela ordens para disparar indiscriminadamente contra kibutz	195
<i>por Wyatt Reed e Max Blumenthal</i>	
Grupo de “resgate” israelense manchado por escândalos alimenta invenções do 7 de Outubro	199
<i>por Max Blumenthal</i>	
Washington Post apaga a seu pedido afirmação fantasiosa do ministro israelense sobre estupro em 7 de outubro	215
<i>por Wyatt Reed</i>	

Apresentação

Rui Costa Pimenta

35 mil pessoas mortas, na maioria mulheres e crianças, cerca de 10 mil desaparecidos, que se estima estão mortos sob os escombros dos bombardeios israelenses, mais de 80 mil feridos, muitos dos quais mutilados, 1,5 milhão de pessoas deslocadas e desabrigadas, bombardeadas inclusive em suas tendas de refugiados. Todas as universidades, todos os hospitais e cerca de 60% de todos os edifícios de Gaza foram destruídos. Este é o saldo, até o momento em que escrevemos, da criminoso guerra do sionismo contra o povo palestino.

Este crime monstruoso tem sido, no entanto, justificado, não apenas pelo sionismo internacional, o que é natural, mas por todos os governos ditos democráticos dos países mais desenvolvidos do mundo: EUA, Europa, Japão, etc. No nosso país, toda a imprensa capitalista, a maioria dos deputados, senadores, governadores e outras autoridades públicas justificam e defendem a ação israelense. Como é possível que estas pessoas se apresentem ante a nação defendendo algo que é condenado até mesmo pelas parciais cortes internacionais e pela subserviente ONU? Como se justifica o bombardeio em grande escala sobre áreas residenciais, o extermínio em massa de crianças e mulheres?

O imperialismo sempre teve uma boa desculpa para suas aventuras militares: a Alemanha de Hitler justificou suas agressões iniciais, com a defesa das populações alemãs em território estrangeiro; o imperialismo norte-americano justificou o crime

monstruoso de lançar uma bomba atômica sobre duas cidades japonesas, com o pretexto de diminuir o número das perdas de vidas humanas; novamente, os mesmos norte-americanos justificaram a feroz agressão contra o povo do Vietnã, com um ataque forjado às suas navas no Golfo de Tonkin; o Iraque foi bombardeado e invadido porque teria “armas de destruição em massa” que nunca foram encontradas. São inúmeros casos.

O mesmo esquema fraudulento repete-se agora, no caso palestino. A justificativa para o banho de sangue, para a guerra contra a população civil, contra crianças e mulheres, seria o ocorrido no dia 7 de outubro de 2023. A resistência palestina, personificada no Hamas, teria supostamente matado centenas de civis, matado bebês, estuprado mulheres e cometido todo tipo de crimes atrozes. A imprensa imperialista divulgou essa versão como verdadeira, sem questionar, sem verificar os fatos, sem ouvir o outro lado. A imprensa capitalista do Brasil, intimamente associada ao imperialismo, retransmitiu as mesmas mentiras, como se fosse uma verdade comprovada. O próprio governo brasileiro, açodadamente, condenou a ação da resistência e solidarizou-se com o sionismo, brutal opressor do povo palestino!

A falsificação dos acontecimentos do 7 de Outubro, porém, não constitui todo o problema. Há anos, o imperialismo vem fazendo uma intensa campanha de propaganda, não apenas contra o Hamas, mas contra todo o povo árabe e o islamismo. Atrelaram-se a essa campanha, um determinado movimento LGBT e uma parcela da classe média liberal e inclusive da esquerda. Segundo essa propaganda, os árabes seriam bárbaros, e os países imperialistas, democráticos e civilizados. É a versão atual da tradicional cantilena colonialista, que justifica inúmeras atrocidades cometidas por um punhado de regimes imperialistas e sua exploração econômica, contra quase todos os povos do mundo, — condenando a maioria deles à pobreza e ao atraso econômico — no interesse de um pequeno número de monopólios financeiros.

O desenvolvimento da situação expôs que o Hamas não foi o único autor do 7 de Outubro, nem que seja o único grupo, isoladamente e contra a opinião dos demais partidos palestinos, a lutar contra o sionismo. Na realidade, praticamente todos os partidos palestinos participam dessa luta, exceto a facção que dirige atualmente a chamada Autoridade Palestina, um pseudo governo di-

retamente manipulado por Israel. O preconceito contra o Hamas nada mais é que um preconceito contra todo o povo palestino, senão contra todo o povo árabe.

A versão do governo Netaniahu veio simplesmente confirmar os preconceitos amplamente estabelecidos contra os árabes em geral e o Hamas em particular.

Desde o dia 7 de outubro, assistimos no Brasil a um espetáculo kafkiano. Um imenso aparato de propaganda apresentando a versão absurda do sionismo, sem contestação e sem que ninguém se ponha a tarefa fundamental de ouvir o outro lado.

Nestas páginas, oferecemos ao leitor um conjunto de documentos e declarações que apresentam de maneira clara o que pensa o Hamas, e a sua versão dos acontecimentos do 7 de Outubro. Trata-se de uma verdade que forças poderosas trabalham para ocultar, para falsear, para distorcer. O resultado dessa operação fraudulenta é o de encobrir o genocídio do povo palestino.

Consideramos que o Hamas e demais agrupamentos que lutam contra o sionismo são legitimados e justificados pelas ações do governo sionista e do imperialismo. É a opressão que dá legitimidade à luta pela liberdade, e não qualquer característica misteriosa dos que lutam. A luta contra a opressão — e estamos falando de uma das mais brutais e criminosas opressões contra todo um povo — é inerentemente libertária, independentemente de maiores considerações. Assim foi sempre concebido na história da humanidade, de Espártaco ao Vietnã. Quem pede credenciais aos que lutam nessas condições é um apologista, consciente ou inconsciente, dos opressores.

O Hamas merece e deve ser ouvido, em suas próprias palavras, que podem ser confrontadas com os fatos; e seus propósitos declarados apenas confirmam aquilo que sua luta de quase quatro décadas já comprovou.

Prefácio

Dr. Ahmed Shehada, presidente do Instituto Brasil-Palestina

O secretário-geral das Nações Unidas (ONU), António Guterres, declarou numa conferência de imprensa, em 20 de novembro de 2023, que “o que está claro é que em poucas semanas tivemos milhares de crianças mortas. Então é isso que importa. Estamos testemunhando uma matança de civis sem paralelo e sem precedentes”.

Essa declaração de Guterres veio após outra declaração dele, em 7 de novembro, quando falou que “a Faixa de Gaza está se tornando um cemitério para crianças”.

Já o chefe da Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Próximo Oriente (UNRWA, na sigla em inglês), Philippe Lazzarini, publicou em uma rede social que “esta guerra é uma guerra contra as crianças. É uma guerra contra a sua infância e o seu futuro. #CessarFogoAgora para o bem das crianças em #Gaza”.

Francesca Albanese, relatora especial da ONU sobre a situação dos direitos humanos nos territórios palestinos ocupados, disse, em 26 de março de 2024, no Conselho de Direitos Humanos da ONU, em Genebra, onde apresentou seu relatório, que há “motivos razoáveis” para acreditar que Israel está cometendo genocídio contra os palestinos em Gaza.

E não ficou por aí. O secretário de Defesa dos EUA, Lloyd Austin, durante uma audiência no Congresso estadunidense, em 29 de fevereiro de 2024, respondendo a uma pergunta, admitiu

que “Israel” havia matado mais de 25.000 mulheres e crianças, desde o 7 de Outubro.

O leitor pode dizer que sabe disso também. Sabemos que o número de mortos pelo exército nazi-sionista chegou a 34.000, e estima-se que 12.000 corpos ainda estejam sob os escombros, elevando o número de vítimas do genocídio para mais de 45.000 mortos e mais de 76.000 feridos e mutilados. E sabemos que são, em sua maioria, mulheres e crianças, segundo os testemunhos e números fornecidos por fontes internacionais, inclusive os Estados Unidos, principal patrocinador desse crime de genocídio,

Então por que mencionar as declarações de autoridades internacionais sobre o número de vítimas? Você pode imaginar a resposta: porque, apesar das mais de 120.000 vítimas, entre mortos e feridos, os milhares de vídeos e testemunhos, ainda existem criminosos, fanáticos religiosos, alguns pastores anticristo e muitos idiotas submetidos a lavagem cerebral que colocam em dúvida o número de vítimas e repetem falsas alegações sem provas, como as fake news sobre o suposto assassinato de 40 crianças israelenses fantasmas, ou ainda o estupro de uma mulher israelense sem nome ou personalidade. Essa gente, porém, ignora as dezenas de milhares de crimes sionistas documentados desde o 7 de Outubro, e as centenas de milhares de crimes sionistas em toda a Palestina, de 1948 até agora.

À luz do exposto, podemos fazer algumas perguntas, para entender o tema deste livro.

“Israel” mata civis deliberadamente? Realmente realiza execuções de civis e detentos desarmados, homens, mulheres e crianças? E, se isso é verdade e estiver documentado, os soldados o fazem individualmente, ou seguindo as diretrizes da liderança militar, política e religiosa?

Os palestinos têm direito legal a resistir à ocupação, e à resistência armada? Por acaso, a resistência armada contra a ocupação e o apartheid é terrorismo, de acordo com o Direito Internacional?

O artigo 51 da Carta da ONU, que estipula o direito à legítima defesa, aplica-se às autoridades de ocupação contra os oponentes da potência ocupante? O que dizem os especialistas em Direito e o que decidiu a Corte Internacional de Justiça, sobre “Israel” como potência ocupante?

Desde seu estabelecimento ilegal na terra da Palestina, “Isra-

el” desrespeitou alguma das dezenas de resoluções da Assembleia Geral da ONU, do Conselho de Segurança ou da Corte Internacional de Justiça?

Eliyahu Mali, rabino da cidade Jafa ocupada, disse recentemente, numa palestra, que matar crianças, mulheres, idosos e recém-nascidos, é um dever e faz parte da doutrina bíblica. Ele disse que as crianças devem ser mortas porque a criança de hoje é o terrorista de amanhã; que as mulheres devem ser mortas porque são elas que criam as crianças; e que os idosos devem ser mortos porque podem portar armas; e que tudo isso é consistente com a fé bíblica. Esta não é uma declaração isolada, mas uma doutrina com práticas permanentes, sobre as quais é construída a entidade sionista.

Antes dele, foi o rabino Manes Friedman, reitor do Instituto Bais Chana de Estudos Judaicos e famoso por suas palestras racistas no Youtube, que falou francamente sobre o que chamou de “os valores da Torá” e “o modo judaico” na guerra moral, rejeitando o que chamou de “ética ocidental” na guerra. Ele disse que a única maneira de travar uma guerra moral era a maneira judaica:

“Destruir os seus lugares sagrados, matar os seus homens, mulheres, crianças e gado.” Ele continuou a defender que estes são os valores da Torá, que vão fazer dos israelenses “a luz que brilha”.

E não podemos esquecer Benjamin Netaniahu, o primeiro-ministro da entidade sionista, no início da atual guerra genocida, quando se dirigiu ao seu exército e lembrou os amalequitas, uma nação descrita na Bíblia Hebraica como inimiga dos israelitas. Vejam o que achamos sobre Amalek, no primeiro livro de Samuel: “Vá e lute contra os amalequitas; destrua-os completamente, a eles e a tudo o que eles têm. Não os poupe, mate todos os homens, mulheres, crianças e bebês, e mate seus bois, ovelhas, camelos e burros, e lute contra eles até que sejam consumidos”.

Voltando à Torá, vemos nela que o Senhor — como afirmam — se dirigiu a Moisés, que a paz esteja com ele, no Livro do Deuterônimo, capítulo 25, versículo 19, dizendo: “quando o Senhor teu Deus te tiver dado repouso de todos os teus inimigos em redor, na terra que o Senhor teu Deus te dá por herança, para possuí-la, então apagarás a memória de Amaleque de debaixo do céu; não te esqueças”.

Também foi mencionado no livro de Joshua ibn Nun (Josué),

em que ordenou a seus soldados que queimassem a cidade de Jericó, com todos os homens, mulheres e crianças que nela habitavam, conforme declarado em seus livros. A ordem não se limitava a “queimar Jericó”, mas sim que eles deveriam fazer isso em todas as cidades que capturassem. Isso apareceu no Livro de Josué: “E tomaram a cidade e destruíram completamente tudo o que havia na cidade — isto é, mataram-nos — homens e mulheres, jovens e velhos, até bois e ovelhas e burros ao fio da espada”. “Matança, derramamento de sangue e massacre”. Essas palavras nada mais são que ordens do Talmude, o livro de leis judaicas, que eles escreveram com suas próprias mãos e alegaram que era de Deus.

Não é de admirar que, depois disso, os rabinos de “Israel” tenham emitido Regras Religiosas ordenando o assassinato de árabes e palestinos, como o rabino chefe de Safed, Shmuel Eliyahu, que emitiu uma Ordem determinando o assassinato de palestinos, sem os levar a julgamento, se estivessem envolvidos em atos de violência contra o exército israelense, dizendo: “Quem deixa um palestino vivo, peca”.

Ao ler e compreender os livros distorcidos que os sionistas usam, podemos encontrar uma explicação clara para os acontecimentos opressivos que ocorrem contra o indefeso povo palestino.

Os gentios e goeim no Talmude não têm quaisquer direitos legais ou humanos, podemos encontrar o resultado disso na política de “Israel” em relação aos árabes, de matança e derramamento de sangue.

O Talmude (no Livro das Punições, Capítulo do Sinédrio da Suprema Corte, Capítulo Nove, Segunda Legislação) fala sobre a punição da retaliação aos mortos, mas exclui os gentios disso! Nem sequer menciona qualquer punição para um judeu que mata um não-judeu! A legislação diz: “Se um judeu pretender matar um gentio e matar outro judeu por engano, ele estará isento de qualquer punição, como se tivesse matado um gentio”! Esta legislação racista faz um claro incitamento ao derramamento do sangue de não-judeus a sangue-frio e sem sentir a menor culpa, apesar da presença de intenção criminosa.

A imprensa israelense publicou uma série de declarações do coronel Eyal Karim, rabino-chefe do exército israelense, nas quais justificava o estupro de mulheres gentias (não judias) por soldados, durante a guerra. “Apesar de a relação sexual com as mulheres

não judias ser muito perigosa, ela é permitida durante a guerra”, disse ele.

Nunca houve, na história, uma organização terrorista ou ideologia mais monstruosa e perigosa do que o sionismo, uma doutrina que legitima a limpeza étnica e o genocídio, e usa a religião de maneira distorcida, para incitar a prática de crimes.

O professor de Direito Internacional Ardi Imseis, da Universidade de Queens, no Canadá, e autor do livro *As Nações Unidas e a Questão da Palestina*, afirma que o art. 51 da Carta das Nações Unidas não se aplica a “Israel”, por se tratar de uma força de ocupação.

Imseis afirma, sobre o parágrafo 139 do parecer da Corte Internacional de Justiça, datado de 2004, quanto à legalidade do muro que cerca Gaza: “O tribunal deixa muito claro que Israel não goza de um direito de legítima defesa sob o art. 51 da Carta das Nações Unidas, em relação aos ataques que emanam de dentro de um território ocupado”.

A relatora especial sobre a situação dos direitos humanos nos territórios palestinos ocupados, Francesca Albanese, também declarou, em 25 de outubro de 2023, que “Israel” não tem direito à autodefesa na Faixa de Gaza, devido à sua condição de potência ocupante.

E, em 23 de fevereiro, o representante da China afirmou, ante a Corte Internacional de Justiça, que o direito à resistência armada é, segundo o Direito Internacional, um direito legítimo do povo palestino para conquistar sua independência, e que o direito de autodefesa se aplica concretamente aos palestinos, não a “Israel”.

As Nações Unidas emitiram muitas resoluções para afirmar o direito dos povos à luta e à resistência, e para estender, aos membros da resistência popular e dos movimentos de libertação nacional, a proteção que cabe aos prisioneiros de guerra.

São as mais proeminentes, a Resolução 2649/25, de 30 de novembro de 1970, e a Resolução 2852/2852/D-26, emitida em 1971, que declarou que a Assembleia Geral da ONU “afirma que as pessoas que participam de movimentos de resistência e lutadores pela liberdade na África do Sul e em territórios sob colonialismo, dominação estrangeira e ocupação estrangeira, que estão lutando por sua liberdade e seu direito à autodeterminação, devem ser tratadas como prisioneiros de guerra, conforme os princípios da

Convenção de Haia de 1907 e da Terceira Convenção de Genebra de 1949”.

Também na Resolução 3103/D-28, adotada por ampla maioria em 12 de dezembro de 1973, define que os conflitos armados, inclusive a luta dos povos contra a dominação estrangeira e colonial e os regimes racistas, devem ser considerados conflitos armados internacionais, para os fins das Convenções de Genebra de 1949. E que outras leis internacionais devem ser aplicadas às pessoas envolvidas na luta armada contra a dominação colonial e estrangeira e os regimes racistas, e que os membros detidos da resistência e os combatentes da liberdade devem ser tratados como prisioneiros de guerra, segundo os princípios da Convenção de Haia de 1907 e da Terceira Convenção de Genebra de 1949.

O dia 7 de outubro de 2023 representou um marco na causa palestina e no curso do conflito árabe-sionista, e podemos dizer até que marcou uma nova etapa na vida do movimento terrorista sionista, anunciando seu fim e a ascensão e disseminação de seus oponentes em todo o mundo, depois que se revelaram sua face feia, sua natureza brutal, suas práticas criminosas, sua sede pelo sangue de crianças e seu ataque sistemático a civis e a todos os alvos proibidos internacionalmente.

Depois que líderes sionistas, políticos e religiosos, declararam que a matança, a destruição e o genocídio são os desígnios de sua criminosa doutrina pervertida, e que matar crianças, mulheres e idosos não contradiz sua Torá e Talmude distorcidos, também se revelou a extensão da hipocrisia e do racismo que caracterizam a civilização ocidental e lembrou-se que essa civilização sempre foi sangrenta e racista, que cresceu com o sangue de povos oprimidos e construiu seus impérios capitalistas com base na pilhagem da riqueza dos povos do mundo, que eles chamaram de “povos do Terceiro Mundo”, e nas terras de povos pacíficos que eles exterminaram e em que se estabeleceram.

No entanto é triste e, ao mesmo tempo, perturbador, que grandes grupos religiosos das igrejas evangélicas, sobretudo as pentecostais e neopentecostais, tenham explorado falsamente o nome de Cristo para defender o ódio e a violência e promover o projeto sionista, falsificando fatos para justificar seus crimes, para financiar a máquina de matança e defender os crimes de genocí-

dio e limpeza étnica praticados pela entidade terrorista sionista.

Antes de concluir esta introdução, destaco que deixei deliberadamente algumas perguntas sem resposta, para serem respondidas por este livro, que contém entrevistas exclusivas, pela primeira vez por qualquer imprensa brasileira, com os líderes da resistência palestina, especialmente o Movimento de Resistência Islâmica palestino — Hamas, que realizou sua operação heroica e legítima em 7 de outubro, para tentar romper o cerco ilegal e mortal a Gaza, que dura mais de 17 anos. E menciono que o Hamas não tem outra agenda, além da libertação da Palestina, e nunca teve como alvo qualquer país, desde sua criação. Apesar de os seus dirigentes terem sido sujeitos a operações terroristas por parte de “Israel”, o Hamas não respondeu a essas operações terroristas fora dos territórios ocupados, e afirmou repetidamente, através de seus dirigentes, que não encontra qualquer problema ou inimizade entre si e os judeus, mas que o seu problema, o problema de todo o povo palestino, é com o crime de ocupação.

Este livro é uma obra fundamental nos nossos dias. O Partido da Causa Operária teve a coragem de enfrentar a campanha midiática contra o povo palestino e sua valente resistência, e esteve ao lado da vítima contra o carrasco. Manteve o princípio da moralidade, quando os covardes o abandonaram, e defendeu o direito dos palestinos a resistir à ocupação.

Apesar de todas as ameaças e terrorismo praticados pela extrema-direita e extremistas religiosos no Brasil, a direção do partido viajou muito para ouvir o outro lado, ausente da mídia brasileira, explorar a verdade e colocar perguntas ousadas, que serão respondidas neste livro. Desejo a todos uma ótima leitura, apesar da tristeza da cena vivida pelos nossos irmãos de Gaza, e desejo ao leitor que leia e ouça sem ideias preconcebidas, e que respeite a sua inteligência, o que inevitavelmente o levará à verdade.

Parte 1
ENTREVISTAS

Declaração de Ismail Hanié, líder do Hamas, ao povo brasileiro

Ismail Hanié é líder político do Movimento de Resistência Islâmica (Hamas). Ele não costuma dar entrevistas ou declarações; a situação efervescente na Palestina e a ameaça constante de ser assassinado pelos sionistas não o permitem. A comitiva do Partido da Causa Operária chegou ao Catar buscando entrevistá-lo. Após uma reunião da delegação com toda a liderança da organização palestina, Ismail Hanié decidiu conceder exclusivamente o pouco tempo que lhe sobra, para dar uma declaração ao povo brasileiro e da América Latina, entendendo a importância dos povos oprimidos latino-americanos para a causa da libertação da Palestina do jugo do imperialismo.

Hanié, hoje com 61 anos, é um dos mais jovens fundadores do Hamas, participando da organização desde a Primeira Intifada, em 1987. Durante esse tempo, ele foi preso inúmeras vezes pelas forças de ocupação sionistas, e também pela Autoridade Palestina, controlada pelo Fatá, que o considerava, assim como a outros dirigentes do Hamas, uma ameaça à política de capitulação sionista firmada durante os Acordos de Oslo de 1993.

Hanié sempre ocupou uma posição importante no partido, chefiando o escritório do xeque Ahmed Yassin, fundador e primeiro líder do Hamas, no período em que este esteve preso em 1997. Nas eleições legislativas de 2006, quando o Hamas obteve maioria, Hanié foi seu representante e assumiu como primeiro-

-ministro do governo palestino, provocando um cerco do imperialismo contra a Faixa de Gaza que dura até hoje. O sionismo e seus aliados imperialistas não aceitaram a decisão democrática do povo, que, apesar de toda a perseguição aos líderes do movimento islâmico, escolheu o Hamas para governá-lo.

Em 2014, após cumprir seu mandato como primeiro-ministro, tornou-se o líder político da organização na Faixa de Gaza, até 2017, quando foi colocado como chefe do Birô Político do partido, cargo mais alto na hierarquia da organização e que ele mantém até hoje.

Perseguido pelo imperialismo, teve muitos de seus familiares, que vivem na Faixa de Gaza, assassinados pelo sionismo. No início de abril, enquanto editávamos este livro, já após nosso encontro com ele em Doha, no Catar, três dos seus filhos e dois netos foram mortos, em uma operação realizada pelas forças de ocupação israelenses. “O inimigo tem ilusões, se pensa que atacar os meus filhos, no auge das negociações e antes de enviarmos a resposta, levará o Hamas a mudar seu posicionamento”, disse em entrevista a Al-Jazeera.



Rui Costa Pimenta (PCO) com Ismail Hanié (Hamas)

Abaixo, reproduzimos sua declaração ao povo brasileiro, concedida ao Partido da Causa Operária, um reconhecimento da organização brasileira como aquela que lidera a luta pela libertação da Palestina no Brasil:

“Nós e a liderança do Movimento de Resistência Islâmica, Hamas, expressamos nossa felicidade em receber o Sr. Rui e os irmãos e irmãs do partido PCO no Brasil. Ouvimos estas posições em apoio ou solidariedade com o povo palestino e a resistência palestina.

Quero expressar-lhes o meu apreço, orgulho e agradecimento, em primeiro lugar, por esta visita, que transporta uma mensagem para o nosso povo palestino, enquanto luta contra a ocupação israelense, de que existem no Brasil, como no mundo, pessoas livres e conscientes que defendem sua luta, luta e resistência, e afirmam o direito do povo palestino a estabelecer seu Estado independente, tendo Jerusalém como capital, e o retorno do povo palestino (os refugiados palestinos), para viver na sua terra e no solo da sua pátria.

Nesta ocasião, quero enfatizar quatro pontos importantes.

O primeiro ponto é que o Movimento de Resistência Islâmica, Hamas, na Palestina, é um movimento de libertação nacional palestino que limita sua resistência e luta dentro da Palestina ocupada, e não fora da Palestina, e contra a ocupação israelense. Não é hostil a ninguém, mesmo que discordemos, mas foca na sua causa, no seu povo, no seu direito firme e inerente, dentro da terra abençoada da Palestina.

O segundo ponto é que os *mujahedin*¹ e os combatentes das Brigadas Al-Qassam, no dia 7 de outubro, conforme orientação do chefe do Estado-Maior da Resistência, o irmão Mujahid Mohamed al-Deif², não tinham como alvo civis e não mataram uma criança ou uma mulher. Esta é uma expressão da literatura do movimento Hamas e das suas crenças religiosas, intelectuais, morais e nacionais. Nunca temos como alvo os civis, e a nossa resistência e as Brigadas Al-Qassam têm sempre como alvo o exército de ocupação e os colonos que estão espalhando estragos nas nossas terras. Nesta ocasião, não nos opomos a qualquer comitê inter-

1 *Combatentes dispostos ao sacrifício da própria vida.*

2 *Líder das Brigadas Izedine Al-Qassam, o braço armado do Hamas.*

nacional e neutro que pretenda conduzir uma investigação sobre os acontecimentos do 7 de Outubro, e ainda que estas investigações se estendam para além do 7 de Outubro, especialmente sobre os crimes sionistas cometidos contra o nosso povo palestino, que atingiram o ponto do genocídio e da limpeza étnica.

O terceiro ponto: não somos hostis aos judeus porque eles são judeus. Os judeus viveram durante muitas décadas, em países árabes e abraçados pelos Estados Islâmicos, mas somos hostis à ocupação. A nossa luta é contra a ocupação, contra o movimento sionista, contra o projeto sionista que ocupou a nossa terra e os nossos santuários, deslocou o nosso povo palestino, cometeu massacres, e ainda é contra o nosso povo, contra o nosso povo palestino. Portanto não somos hostis aos judeus porque eles são judeus. Pelo contrário, até os recebemos em Gaza, e há pouco, numa conferência em Istambul, recebemos muitos judeus da América e da Europa, mas eles apoiam os direitos palestinos e o Estado, e consideram que o que a ocupação fez é uma ocupação, e que é um movimento sionista que até contradiz as crenças religiosas talmúdicas.

O quarto ponto é que o movimento Hamas é, sim, um movimento palestino, mas tem sua extensão árabe-islâmica e também com todas as pessoas livres do mundo, e expressa seu orgulho por todas as pessoas livres do mundo que se posicionam hoje, em todo lado, em todas as capitais do mundo, em solidariedade a Gaza, às mulheres, crianças e idosos de Gaza, ao nosso povo na Cisjordânia, em 1948, no exílio e na diáspora e, portanto, com todos os movimentos de progresso global. Olhamos para eles com orgulho e apreço, e também temos relações e amizade com muitos desses movimentos, seja na América Latina, na Europa ou em outros lugares. Estes princípios humanitários unem-nos: igualdade, liberdade, justiça, liberdade dos povos e rejeição à ocupação, qualquer que seja essa ocupação.

Concluindo, estendo minhas saudações ao povo brasileiro, que tem uma relação histórica com o povo palestino, partidos e forças, assim como ao presidente brasileiro.

Todos nós esperamos, se Deus quiser, que o povo palestino desfrute de liberdade, retorno e independência, e então registraremos, para vocês e para todos aqueles que estiveram e apoiaram a luta palestina, registraremos suas posições e expressaremos nosso

orgulho no caminho da libertação, do retorno e da independência, se Deus quiser”.

Ismail Hanié
Líder do Movimento de Resistência Islâmica (Hamas)

Entrevista com o Dr. Musa Abu Marzuk, chanceler do Hamas

No Catar, em Doha, a delegação do PCO entrevistou o doutor Musa Mohamed Abu Marzuk, fundador e membro do Birô Político do Hamas, Movimento de Resistência Islâmica, e chefe de Relações Internacionais do Hamas. Originário da Faixa de Gaza, da cidade de Rafá, pertence a uma família expulsa em 1948 na Nakba, que constituiu a expulsão de cerca de 800 mil palestinos do que hoje é o território israelense.

Abu Marzuk é formado em engenharia civil no Egito e tem doutorado na Universidade de Standford, nos Estados Unidos, onde morou e foi preso. Ele ficou encarcerado por dois anos, sem acusação formal, de forma arbitrária, sendo finalmente liberado porque não havia caso contra ele. Posteriormente, fora dos EUA, sofreu várias condenações, *in absentia*, caracterizando-se uma intensa perseguição política. Ele também foi destacado pelo sionismo como alvo de eliminação, assim como o conjunto da liderança do Hamas.

Doutor Abu Marzuk, a operação do dia 7 de outubro tinha como intenção ferir a população civil de “Israel”?

Certamente não. Desde o primeiro dia, a política do Hamas foi não visar civis, e nós não visamos civis. As instruções de Abu Khaled al-Deif³ às brigadas que atacaram o exército israelense, desde o primeiro dia, eram para não visar crianças, mulheres, clérigos ou idosos, mas apenas soldados e pessoal de segurança is-

3 Outro nome utilizado pelo líder militar das Brigadas Al-Qassam.

raelense. Esses foram os alvos. Portanto, não visamos civis como política do movimento. Pode ser que, no meio do caos que ocorreu, alguns civis tenham sido prejudicados ou tenham vindo para a Faixa de Gaza, mas isso é contrário às instruções do Hamas aos combatentes.

A operação do dia 7 de outubro foi uma operação sem qualquer provocação por parte do Estado de “Israel”, ou a qual situação vocês estavam reagindo?

O 7 de Outubro é um marco na luta do povo palestino. Estamos sob ocupação desde 1948, e nosso povo vem lutando desde então. O 7 de Outubro foi um marco nessa luta. Alertamos e denunciemos a todos, sejam eles os países ocidentais ou orientais, Europa, Estados Unidos, Rússia, China, todos os países do mundo. Sempre que visitamos um país, denunciemos as ações e as medidas da ocupação na Cisjordânia, que já são intoleráveis.

As agressões à Mesquita de Al-Aqsa⁴ não podem continuar. O tratamento desumano, as torturas que Ben-Gvir⁵ inflige aos detentos nas prisões não podem ser tolerados. A Faixa de Gaza está



Rui Costa Pimenta com Abu Mazruk

⁴ Mesquita em Jerusalém, uma das três mais importantes do mundo, junto com a Grande Mesquita em Meca e a Mesquita do Profeta em Medina

⁵ Itamar Ben-Gvir, líder do partido de extrema-direita israelense Otzma Yehudit e ministro de Segurança Nacional de “Israel”.

sob cerco há 17 anos. Entramos num processo de solução política há mais de 30 anos, e só vemos a continuidade da ocupação.

Alertamos sobre tudo isso, mas eles não nos ouvem. Para eles, a questão palestina já estava fora da discussão política. Era caso encerrado.

A imprensa imperialista internacional diz que o 7 de Outubro foi uma iniciativa isolada do Hamas. O conflito atual é apresentado como a guerra entre “Israel” e Hamas. Ou seja, não como uma luta do povo palestino, mas de um grupo. Como você responde a essa versão do que está acontecendo?

Esse é o diagnóstico e a propaganda imperialista sobre o que aconteceu, tentam convencer de que é um conflito entre o Hamas e “Israel”. Isso não é verdade. A luta é do povo palestino. Todo o povo palestino se alinhou com o Hamas nessa batalha.

Os americanos, o Ocidente e os israelenses formaram uma coalizão. Os EUA trouxeram seus aviões e porta-aviões, seu enorme arsenal, para enfrentar o Hamas, mas a batalha é de todo o povo palestino contra o Ocidente aliado aos sionistas, instrumento dos imperialistas na Palestina.

E nós, certamente, somos a vanguarda do povo palestino. Todas as facções do povo palestino, a Jiade Islâmica, a Frente Popular, o Fatá, todas as facções do povo palestino participam conosco dessa batalha.

O Hamas é uma organização cercada de lendas e falsas versões. Quando e em que circunstâncias foi criado o partido Hamas?

O Hamas é a continuação de um movimento que foi fundado em 1936, antes da existência de “Israel”, antes de os israelenses chegarem à Palestina, ocuparem, estabelecerem o Estado de “Israel” e serem reconhecidos pelas potências colonizadoras, que representavam as Nações Unidas naquele momento, além do bloco comunista. Naquela época, Stálin estava no poder. Ele também reconheceu “Israel” e lhe forneceu armas; e, assim como os americanos, (também) o reconheceram, desde o primeiro minuto, os ingleses e os franceses, os países que venceram a Segunda Guerra

Mundial, formaram as Nações Unidas em 1945 e somaram cerca de 30 países que reconheceram “Israel”. Claro, havia entre eles dois países árabes.

Mas esse movimento continuou, após a ocupação da Palestina, e se espalhou por toda parte, junto com o povo palestino. Era um movimento de cunho religioso, social e humanitário, que trabalhava nesse campo, mas, após a ocupação em 1967, ficou fraco na Cisjordânia e na Faixa de Gaza, incapaz de resistir à ocupação. No entanto, quando se tornou um movimento capaz de resistir à ocupação, o nome foi criado ou alterado para Movimento de Resistência Islâmica, Hamas, para que pudesse acomodar todo o povo palestino.

O movimento foi fundado em 1987, durante a Primeira Intifada palestina, abrindo um novo horizonte para os palestinos. Desde então, expandiu-se entre o povo palestino, até se tornar, agora, o primeiro movimento entre as massas do povo palestino. Pelas últimas estatísticas, o movimento tem aprovação de 70% a 90% do povo palestino na Cisjordânia e na Faixa de Gaza, e muito mais no exterior.

O Hamas é uma organização política ou uma organização militar?

O Hamas é um movimento de libertação nacional palestino. Procura alcançar os direitos do povo palestino e seu regresso ao país de onde foi expulso. É um movimento de libertação com duas alas, uma militar e uma política.

A ala militar é responsável pelo confronto com “Israel”, com a guerra de guerrilha e todas as ferramentas permitidas pelo direito internacional para confrontar “Israel”. Esse é nosso direito legítimo.

A ala política é a instituição política, responsável pelo processo político como qualquer instituição partidária, e cumpre todos os requisitos dos partidos políticos.

Nas eleições de 2006, constituímos o Comitê para Mudança e Reforma, que ganhou as eleições e ocupou 76 assentos, do total de 133, no Conselho Legislativo Palestino. Formou-se o primeiro governo, e seu líder foi o Sr. Ismail Hanié, que agora é o chefe do gabinete político do movimento Hamas, com quem vocês

se encontrarão, se Deus quiser, em breve. Ele foi indicado como primeiro-ministro, mas os EUA vetaram o resultado das urnas, estipulando três condições que o movimento rejeitou. Ao rejeitar essas condições, o movimento foi sitiado, e houve uma divisão entre a Cisjordânia e a Faixa de Gaza, como resultado da pressão americana e israelense contra o movimento.

Que atividades o Hamas realiza no interior da comunidade palestina?

O Hamas é um movimento abrangente. Como movimento, cumpre tudo o que é exigido pelos partidos políticos e os movimentos de resistência, além da gestão do governo na Faixa de Gaza. Gere todos os assuntos políticos e sociais da Faixa de Gaza e outros assuntos do governo e departamentos, inclusive energia elétrica, alimentação, água e o Ministério do Abastecimento, entre outros. Além disso, nessa administração governamental, o movimento também tem uma área mediática, uma relativa aos prisioneiros nas prisões israelenses e uma área relativa aos mártires e aos feridos, aqueles que caem durante a agressão israelense contra o nosso povo.

Além disso, existe um sistema financeiro e um movimento diplomático ativo e relações com muitos países do mundo, dezenas de países no mundo. Temos escritórios que representam o movimento nesses países, especialmente no mundo árabe e islâmico, na Rússia, e temos relações com a China, a África do Sul e um grande número de países ao redor do mundo

Além disso, temos grande interesse na estrutura da resistência na Cisjordânia, em Al-Quds (Jerusalém) e na Faixa de Gaza, mas na Faixa de Gaza a resistência se transformou quase num exército, porque somos nós que governamos a Faixa de Gaza. Por isso, na Faixa de Gaza, Al-Qassam cumpre a função de exército. Mas também temos comitês em todos os campos de refugiados palestinos. Nossa missão é realizar o tão sonhado desejo do povo palestino, que é o retorno a sua terra e a libertação do território palestino.

O Hamas é um movimento abrangente, inserido em todos os aspectos da vida. Opera a serviço do nosso povo, para alcançar o objetivo da libertação da Palestina e do regresso do povo palestino.

Na atualidade, o sistema político palestino está dividido em

duas partes. Depois dos Acordos de Oslo, criaram um sistema atrelado ao acordo com “Israel” na Cisjordânia, na Faixa de Gaza e em Jerusalém. Esse é o resultado dos Acordos de Oslo.

O outro sistema político em que estamos inseridos, como palestinos, é um sistema abrangente, sob a bandeira da Organização para a Libertação da Palestina, que representa os palestinos na Palestina e na diáspora, que elegeram seus representantes no Conselho Legislativo Palestino, inserido no sistema político pós-Oslo⁶, e no interior do povo palestino que está sob ocupação.

Então, esse é o sistema político. Disputamos as eleições em 2006 e ganhamos, e foi a primeira vez que participamos das eleições, porque rejeitamos eleições sob ocupação. Quando entramos nas eleições, dessa vez, ganhamos a maioria dos assentos, como mencionei na pergunta anterior. Mas os EUA nos sitiaram, e assim começou a divisão dentro da “casa” Palestina, que foi dividida em duas partes: Abu Mazen (Mahmoud Abbas, presidente da Autoridade Nacional Palestina) e Fatá foram para a Cisjordânia e levaram consigo a OLP, e a outra seção é o Hamas na Faixa de Gaza, que permaneceu como um movimento de resistência a “Israel”, opondo-se aos acordos políticos de Oslo, a que o presidente Abu Mazen aderiu na Cisjordânia.

Assim, o povo palestino ficou dividido em duas partes: o Hamas e o Fatá. O Fatá está comprometido com um caminho político com “Israel”, e o Hamas é um movimento de resistência que confronta “Israel” e resiste à ocupação. O sistema político ficou dividido, mas não partilhamos o poder com Abu Mazen. Nós nos opomos a ele na Cisjordânia, onde temos uma enorme popularidade. E ele perturbou todas as instituições democráticas na Cisjordânia: aboliu o Conselho Legislativo, aboliu o Tribunal de Justiça, o tribunal do sistema judicial foi abolido e concentrou todas as ações do executivo em suas próprias mãos, as medidas judiciárias em suas próprias mãos, e trabalhos legislativos em suas próprias mãos. Tornou-se uma autoridade ditatorial em Ramalá, que deriva seu poder de “Israel” e seu orçamento do Ocidente, dos EUA e de “Israel”.

Quanto ao Hamas, foi sitiado, e suas capacidades são limita-

⁶ *Acordos de Oslo, que permitiram o surgimento da Autoridade Nacional Palestina, no início da década de 1990.*

das, mas suas ações são maiores do que essas capacidades, porque não há corrupção no Hamas. Quanto à corrupção, ela é enorme no Fatá, na OLP e na Autoridade (Palestina), portanto suas crises financeiras são graves, enquanto nós não temos nenhum problema financeiro.

Qual é o peso relativo do Hamas, em relação às outras organizações políticas do povo palestino?

Na atual fase, como disse, somos um movimento de libertação, portanto gostaríamos que todos os movimentos, partidos e facções do povo palestino participassem conosco num quadro único., independentemente das porcentagens relativas de participação de cada um deles. Porém, se considerarmos as últimas eleições que ocorreram no Conselho Legislativo, formado por 133 membros, o Hamas conquistou 76 assentos, o Fatá conquistou 42, a esquerda conquistou três, e os independentes ganharam dois assentos.

Esse resultado significa que a porcentagem da maior parte das outras facções é fraca, e sua representação entre o povo palestino é muito pequena. No entanto eles têm uma história. No passado, eram grandes, mas agora são fracos. Por exemplo, a Saeka foi a segunda maior organização da Organização para a Libertação da Palestina, maior que a Frente Popular e maior que a Frente Democrática, mas agora não representa nada. A Frente Popular, em outra fase, foi a segunda maior organização, mas também se tornou uma organização pequena entre o povo palestino. O povo palestino está dividido entre duas grandes organizações: Fatá e Hamas.

O método de luta do Hamas é de aterrorizar a população israelense?

Certamente está aterrorizando a população, é verdade. E qual é o nosso trabalho, na luta contra a ocupação israelense? Esses israelenses vieram do Ocidente, vieram do Oriente, vieram de todo lado, e expulsaram a população palestina nativa, que foi confinada nos campos de refugiados. Estamos resistindo a isso, para que nosso povo palestino retorne a sua terra.

Então, a guerra certamente aterroriza ambas as partes, como

o nosso povo palestino. Se compararmos os prisioneiros israelenses e os prisioneiros palestinos, estamos sob ocupação. Há dez mil prisioneiros palestinos, enquanto mantemos 134 israelenses. Os números chegam agora a 30 mil mártires e 70 mil feridos, enquanto morreram 1.200 israelenses. Ou seja, nessa batalha maior do 7 de Outubro, 1.200 mortos, em comparação com 30 mil palestinos.

Certamente é uma guerra, uma guerra entre um povo ocupado e os ocupantes. E esses ocupantes, infelizmente, quero dizer, estão todos armados, todos eles. O povo inteiro é um exército e tem um Estado. Ao contrário de todos os países do mundo, em que a norma é que o Estado tenha um exército, “Israel” é um exército que tem um Estado e tem um sistema.

Agora, essa é definitivamente uma situação invertida, porque “Israel” é um país que foi plantado, no lugar errado e na hora errada, e o Ocidente quer que ele permaneça para servir ali ao Ocidente colonial. Então, não temos escolha, devemos resistir, e ainda assim dizemos que estamos dispostos a viver juntos, nós e os judeus, contanto que eles permitam que o povo palestino retorne a seu país.

Quanto à lei de retorno para judeus de todo o mundo, com a justificativa de que eles tinham um Estado judeu quatro mil anos atrás, que teriam vivido na Palestina e, por isso, teriam o direito de voltar, quatro mil anos atrás... Eles dizem isso. Mas eu, que nasci na Palestina, meu pai nasceu na Palestina e meu avô nasceu na Palestina e, desde nosso mestre Adão, estamos na Palestina, essas pessoas não têm o direito de viver na Palestina. Quanto àquele que viveu apenas setenta anos na Palestina, há quatro mil anos, ele tem o direito de retornar à Palestina hoje, e eu não tenho esse direito. Isso é uma grande injustiça. Por isso, somos uma resistência, e a resistência é certamente uma intimidação para todos.

Qual é o método de luta fundamental do Hamas?

Usamos todos os instrumentos jurídicos de que dispomos, ao abrigo do Direito Internacional, para resistir à ocupação. Nossa resistência é legítima também do ponto de vista legal. Temos resistência legal, temos resistência popular, temos resistência armada, temos resistência econômica e temos também a solidariedade dos povos do mundo todo contra a ocupação israelense. Resistimos à

ocupação por todos os meios.

Por que o Hamas considera necessário o recurso da luta armada?

Acredito que a luta armada é necessária porque nenhuma ocupação no mundo lhe dará sua independência por meio de negociações. Nunca aconteceu na história uma ação política que libertasse um país, ou lhe desse independência. Temos a experiência dos nossos irmãos do Fatá e da OLP, que disseram: “Não queremos resistência, queremos negociação política”. Então assinaram os Acordos de Oslo, em 1994, que previa sua implantação em cinco anos. O acordo previa, depois de cinco anos, a independência dos palestinos na Cisjordânia e na Faixa de Gaza, e Al-Quds (Jerusalém) como capital.

Hoje estamos em 2024, ou seja, já se passaram trinta anos desde esse acordo, e não avançamos um único passo, porque é impossível a ocupação dar, em palavras, um Estado. Por quê? Por que o daria a você, se você não consegue conquistá-lo? É sabido que a liberdade é conquistada, não é dada. Ninguém dá liberdade a ninguém. Ela deve ser conquistada com suas forças e defesas, e continuamos nossa resistência até obter nossa liberdade.

A luta armada do Hamas é uma luta isolada do povo?

Absolutamente não. Todo o nosso povo deveria ser chamado a lutar com armas, mas as circunstâncias do povo palestino são diferentes. Por exemplo, temos quatro milhões de palestinos na Jordânia que são impedidos, pelo regime jordaniano, de exercer seu direito de resistir à ocupação. Temos meio milhão de palestinos na Síria, onde o regime não permite resistir à ocupação. No Líbano, há 200 mil palestinos, mas eles resistem à ocupação. Na Cisjordânia, há 3,5 milhões de palestinos que tentam resistir à ocupação, mas a Autoridade Palestina, liderada por Abu Mazen, não o permite.

Quanto à Faixa de Gaza, existe uma autoridade, mas que permite a resistência, e por isso há milhares de combatentes, presentes em todos os partidos e de todas as facções. Portanto é isso que é nosso povo palestino.

O Hamas tem a intenção de exterminar os judeus, ou qualquer outra religião, ou grupo étnico?

Certamente não. Não estamos falando de genocídio, nem estamos falando de uma religião específica. Havia judeus que viviam junto com os palestinos na Palestina, e eram palestinos. Nossa relação com eles era de amizade, de amor. É um povo com quem não temos problemas.

Nós, como muçulmanos, acreditamos na Bíblia Sagrada dos judeus e na Bíblia Sagrada dos cristãos. Acreditamos que eles têm o direito de existir. E, como muçulmanos, devemos preservar o judeu e sua religião, e o cristão e sua religião, porque Deus, Todo Poderoso, nos ordenou. Você tem sua religião, e eu, a minha.

Nossa religião não nos permite forçar ninguém a ter uma fé, nem forçar alguém a mudar de religião. Não é permitido. Portanto, onde quer que haja um país muçulmano, você encontra liberdade para todas as outras religiões.

O Iraque é um país de maioria muçulmana, mas você encontra lá aqueles que adoram o fogo. E você encontra no Iraque aqueles que adoram Satanás, e você encontra lá aqueles que adoram a luz. Cada um é livre, e isso vem desde o início da história. É assim.

Não tem, na história dos árabes e muçulmanos, nenhum registro de extermínio de qualquer grupo étnico, nem mesmo de um grupo muçulmano dissidente. A prática de extermínio não é permitida. Assim determina nossa religião. Não queremos exterminar os judeus. Queremos viver com os judeus em nosso país, mas eles dizem que esse é um Estado religioso, apenas para os judeus. Nenhum palestino tem o direito de viver nesse país. O que fazer?

Para o Hamas, a religião judaica e o sionismo são a mesma coisa?

Para nós, não. O sionismo é um movimento político que explorou a religião como fachada, para agrupar os judeus na Palestina. Mas existem milhares, milhões de judeus que não apoiam o sionismo. Infelizmente, há muitos cristãos, especialmente nos EUA, que são mais sionistas do que muitos judeus.

O Hamas é um inimigo dos partidos de esquerda em geral?

Certamente não. Estamos agora aliados à Frente Popular, à Frente Democrática e a todos os partidos de esquerda. Não somos oponentes de nenhuma facção palestina por causa de ideologia política. Nos unimos por objetivos políticos e divergimos por objetivos políticos, não por crenças.

A propaganda sionista no Brasil afirma que o seu partido impõe uma ditadura violenta em Gaza.

A imprensa ocidental controla todos os meios de comunicação. No início do 7 de Outubro, tentaram nos equiparar ao ISIS (Estado Islâmico). Não conseguiram sustentar essa propaganda porque não somos como o ISIS. Disseram muitas coisas, e era tudo mentira, e pediram desculpas.

A propaganda ocidental é extremamente forte, mas não impomos nada a ninguém. Temos as leis, que devem ser observadas, e as instituições que as implementam. E, na Faixa de Gaza, todas as pessoas têm total liberdade para praticar suas crenças, sejam elas cristãs ou de outra religião. Nós não impusemos nossas crenças a ninguém. Todos são livres para acreditar no que acreditam.

As mesmas fontes procuram apresentar “Israel” como uma democracia. É fato isso?

Quero dizer, isso é engraçado... a democracia em “Israel” é só para os judeus, e não para todos os judeus. Os judeus... Há uma distinção entre os judeus ocidentais e os judeus orientais. Então, judeus que vieram da Etiópia são tratados com racismo e, portanto, trabalham em empregos inferiores, varrendo ruas e em outras tarefas inferiores, e sempre se manifestam contra a injustiça nessa sociedade. Também discriminam judeus muçulmanos e cristãos. Portanto os muçulmanos e os cristãos não têm os mesmos direitos que os judeus. Não são os mesmos direitos. A terceira coisa é que ocupam um outro país e, se constroem uma rua, por exemplo, em Jerusalém, permitem a passagem de judeus, mas não permitem a passagem de muçulmanos. Esse é um país de apartheid, um país de discriminação e um país, quero dizer... Nunca se pode afirmar

que esse é um país democrático, onde as pessoas são iguais.

Estamos satisfeitos e, a partir de agora, podemos dizer que haverá um Estado em que todos os israelenses, os 6 milhões, e todos os palestinos, os 7 milhões da Palestina histórica, serão cidadãos de um Estado, com igualdade de direitos e igualdade de deveres. Se fizermos isso, será um Estado democrático para todos os cidadãos.

Como você vê a reação dos povos árabes à luta contra o sionismo na Palestina?

A reação da juventude árabe é excelente. Podemos dizer que todo o povo árabe apoia o Hamas, a luta do Hamas. Talvez você tenha acompanhado as manifestações em todo o mundo árabe, que apoiam o Hamas. Mas os governos divergem, porque estão sob pressão do imperialismo global, especialmente dos EUA e do Ocidente. Estão sob intensa pressão. Mas é inútil. Efetivamente, o apoio do povo vai se refletir nos governos.

O movimento de resistência foi acusado de estupro de mulheres no dia 7 de outubro. O seu partido tem uma atitude que aceita o estupro?

A verdade é que o problema da violação, que é o termo que usamos, não existe entre nós, como muçulmanos. Nunca há estupro. Eu nunca ouço falar em estupro. Tenho agora 73 anos. Nunca ouvi um único caso de violação na nossa sociedade. Não existe essa cultura.

Mas o problema é que eles trazem sua cultura doentia. No dia em que ocuparam a Alemanha — os exércitos russo, inglês, francês e todos os exércitos que ocuparam a Alemanha —, não deixaram uma mulher sem ser estuprada. Nem uma única mulher sem estupro. Portanto tornou-se um problema na Alemanha. Como trabalhar com os filhos dos aliados que ocuparam a Alemanha? Tornou-se um problema na Alemanha.

Então, é isso. Essa história foi inventada. Mas eles voltaram atrás, se retrataram e desmentiram. Não produziram nem uma única prova de estupro. Portanto todas as declarações de “Israel” são mentiras que requerem provas. Mas, para tudo o que disse-

ram, não há provas de nada. Eu desafio você, se houver um único caso de estupro. A propósito, quando as prisioneiras que estavam com o Hamas foram libertas, e uma centena de mulheres foi liberta, eles pressionaram uma das mulheres para dizer que, sim, houvera um estupro. E um jornalista perguntou: “Foi com você?” Ela disse: “Sim”. Ele perguntou: “Como?” Ela respondeu: “Eles estupraram com os olhos”. Como alguém pode estuprar com os olhos?

Ainda sobre as mulheres. A propaganda imperialista diz que o Hamas é contra os direitos e a evolução das mulheres. Qual é a realidade?

Nós temos... Se você perguntar, a qualquer palestino ou muçulmano, sobre a questão das mulheres, brincamos que são o “Ministério do Interior”, pois elas controlam tudo. O homem trabalha e ela pega o dinheiro e decide como gastar. Para nós, a mulher... o homem é responsável por ela e pelas despesas dela. Mesmo que ela se case, alguém deve cuidar dela. Ela tem liberdade absoluta com seu dinheiro, e o homem é obrigado a cuidar dela financeiramente. Nossas mulheres recebem mais do que é seu direito por lei, e é por isso que as chamamos de “Ministério do Interior”. Aqui no Birô Político, temos a Dr^a Jamila Al-Shanti, que é uma mártir. Ela também foi martirizada, que Deus tenha misericórdia dela. Temos mulheres... Não ganhamos eleições, exceto graças às nossas mulheres.

Temos mais apoio entre as mulheres do que entre os homens. Na Assembleia Legislativa, 25% são mulheres. Mulheres do nosso partido, claro. (Um assessor de Marzuk diz: “o povo palestino foi criado por nossas mães, e não por homens”). Por Deus, diga a eles.

Mudando um pouco de assunto, quantos prisioneiros políticos palestinos há nesse momento em “Israel”?

Todos os políticos que estavam na Cisjordânia foram presos, depois de 7 de outubro, os do Hamas. Prenderam 5,5 mil homens, todos sem nenhuma acusação. Foram presos porque declaravam apoio ao Hamas. Então, temos as detenções, porque agora parece que é crime ser do Hamas. E temos muitos prisioneiros do povo palestino, cerca de 11 mil. Os presos políticos do Hamas são mais

de seis mil.

Todos esses prisioneiros são combatentes militares?

Não, esses são políticos. Os combatentes membros do Hamas presos são cerca de dois mil. Dos 11 mil, dois mil combatentes do Hamas, seis mil do Hamas no total, e o restante do Fatá e de outras organizações.

Esses prisioneiros, por que eles estão presos, qual é o crime deles?

É ser do Hamas. É um crime.'

Não há tribunais, nada?

A maioria desses presos políticos são presos administrativos. A prisão é renovada segundo uma antiga lei britânica. Durante a colonização britânica da Palestina, instaurou-se uma prisão administrativa. Essa prisão administrativa é renovada a cada seis meses. Há pessoas que passaram 18 anos em prisão administrativa.

Há prisioneiros que são crianças?

Ainda existem crianças e mulheres presas, todas as categorias. Mas o pior problema que enfrentamos é a tortura de todos os presos. A tortura é tão severa, que um grande número de presos morreu sob tortura. Alguns tiveram os membros quebrados, e as mulheres são deixadas nuas, humilhadas. A verdade é que está uma tragédia agora nas prisões.

A tortura é generalizada nas prisões israelenses?

Depois do 7 de Outubro, aumentou significativamente. A tortura ocorria sempre, antes do julgamento e durante a investigação. Depois do julgamento, não havia tortura. Mas, depois do 7 de Outubro, todos são submetidos a tortura. Podemos fornecer fotos para apoiar a entrevista. Fotos de detidos nus, fotos de crianças e mártires. Não sei os números, porque se recusaram a dar qualquer

informação à Cruz Vermelha. Nos acordos de troca, podemos saber exatamente todos os detidos e a sua classificação, porque eles também nos perguntam nomes e classificações dos prisioneiros que temos.

Uma última pergunta. Como você vê o futuro da Operação Dilúvio de Al-Aqsa e da luta palestina?

Nós vencemos desde o primeiro dia. Desde o primeiro dia, o Dilúvio de Al-Aqsa, as Brigadas Al-Qassam foram vitoriosas contra o exército israelense. Embora contassem com apenas algumas centenas de combatentes, eles foram capazes de destruir um exército inteiro. Nas fronteiras da Faixa de Gaza, mataram mais de 1.200, capturaram centenas e feriram milhares. Não existe mais uma força chamada Divisão de Gaza, que sitiava Gaza. Já não existe mais. Passamos a uma nova fase, e é difícil enfrentá-la, porque se tornou uma guerra mundial.

Tome nota, porque é uma resposta longa. Esse é o primeiro ponto, o que mencionei agora.

Depois da primeira batalha, que nós vencemos, os EUA mobilizaram imediatamente seu poder e criaram uma aliança ocidental muito grande, na qual entraram a Grã-Bretanha, a França, a Espanha, a Alemanha, a Holanda, a Itália, a maioria dos países ocidentais, além do Canadá e da Austrália. Fizeram uma aliança contra o Hamas, contra o movimento Hamas. Então, o Ocidente aliou-se a “Israel” e forneceu-lhe armas, tanques, aviões. Os aviões que a Grã-Bretanha tinha sobre a Ucrânia foram enviados a Gaza. Trouxeram todos os soldados dos “comandos” antiterrorismo do Chipre.

Uma guerra global contra quem? Contra Gaza e contra o Hamas. Todos pensaram que, em uma semana, o Hamas acabaria, não haveria salvação, porque a Faixa de Gaza tem 360 km² e enfrenta um exército de 350 mil soldados com tanques e veículos blindados, escavadeiras, aviões de todos os tipos enchendo o céu. Os aviões mais modernos, F-35 e F-16, tudo isso atacou o Hamas.

O Hamas certamente ficou na defensiva, diante dessa guerra mundial que foi lançada contra ele. Mas o Hamas estava preparado para isso. Seus combatentes se entrincheiram nos túneis, e, graças a Deus, conseguimos aguentar quatro meses, e ainda esta-

mos conseguindo. Estamos presentes no campo de batalha. Todo esse exército israelense não aguenta resistir no campo. Estamos presentes ainda na nossa resistência contra os israelenses, e nós controlamos o terreno, não eles. Destruímos milhares de tanques, veículos blindados e veículos de transporte de pessoal, e matamos milhares deles, ferimos milhares. Admitiram que o número de israelenses mortos foi 500 soldados e 15 mil feridos, mas os números são muito maiores do que esses. Ainda estamos presentes na batalha de defesa e podemos nos defender. Portanto venceremos inevitavelmente essa batalha.

O problema que enfrentamos, muito francamente, é o problema dos civis que eles atingem. Eles só matam civis. Mataram médicos, centenas de jornalistas e centenas de homens da defesa civil. Temos 70% dos mortos de mulheres e crianças. O resto, incluindo jornalistas, médicos, homens da defesa civil e idosos. São os que eles matam. É realmente um problema estarmos nessa situação. Tragam num pendrive as fotos dos prisioneiros e das crianças (pedindo para um assessor). As fotos das pessoas nuas, prisioneiros e crianças. Então, o que estou dizendo é que essa é exatamente nossa situação no terreno.

Agora, estamos numa fase de negociação. No início, recusaram-se a negociar com o Hamas, porque queriam destruir o Hamas, mas não conseguiram. Por isso, agora recorreram à negociação com o Hamas para libertar os prisioneiros.

Temos alguns pontos fortes. Nossa maior força é a nossa frente interna. Nosso povo é sólido, forte e paciente, e também temos nossa resistência com boa saúde, forte e paciente. Somos capazes de lutar e temos prisioneiros israelenses. Esses são três pontos de força que possuímos, e agora vamos negociar. Estamos negociando a troca de prisioneiros, a entrega dos prisioneiros que temos, a libertação dos prisioneiros deles, a quebra do cerco imposto à Faixa de Gaza e a prestação de socorro aos civis, com comida, bebida e abrigo. Essa é a fase em que estamos agora com os israelenses, os americanos, os egípcios e os cataris. Esses são os que certamente estão travando a batalha de negociação.

Até agora, eu falei sobre as etapas pelas quais passou a Operação Dilúvio de Al-Aqsa. Agora, quero falar sobre a próxima situação. O que vem depois dessa batalha. E isso também diz respeito às negociações. As negociações são relativas à reconstrução. Abri-

go, socorro e reconstrução da infraestrutura, além dos serviços públicos. Os israelenses destruíram todos os hospitais. Destruíram universidades, escolas e municípios. Não deixaram sobrar nada. Destruíram 46% das casas das pessoas. Vou passar para vocês as estatísticas que foram divulgadas. Quer dizer, o que foi feito detalhadamente até agora. Então, temos de discutir todas essas questões.

Deve também haver um diálogo nacional, a fim de criar um governo palestino competente, que não seja nem do Hamas, nem da Jiade Islâmica, nem do Fatá. Um governo palestino competente para lidar com a comunidade internacional e com o povo palestino, para reconstruir, realojar as pessoas, além de gerir a vida econômica, política e social, dentro da Faixa de Gaza. Abrir um diálogo nacional para reconstruir a Organização de Libertação e a participação de todos os palestinos na OLP.

Se fizermos isso, também teremos apresentado nossa visão política à comunidade internacional em relação ao futuro. Estamos confiantes na vitória, se Deus quiser, e também estamos confiantes de que estabeleceremos um Estado Palestino independente na Cisjordânia e na Faixa de Gaza, com Jerusalém como capital. Se Deus quiser, nossos prisioneiros serão libertos, e preservaremos nossa Mesquita de Al-Aqsa, se Deus quiser.

Entrevista com Basem Naim, do Birô Político do Hamas

Entrevistamos o doutor Basem Naim, membro do Birô Político do Hamas e responsável pelo Hamas em Gaza. Doutor Basem é ex-ministro da Saúde palestino e tem uma longa história de luta pelos direitos palestinos, tendo perdido seu filho, morto pelos israelenses em 2003 e, neste conflito atual, sua mãe e sete membros de sua família.

Doutor Basem, qual é a situação humanitária em Gaza neste momento?

Muito obrigado por me entrevistar. Eu acho que não existe palavra melhor para descrever a catastrófica situação no terreno do que a da decisão da CIJ, Corte Internacional de Justiça, que descreveu que o que “Israel” comete em Gaza é um genocídio. Quando se fala em genocídio, você pode imaginar que eles estão atingindo tudo, para exterminar qualquer existência palestina. Existência humana, existência institucional, existência cultural, existência religiosa.

Portanto, após cerca de 130 dias de agressão israelense contra o nosso povo na Faixa de Gaza — e a propósito, ao mesmo tempo, na Cisjordânia —, estamos falando de cerca de 30 mil palestinos mortos. A maioria deles são crianças e mulheres. Milhares continuam sob os escombros. Cerca de 70 mil palestinos feridos. A maioria deles também são mulheres e crianças.

Aliás, esta é a primeira vez na história das guerras que são mortas mais mulheres e crianças do que homens, e que os feridos são apenas o dobro das pessoas mortas. Geralmente é de 1 para 5, ou 1 para 6. Neste caso, podemos falar de 1 para 2, refletindo a agressividade de atingir toda a sociedade.

E, quando falam de alvos militares ou quando falam de alvos precisos, trata-se apenas da habitual propaganda israelense. Eles destruíram quase todos os hospitais, especialmente no norte da Faixa de Gaza, está tudo destruído. O sistema de saúde está totalmente colapsado. Eles destruíram cerca de 70% das construções residenciais, todas as universidades, a maioria das escolas, cerca de 1100 das 1200 mesquitas. As três igrejas foram atacadas. A infraestrutura, quero dizer, instalações de água, poços, tudo o que está vivo ou tudo o que pode ajudar as pessoas a sobreviver, foi alvo. Inclusive estes grandes alvos que mencionei agora

Se entrar em detalhes, ouvirá muitas histórias muito, muito dolorosas e marcantes. Uma delas, por exemplo, de ontem. Estavam sitiando o hospital Nasser há três semanas. Atiradores mataram, dentro do hospital, dúzias de palestinos que se deslocavam dentro do hospital, seja pessoal médico ou pessoas deslocadas, negando ao hospital qualquer contato com o exterior. Sem água, sem remédios, sem combustível, nada. Ontem, pediram a uma das pessoas refugiadas dentro do hospital que usasse o que chama-



Basem Naim com Rui Costa Pimenta

mos de guarda-pó da Covid. E colocaram na cabeça dele um sinal amarelo e pediram-lhe que dissesse às pessoas no hospital que tinham de evacuar o hospital. E então disseram a ele que, depois de dizer isso às pessoas, devia voltar até eles para dizer a resposta. E, quando ele voltou, eles o assassinaram. Esta é uma entre milhares de histórias.

Se você entrar em detalhes, ouvirá a famosa história da criança Hind. Talvez você tenha ouvido sobre isso, uma menina de seis anos, que ficou presa num carro, e as ambulâncias foram lá para resgatá-la. Eles mataram os dois trabalhadores da ambulância e a garota. Mais uma vez, não há palavras para descrever a situação atual, a situação da saúde no país. As pessoas estão realmente morrendo de fome no norte da Faixa de Gaza. Eles estão, às vezes, passando dias sem nenhuma comida, sem nenhum remédio. Não está disponível. Sem água, sem combustível.

Portanto sempre dizemos que “Israel” está travando duas guerras. Uma é pelos tanques, jatos e marinha, e a outra é matando de fome e sufocando as pessoas no país. A situação é muito, muito séria. Agora, em Rafá... eles estão se preparando para a operação militar em Rafá. Em Rafá, agora vivem cerca de 1 milhão e 400 mil palestinos que se deslocaram do norte para o sul, o que foi solicitado pelos israelenses: “vocês têm que sair do norte e ir para o sul”, onde deveria ser seguro. Agora eles estão atacando Rafá. Antes de 7 de outubro, os residentes de Rafá eram cerca de 250 mil. Agora estamos falando de 1 milhão e 400 mil, o que é inimaginável. Mas, apesar disso, eles estão avançando, apesar das decisões da CIJ de parar a agressão, de parar esse cerco a Gaza, para permitir a entrada de ajuda para proteger os civis. Apesar de todos os apelos da comunidade internacional, eles continuam.

Há dois dias, eles iniciaram ou lançaram a operação mediante um primeiro ataque. Eles mataram cerca de 100 e feriram centenas. Mais uma vez, a situação no terreno é muito, muito grave. O que indica a seriedade é que a OMS, talvez há alguns dias, declarou que, se a guerra terminasse hoje, sem uma intervenção internacional, um quarto dos palestinos que vivem dentro da Faixa de Gaza poderiam morrer, por causa da fome, ou por causa de novas doenças infecciosas. Milhares e milhares de palestinos sofrem de doenças infecciosas por causa da ausência de medicamentos, por causa de abrigos superlotados, por causa da falta de higiene, falta

de comida, falta de água saudável. É muito sério.

Você diria que a guerra é uma guerra contra a população civil desarmada?

Acho que este não é um plano oculto. Os israelenses, desde o primeiro dia, disseram: “temos dois objetivos principais. Um, esmagar a resistência, e o segundo, expulsar todos os palestinos da Faixa de Gaza”. E então eles repetiram isso de maneiras diferentes. Alguém disse que tinham de lançar bombas atômicas ou nucleares sobre os habitantes de Gaza. Um deles disse que tinham de converter a Faixa de Gaza em um parque de estacionamento, ou num parque infantil.

Há alguns dias, eles organizaram uma grande conferência em Jerusalém com a participação de autoridades, cerca de 30 membros do Knesset⁷ e ministros, que estavam falando sobre planos de como reassentar, como reconstruir assentamentos [israelenses] na Faixa de Gaza. Penso que esta é uma parte crucial e central dessa agressão. E estes não são planos novos, estes planos são dos anos 70 e 80. E, onde houver uma oportunidade de implementá-los, eles tentam usá-los. E temos a certeza de que estes planos não se aplicam apenas à Faixa de Gaza. Se terminarem sua missão de agressão na Faixa de Gaza, irão para a Cisjordânia e iniciarão imediatamente o mesmo plano, que já implementaram na Cisjordânia.

Você sabe que cerca de 62%, 65% da Cisjordânia já foi confiscada pelos assentamentos ou pelos colonos⁸. Agora estão comprimindo os palestinos nas cidades e convertendo todas essas cidades em prisões. E temos a certeza de que começarão a apertar cada vez mais os palestinos, como fazem em Gaza, para que decidam, pela força ou “voluntariamente”, ir embora. Talvez para a Jordânia.

Novamente, estes são planos anunciados e declarados publicamente. [Bezale] Smotrich⁹, há alguns meses, disse que os palestinos têm duas opções: ir embora ou serem assassinados. E ele

7 *Parlamento israelense.*

8 *Milicianos israelenses que expulsam os palestinos de suas terras e formam assentamentos.*

9 *Ministro das Finanças de “Israel”.*

falou sobre a Jordânia como parte do “Grande Israel”¹⁰. Portanto, sim, esta é uma parte central da agressão israelense hoje.

Uma das características mais terríveis do conflito são as crianças. Por que tantas crianças?

Olha, eu acho que por dois motivos. Em primeiro lugar, temos sempre que lembrar que cerca de 75% dos habitantes de Gaza têm menos de 18 anos, são crianças, o que significa que, quando eles atacam edifícios residenciais, escolas, 100% [de chance], vão atacar muitas crianças. Em segundo lugar, eu acredito que “Israel” sempre falou sobre o conflito demográfico. Hoje, dentro das fronteiras da Palestina histórica, do Rio [Jordão] ao Mar [Mediterrâneo], existem 7 milhões de judeus e também mais de 7 milhões de palestinos. E sabemos que há outros 7 milhões de palestinos no exterior, na diáspora. Portanto esse conflito demográfico é também uma parte central e crucial de toda a história do conflito.

Hoje, por exemplo, eles tentam arduamente empurrar a existência palestina em Jerusalém para fora da cidade, porque sabem que assim talvez poderão controlar a área pela força. Mas, mais cedo ou mais tarde, não conseguirão exterminar a existência dos palestinos, a menos que matem o máximo que puderem de palestinos.

Portanto, eu penso, novamente, que é porque a maioria das pessoas em Gaza são crianças, cerca de 70% a 75%. E, segundo, porque eles visam o futuro da existência dos palestinos dentro da Faixa de Gaza.

Então você acha que eles matam intencionalmente as crianças?

Claro. Olha, em muitos casos. Por exemplo, um dia eles invadiram o Hospital Al-Rantisi, que é um hospital pediátrico, hospital infantil. Eles forçaram as famílias a evacuar os hospitais, inclusive os refugiados, e forçaram as famílias a deixarem bebês em incubadoras para trás. E quando as famílias vieram, depois de

¹⁰ Política israelense para dominar toda a região da Palestina, expulsando os palestinos da Faixa de Gaza e da Jordânia.

duas semanas, para procurar os filhos, encontraram-nos mortos nas incubadoras, porque eles fecharam o fornecimento de oxigênio. Sim, está claro. Eles veem as crianças como alvo. E até mesmo na CIJ, eles dependeram de declarações oficiais do presidente, do primeiro-ministro, do ministro da Defesa, de que todos os palestinos dentro da Faixa de Gaza, inclusive as crianças, são terroristas e têm de ser atacados.

Portanto, é uma guerra de extermínio de todo um povo.

Claro, é genocídio. Para exterminar totalmente a existência. Como se pode converter a Faixa de Gaza em uma área de estacionamento, ou um pátio, ou um espaço vazio para novos colonatos, sem exterminar as pessoas de lá?

Essa situação em Gaza é o clímax de uma situação de longa data. Como eram as condições de vida em Gaza antes do 7 de Outubro?

Fui ministro da Saúde durante anos, e lutávamos todos os dias pela sobrevivência do povo. Talvez a melhor descrição seja a de especialistas jurídicos, especialistas jurídicos internacionais, incluindo especialistas da ONU, que descreveram Gaza como a maior prisão ao ar livre. Alguns, inclusive até especialistas judeus, descreveram Gaza como um campo de concentração. Como é possível ter cerca de 2,3 milhões de palestinos em uma pequena faixa de 360 quilômetros? Esta é uma das áreas mais populosas da Terra, com fronteiras fechadas, controladas rigidamente pelos israelenses.

Em algum momento, tivemos oficiais do lado israelense especialistas em nutrição que calculavam quantas calorias um palestino precisaria diariamente. E, com base nisso, permitiram que alimentos e outras coisas entrassem em Gaza... Quer dizer, eles lidavam conosco como uma fazenda de animais e controlavam até a nossa comida, os nossos remédios. Conheço, como ministro da Saúde, muitas pessoas que morreram em Gaza porque lhes foi negada a permissão para deixar a Faixa de Gaza para receber tratamento em Jerusalém, ou em Hebron, ou mesmo na Jordânia, ou no Egito.

Quero dizer, era tão terrível. Sem horizonte, sem futuro, situação de saúde catastrófica, sistema educacional catastrófico. Porque, mais uma vez, não há segurança, mais de 7 mil itens não eram autorizados, eram impedidos de entrar em Gaza, sob o pretexto de dupla utilização.

Mais uma vez, foi catastrófico. Era tão frágil, que a ONU, talvez em 2018, ou em 2016... disse que, até 2020, Gaza seria inabitável. Ninguém imaginava que Gaza poderia ir além de 2020. Talvez devido à firmeza, à resiliência do povo, e a alguma ajuda de fora, nós fomos capazes de continuar. Mas, quando se trata de muitos detalhes, era tão sufocante, que ninguém de fora poderia imaginar que as pessoas conseguiriam sobreviver.

E, mesmo nessa situação, houve ataques israelenses em Gaza.

Esta era a cena habitual, desde que vencemos as eleições, em 2005, e formamos nosso primeiro governo, em 2006. Você via, todo ano, incursões [israelenses], às vezes grandes, outras menores, mas houve em 2006, em 2008, 2011, 2012, 2014, 2017–18, 2020–21, e entre elas havia sempre ataques. Portanto, ninguém em Gaza tem a sensação de segurança, ou mesmo... Sempre dizemos que a única certeza em Gaza é a incerteza. Em nenhum momento, você pode ter certeza de que na próxima hora poderá fazer isso ou aquilo, ou amanhã poderá planejar isso ou aquilo. Você não pode. De novo: a única certeza em Gaza era a incerteza.

Nesse espírito, qual era a economia em Gaza?

Não há economia em Gaza. Era apenas dia após dia de sobrevivência: 85% dos habitantes de Gaza dependiam da ajuda alimentar internacional. Mais de 80% vivem abaixo da linha da pobreza. Entre os jovens, a taxa de desemprego é de 65%. A taxa de desemprego total fica em torno de 50%. Não se pode falar de economia.

Veja, eles visavam a economia diretamente, destruindo até pequenas empresas e pequenos locais de trabalho. Em 2014, por exemplo, depois de anunciarem o cessar-fogo, enquanto partiam, destruíram mais de 70 pequenas empresas perto das fronteiras,

que eram capazes de oferecer alguns locais de trabalho, ou oportunidades de emprego para as pessoas dentro de Gaza. Podia ser uma fábrica de gelo, ou fábrica de sorvetes, ou uma fábrica de biscoitos. Estou falando de fábricas muito, muito simples e muito pequenas.

O dinheiro que entrava ou saía de Gaza era controlado pelos israelenses. Trabalhadores, água, eletricidade também. Olha, desde 2006, não tivemos nenhum dia com eletricidade por 24 horas. O tempo todo, foram seis horas, sete horas, oito horas. Como você pode construir uma economia sem eletricidade? Eletricidade significa... E o combustível também era controlado pelos israelenses. Portanto, se você fala de conexão da internet, de energia elétrica para as empresas, combustível para as padarias, tudo estava totalmente controlado. Mesmo o autorizado a entrar em Gaza, como abastecimento de alimentos, também era controlado pelos israelenses. Eles garantiam que fosse suficiente apenas para um dia, dois dias, três dias no máximo.

A propaganda imperialista e sionista diz que, enquanto os soldados do Hamas estão seguros nos túneis, o povo comum sofre na superfície, e que o Hamas usa as pessoas como escudos humanos. Isso é verdade?

Em primeiro lugar, “Israel” é uma potência ocupante e, como potência ocupante, pela lei internacional, tem deveres claros, que devem ser respeitados. Em primeiro lugar, proteger os civis e não os atacar com punições coletivas. “Israel” não tem o direito de negar hoje, às pessoas de Gaza, alimentos e medicamentos; nem de atacar hospitais e ambulâncias e até mesmo o armazenamento de alimentos.

Em segundo, todos esses túneis são túneis militares, para fins militares. Não se pode falar de túneis que possam abranger milhares ou milhões de pessoas. Estas são apenas rotas para se mover no subsolo, para mover-se em operações militares. Mas você não pode falar... Não temos a capacidade de construir esses túneis de proteção para milhares e milhares. Talvez você tenha visto alguns desses túneis. É apenas uma maneira de se mover.

Terceiro, há muitos abrigos coordenados com a ONU. Quero dizer, da ONU com os israelenses, e estes seriam lugares seguros

para os quais as pessoas poderiam se mudar. Todos esses abrigos, sem quaisquer exclusões, foram atacados e tiveram muitas pessoas mortas dentro das escolas, dentro dos abrigos, dentro dos hospitais. Muitos dos nossos colegas foram presos, enquanto coordenavam com a ONU a sua evacuação forçada de hospitais.

E como posso usar meu povo como escudo humano, enquanto eles atacam, por exemplo, quando atacaram o Hospital Batista, no início da agressão, e mataram mais de 500 palestinos de uma só vez? As pessoas procuraram refúgio no Hospital Batista, e milhares estavam lá, quando eles atacaram o hospital com uma das bombas mais agressivas e brutais. Como você pode proteger seu povo, se eles têm foguetes que podem penetrar por 30 a 40 metros abaixo do solo, mesmo se você os tiver?

Novamente, se vamos falar sobre escudo humano, nós acusamos “Israel” de estar usando nosso povo como alvo, nessa batalha militar. Eles estão usando nosso povo para pressionar a resistência. Dissemos sempre: por favor, proteja ou mantenha as pessoas seguras em algum lugar, e estamos prontos para continuar lutando. E, se aceitarmos esse argumento, então isso significa que a resistência também tem o direito de atacar todas as cidades dentro de “Israel”, porque todos esses assentamentos e kibutzim¹¹ são bases militares.

Hoje, por exemplo, o edifício principal das FDI¹², o Quiriá, fica no meio de Tel Aviv. A estação de rádio do exército fica no topo de um dos maiores edifícios de Tel Aviv. Todos esses assentamentos e colonos na Cisjordânia estão entre os civis, o nosso povo e o povo deles. Se for assim, significa que eles estão usando o seu próprio povo.

Mesmo os civis que estavam perto das fronteiras no dia 7 de outubro, eles estavam perto de complexos militares. Mais uma vez, acho que é como você disse, é uma propaganda israelense para se livrar de sua responsabilidade, como potência ocupante, de proteger os civis.

Olha, você pode ouvir todos os dias declarações de Guterres,

11 *Comunidades agrárias israelenses.*

12 *Forças de Defesa de Israel.*

o secretário-geral da ONU, ou outro, o Josep Borrell¹³. Ninguém está falando sobre o Hamas usar o povo como escudo humano. Eles estão pedindo a “Israel”, como potência ocupante, para evitar atingir civis.

Eu conheço muitos casos em que “Israel” conseguiu matar alguém dentro de seu quarto, sozinho. Quer dizer, quando eles querem fazer uma operação muito precisa, eles têm toda a facilidade para fazê-la. E há muitos casos em que líderes ou combatentes foram assassinados sozinhos dentro do seu quarto. Às vezes, sua esposa ou filhos não foram nem feridos, o que significa que o que eles estão fazendo, quando jogam essas enormes bombas nos bairros, no acampamento da praia, ou no campo de refugiados de Jabalia, eles não estão mirando na resistência ou nos combatentes da resistência. Eles querem atingir a população civil, para coagi-la, para colocá-la sob pressão.

Os combatentes do Hamas têm suas famílias na superfície?

Todas as nossas famílias estão acima do solo. Todo mundo, desde o Birô Político até os líderes militares, todos perderam parte da família. Eu mesmo perdi vários, eu sou civil por definição, como ministro da Saúde e membro político do gabinete. Minha mãe, minha sobrinha, meus netos foram mortos, durante a atual agressão. E o Sr. Ismail Hanié, o chefe do Birô Político, perdeu pelo menos de 60 a 70 membros de sua família próxima ou extensa, inclusive dois de seus netos. Todas as famílias estão na superfície.

O povo de Gaza, em geral, apoia a luta armada?

Olha, talvez, se eu disser que sim, pode ser visto como tendencioso, mas temos pesquisas feitas por órgãos neutros, apoiados por instituições ocidentais. Uma delas ficou muito famosa, feita dois meses depois do 7 de Outubro, que mostrou claramente que 80% apoia totalmente a resistência. Algumas pesquisas dizem ser acima de 90%, os que apoiam a resistência e a veem como a única maneira de alcançar nossos objetivos nacionais.

13 *Chanceler da União Europeia.*

E, por último, você acredita...

A propósito, sinto muito... Agora, estamos falando quatro meses ou quatro meses e meio depois (de 7 de outubro). Se todos esses milhões de pessoas, dentro da Faixa de Gaza, ou mesmo na Cisjordânia, não apoiassem a resistência, tenho certeza de que encontrariam uma maneira de levantar suas vozes, de falar contra, ou de sair às ruas pedindo para parar essa guerra. Há algumas vozes aqui e ali, esporádicas, mas nós não ouvimos grandes massas movendo-se contra a resistência, ou contra esse caminho para alcançarmos nossos objetivos.

Você acredita que a causa palestina está a caminho da vitória?

100% sim. Primeiro, infelizmente, fomos enganados, traídos, durante 30 anos, pelo chamado “processo de paz”. E não foi mais que um “processo”; ninguém estava planejando seriamente alcançar a paz. Quero dizer, os palestinos deram à comunidade internacional e aos americanos e aos israelenses uma oportunidade de chegar a uma solução para esse conflito.

Apesar de termos terras confiscadas – perdemos 78% de nossas terras históricas, para alcançar essa paz –, quem destruiu o processo de paz ou a paz? Quem matou Itzhak Rabin¹⁴? Não foram os palestinos. Quem matou Yasser Arafat¹⁵? Não foram os palestinos. Quem, claramente, publicamente, falou sobre minar o chamado “processo de paz”, ou a solução dos dois Estados? Foi [Benjamin] Netanyahu¹⁶, a partir de 1996, quando minou todos os chamados tratados de Hebron. Quero dizer, em nenhum momento, os israelenses levaram a sério a existência de um Estado palestino.

14 Ex-primeiro-ministro israelense, responsável pelos Acordos de Paz de Oslo, na década de 1990. Foi assassinado por um miliciano sionista contrário ao acordo com a Organização pela Libertação da Palestina (OLP).

15 Ex-líder da OLP, morto em condições suspeitas, provavelmente assassinado pelos israelenses.

16 Político sionista de extrema direita, primeiro-ministro de “Israel” atualmente e nos períodos de 1996-1999 e 2009-2021.

Você não vai encontrar nenhum partido israelense, incluindo os esquerdistas, que afirme claramente em seu estatuto: “nós somos a favor de uma solução de dois Estados, um Estado palestino e um Estado israelense”. Em nenhum momento, algum partido em “Israel”, incluindo o esquerdistas, apoiou um Estado palestino independente. Alguns deles estavam falando sobre um órgão governamental autônomo, um Estado menor, mas ninguém estava falando sobre um Estado independente e soberano para os palestinos, mesmo com fronteiras de 1967.

Mas o que é também importante em relação à sua pergunta: estudamos a história de muitas pessoas, em todo o mundo, que alcançaram os seus objetivos nacionais. No Vietnã, na Argélia, na África do Sul, em diferentes áreas. Esta é a única forma de atingir os objetivos nacionais [a luta armada]. Infelizmente, essas potências coloniais são tão brutais e tão agressivas, que não são uma organização de caridade que, de repente, vão dizer: “desculpe por incomodá-los durante alguns anos, estamos de saída”. Eles não irão embora, a menos que sejam forçados a sair. Eu estive na Argélia, na semana passada. Os franceses, em dois dias, mataram 45 argelinos que protestavam pacificamente, pedindo a independência. No Vietnã, na África do Sul, mesmo na América Latina, existem muitos países que alcançaram seus objetivos somente dessa forma.

Esta não é a nossa escolha. Se alguém puder nos ajudar a alcançar nossos objetivos de forma pacífica, por favor! Mas, se não, não podemos continuar a viver nessas condições desumanas. Portanto, quando Smotrich disse que os palestinos têm duas opções, sair ou serem mortos, nós respondemos. Também temos duas opções: viver aqui com liberdade e dignidade, ou morrer aqui de forma livre e digna. Não há outra escolha.

Temos certeza de que alcançaremos nossos objetivos, e essa é a natureza das coisas. E temos também a certeza de que este é um projeto artificial das potências coloniais aqui. Quer dizer, “Israel” não está profundamente enraizado aqui no terreno. Sei que a maioria dos israelenses tem dois passaportes. Quando se sentirem forçados e sob pressão, eles irão embora. Vocês verão palestinos que perderam suas casas, filhos, famílias e saíram dos escombros,

levantando o sinal de vitória e dizendo: “Alhamdulillah¹⁷, estamos aqui e continuaremos”. Você não encontrará esse espírito do outro lado, tenho certeza. Mais pressão, e eles vão embora, porque não estão profundamente enraizados.

Temos aqui nossos avós e bisavós, vivendo aqui por centenas de anos. Todas as manhãs, estou sob ocupação. Quando eu me pergunto por que estou aqui, não há resposta, porque é natural estar aqui. Estou aqui porque estou aqui. Mas tenho certeza de que os israelenses se perguntam, todas as manhãs, por que estão aqui. Eles estavam em Londres, em Roma, em Washington, em algum lugar de Moscou. E vieram para cá para ter uma vida melhor, e não para ficar o tempo todo sob ameaça de ser agredido, ou chantageado por motivos políticos.

E vemos que “Israel”, já antes do 7 de Outubro, estava tão profundamente fragmentado, social e politicamente e no nível civil, que, mesmo sem o 7 de Outubro, entraria em colapso por dentro.

Muito obrigado.

Foi um prazer.

17 “Louvado seja Alá” em árabe.

Parte 2
OPERAÇÃO DILÚVIO
DE AL-AQSA

Nossa narrativa... Operação Dilúvio de Al-Aqsa

Documento oficial do Movimento de Resistência Islâmica (Hamas)

Em Nome de Alá, o Mais Gracioso, o Mais Misericordioso

Ao nosso firme povo palestino,
Às nações árabes e islâmicas,
Aos povos livres em todo o mundo e àqueles que advogam pela liberdade, justiça e dignidade humana

Diante da contínua agressão israelense à Faixa de Gaza e à Cisjordânia, e enquanto nosso povo continua sua batalha pela independência, dignidade e libertação da ocupação mais longa já registrada, durante a qual ele tem demonstrado os mais finos exemplos de bravura e heroísmo, ao confrontar a máquina de assassinatos israelense e a agressão, gostaríamos de esclarecer ao nosso povo e aos povos livres do mundo a realidade do que aconteceu em 7 de outubro, as motivações por trás, seu contexto geral relacionado à causa palestina, bem como uma refutação às alegações israelenses e para colocar os fatos em perspectiva.

Primeiro — Por que a Operação Dilúvio de Al-Aqsa?

1. A batalha do povo palestino contra a ocupação e o colonialismo não começou em 7 de outubro, mas sim há 105 anos, incluindo 30 anos de colonialismo britânico e 75 anos de ocupação sionista. Em 1918, o povo palestino possuía 98,5% das terras da

Palestina e representava 92% da população na terra da Palestina, enquanto os judeus, que foram trazidos para a Palestina em campanhas massivas de imigração, em coordenação entre as autoridades coloniais britânicas e o Movimento Sionista, conseguiram controlar não mais que 6% das terras na Palestina e representavam 31% da população antes de 1948, quando a Entidade Sionista foi anunciada na histórica terra da Palestina. Naquela época, ao povo palestino foi negado o direito à autodeterminação, e as gangues sionistas empreenderam uma campanha de limpeza étnica contra o povo palestino, com o objetivo de expulsá-lo de suas terras e áreas. Como resultado, as gangues sionistas tomaram o controle à força de 77% da terra da Palestina, de onde expulsaram 57% do povo da Palestina e destruíram mais de 500 vilarejos e cidades palestinianas, cometendo dezenas de massacres contra os palestinos, culminando na criação da Entidade Sionista em 1948. Além disso, em continuidade à agressão, as forças israelenses, em 1967, ocuparam o restante da Palestina, incluindo a Cisjordânia, a Faixa de Gaza e Jerusalém, além de territórios árabes ao redor da Palestina.

2. Durante essas longas décadas, o povo palestino sofreu todas as formas de opressão, injustiça, expropriação de seus direitos fundamentais, e políticas de apartheid. A Faixa de Gaza, por exemplo, sofreu, a partir de 2007, um bloqueio sufocante por 17 anos, que a transformou no maior presídio a céu aberto do mundo. O povo em Gaza também sofreu com cinco guerras destrutivas e agressões, em todas as quais “Israel” foi a parte agressora. As pessoas em Gaza, em 2018, iniciaram as manifestações da Grande Marcha do Retorno, para protestar pacificamente contra o bloqueio israelense, suas condições humanitárias miseráveis, e para exigir seu direito ao retorno. No entanto, as forças de ocupação israelenses responderam a esses protestos com força brutal, matando 360 palestinos e ferindo 19.000 outros, incluindo mais de 5.000 crianças, em poucos meses.

3. De acordo com números oficiais, no período entre janeiro de 2000 e setembro de 2023, a ocupação israelense matou 11.299 palestinos e feriu 156.768 outros, a grande maioria civis. Infelizmente, a administração dos EUA e seus aliados não prestaram atenção ao sofrimento do povo palestino ao longo dos últimos anos, mas forneceram cobertura para a agressão israelense. Eles lamentaram apenas pelos soldados israelenses mortos em 7 de ou-

tubro, mesmo sem buscar a verdade sobre o que aconteceu, e erradamente seguiram a narrativa israelense, condenando um suposto ataque a civis israelenses. A administração dos EUA forneceu apoio financeiro e militar aos massacres de ocupação israelenses contra os civis palestinos e à agressão brutal na Faixa de Gaza, e ainda assim os oficiais dos EUA continuam a ignorar o que as forças de ocupação israelenses cometem de assassinatos em massa em Gaza.

4. As violações e brutalidades israelenses foram documentadas por muitas organizações da ONU e grupos internacionais de direitos humanos, incluindo a Anistia Internacional e a Human Rights Watch, e até mesmo por grupos israelenses de direitos humanos. No entanto esses relatórios e testemunhos foram ignorados, e a ocupação israelense ainda não foi responsabilizada. Por exemplo, em 29 de outubro de 2021, o embaixador de “Israel” nas Nações Unidas, Gilad Erdan, insultou o sistema da ONU, rasgando um relatório do Conselho de Direitos Humanos da ONU, durante um discurso na Assembleia Geral, e jogando-o em uma lixeira antes de deixar o pódio. No entanto, no ano seguinte — 2022 —, ele foi nomeado para o cargo de vice-presidente da Assembleia Geral da ONU.

5. A administração dos EUA e seus aliados ocidentais sempre trataram “Israel” como um Estado acima da lei; eles fornecem a cobertura necessária, para manter a prolongada ocupação e reprimir o povo palestino, além de permitir que “Israel” explore tal situação para expropriar mais terras palestinas e judaizar seus lugares sagrados. Apesar de a ONU ter emitido mais de 900 resoluções, ao longo dos últimos 75 anos, em favor do povo palestino, “Israel” se recusou a cumprir qualquer uma dessas resoluções, e o VETO dos EUA sempre esteve presente no Conselho de Segurança da ONU, para evitar qualquer condenação às políticas e violações de “Israel”. É por isso que vemos os EUA e outros países ocidentais cúmplices e parceiros da ocupação israelense, em seus crimes e no sofrimento contínuo do povo palestino.

6. Quanto ao “processo de assentamento pacífico”, apesar de os Acordos de Oslo, assinados em 1993 com a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), terem estipulado o estabelecimento de um Estado Palestino independente na Cisjordânia e na Faixa de Gaza, “Israel” destruiu sistematicamente todas as pos-

sibilidades de estabelecer o Estado Palestino, por meio de uma ampla campanha de construção de assentamentos e de judaização das terras palestinas, na Cisjordânia ocupada e em Jerusalém. Os apoiadores do processo de paz, após 30 anos, perceberam que chegaram a um impasse, e que tal processo teve resultados catastróficos para o povo palestino.

Os oficiais israelenses confirmaram, em várias ocasiões, sua rejeição absoluta ao estabelecimento de um Estado Palestino. Apenas um mês antes da Operação Dilúvio de Al-Aqsa, o Primeiro-Ministro israelense Benjamin Netanyahu apresentou um mapa de um chamado “Novo Oriente Médio”, retratando “Israel” se estendendo do Rio Jordão ao Mar Mediterrâneo, incluindo a Cisjordânia e Gaza. O mundo inteiro ficou em silêncio, naquela ocasião — na Assembleia Geral da ONU —, diante de seu discurso cheio de arrogância e ignorância em relação aos direitos do povo palestino.

7. Após 75 anos de ocupação implacável e sofrimento, e após o fracasso de todas as iniciativas de libertação e retorno de nosso povo, e também após os resultados desastrosos do chamado processo de paz, **o que o mundo esperava do povo palestino, em resposta aos seguintes fatos:**

- Os planos israelenses de judaização para a abençoada Mesquita de Al-Aqsa, suas tentativas de divisão temporal e espacial, bem como a intensificação das incursões dos colonos israelenses na mesquita sagrada.
- As práticas do governo israelense extremista e de direita, que está efetivamente tomando medidas em direção à anexação de toda a Cisjordânia e Jerusalém à chamada “soberania de ‘Israel’”, no meio de planos, na mesa oficial israelense, para expulsar palestinos de suas casas e áreas.
- Os milhares de detentos palestinos em prisões israelenses, que estão sofrendo privações de seus direitos básicos, bem como agressões e humilhações, sob supervisão direta do ministro fascista israelense Itamar Ben-Gvir.
- O bloqueio injusto por ar, mar e terra, imposto à Faixa de Gaza por mais de 17 anos.
- A expansão dos assentamentos israelenses na Cisjordânia em um nível sem precedentes, bem como a violência diária perpetrada pelos colonos contra palestinos e suas

propriedades.

- Os sete milhões de palestinos vivendo em condições extremas, em campos de refugiados e outras áreas, que desejam retornar às suas terras, de que foram expulsos há 75 anos.
- O fracasso da comunidade internacional e a cumplicidade das superpotências para impedir o estabelecimento de um Estado Palestino.

O que se esperava do povo palestino, após tudo isso? Continuar esperando e confiando na impotente ONU?! Ou tomar a iniciativa em defender o povo palestino, suas terras, direitos e santidades, sabendo que o ato de defesa é um direito consagrado em leis, normas e convenções internacionais?

Decorrente do exposto, a Operação Dilúvio de Al-Aqsa, em 7 de outubro, foi um passo necessário e uma resposta normal, para confrontar todas as conspirações israelenses contra o povo palestino e sua causa. Foi um ato defensivo, no âmbito de se livrar da ocupação israelense, reivindicando os direitos palestinos e no caminho para a libertação e independência, como fizeram todos os povos ao redor do mundo.

Segundo — Os eventos da Operação Dilúvio de Al-Aqsa e respostas às alegações israelenses

À luz das acusações e alegações fabricadas por “Israel” sobre a Operação Dilúvio de Al-Aqsa em 7 de outubro e suas repercussões, **nós, do Movimento de Resistência Islâmica – Hamas, esclarecemos o seguinte:**

1. A Operação Dilúvio de Al-Aqsa em 7 de outubro visou os locais militares israelenses e procurou prender soldados inimigos, para pressionar as autoridades israelenses a libertarem os milhares de palestinos detidos em prisões israelenses, por meio de um acordo de troca de prisioneiros. Portanto a operação focou em destruir a Divisão Gaza do exército israelense, os locais militares israelenses localizados perto dos assentamentos israelenses ao redor de Gaza.

2. Evitar causar danos a civis, especialmente a crianças, mulheres e idosos, é um compromisso religioso e moral de todos os combatentes das Brigadas Al-Qassam. Reiteramos que a resistência palestina foi totalmente disciplinada e compro-

metida com os valores islâmicos durante a operação, e que os combatentes palestinos apenas visaram os soldados de ocupação e aqueles que portavam armas contra nosso povo. Ao mesmo tempo, os combatentes palestinos se esforçaram para evitar prejudicar civis, apesar do fato de a resistência não possuir armas precisas. Além disso, se houve algum caso de ataque a civis, aconteceu acidentalmente e no decorrer do confronto com as forças de ocupação.

Desde a sua fundação, em 1987, o Movimento Hamas se comprometeu a evitar prejudicar civis. Após o criminoso sionista Baruch Goldstein, em 1994, cometer um massacre contra fiéis palestinos na Mesquita de Al-Ibrahimi, na cidade ocupada de Hebron, o Movimento Hamas anunciou uma iniciativa para evitar que civis fossem prejudicados pela luta de todas as partes, mas a ocupação israelense a rejeitou e nem sequer comentou sobre isso. O Movimento Hamas também repetiu tais chamados várias vezes, mas foi recebido por um ouvido surdo da ocupação israelense, que continuou seu direcionamento deliberado e assassinato de civis palestinos.

3. Talvez algumas falhas tenham acontecido, durante a implementação da Operação Dilúvio de Al-Aqsa, devido ao rápido colapso do sistema de segurança e militar israelense e ao caos causado ao longo das áreas fronteiriças com Gaza.

Como atestado por muitos, o Movimento Hamas lidou de maneira positiva e gentil com todos os civis que foram detidos em Gaza, e buscou, desde os primeiros dias da agressão, libertá-los, e isso aconteceu durante a trégua humanitária de uma semana, quando esses civis foram liberados, em troca da libertação de mulheres e crianças palestinas das prisões israelenses.

4. O que a ocupação israelense promoveu, de alegações de que as Brigadas Al-Qassam, em 7 de outubro, estavam visando civis israelenses, são apenas mentiras completas e maquinações. A fonte dessas alegações é a narrativa oficial israelense, e nenhuma fonte independente provou qualquer uma delas. É um fato bem conhecido que a narrativa oficial israelense sempre buscou demonizar a resistência palestina, enquanto também legalizava a brutal agressão sobre Gaza.

Aqui estão alguns detalhes que contradizem as alegações israelenses:

- Clipes de vídeo feitos naquele dia — 7 de outubro —, juntamente com testemunhos de israelenses que foram divulgados posteriormente, mostraram que os combatentes das Brigadas Al-Qassam não visavam civis, e muitos israelenses foram mortos pelo exército e pela polícia israelenses, devido à sua confusão.
- Também foi firmemente refutada a mentira dos “40 bebês decapitados” pelos combatentes palestinos, e até fontes israelenses negaram essa mentira. Muitas agências de notícia ocidentais infelizmente adotaram essa alegação e a promoveram.
- A sugestão de que os combatentes palestinos cometeram estupro contra mulheres israelenses foi totalmente negada, inclusive pelo Movimento Hamas. Um relatório do site de notícias Mondoweiss, em 1º de dezembro de 2023, entre outros, disse que não há evidências do “estupro em massa” supostamente perpetrado por membros do Hamas em 7 de outubro, e que “Israel” usou tal alegação “para alimentar o genocídio em Gaza”.
- De acordo com dois relatórios, do jornal israelense Yedioth Ahronoth, em 10 de outubro, e do jornal Haaretz, em 18 de novembro, muitos civis israelenses foram mortos por um helicóptero militar israelense, especialmente aqueles que estavam no festival de música Nova, perto de Gaza, onde 364 civis israelenses foram mortos. Os dois relatórios disseram que os combatentes do Hamas chegaram àquela área sem qualquer conhecimento prévio do festival, e que o helicóptero israelense abriu fogo indiscriminadamente contra os combatentes do Hamas e os participantes do festival. O Yedioth Ahronoth disse ainda que o exército israelense, para evitar mais infiltrações de Gaza e que algum israelense fosse preso pelos combatentes palestinos, atingiu mais de 300 alvos em áreas circundantes da Faixa de Gaza.
- Outros testemunhos israelenses confirmaram que as incursões do exército israelense e as operações dos soldados mataram muitos prisioneiros israelenses e seus captores. O exército de ocupação bombardeou as casas nos assentamentos israelenses, onde havia combatentes palestinos e israelenses, em uma clara aplicação da notória “Diretiva

Hannibal” do exército israelense, que diz claramente que “é melhor um refém civil ou um soldado mortos, do que serem capturados vivos”, para evitar envolvimento em uma troca de prisioneiros com a resistência palestina.

- Além disso, as autoridades de ocupação revisaram o número de seus soldados e civis mortos, de 1.400 para 1.200, após descobrirem que 200 cadáveres queimados pertenciam aos combatentes palestinos que foram mortos e misturados com os cadáveres israelenses. Isso significa que quem matou os combatentes também foi quem matou os israelenses, sabendo que apenas o exército israelense possui aviões militares que mataram, queimaram e destruíram áreas israelenses em 7 de outubro.
- Os pesados ataques aéreos israelenses em toda a Gaza, que levaram à morte de quase 60 prisioneiros israelenses, também provam que a ocupação israelense não se importa com a vida de seus prisioneiros em Gaza.

5. É fato também que muitos colonos israelenses, nos assentamentos ao redor de Gaza, estavam armados e entraram em confronto com combatentes palestinos, em 7 de outubro. Esses colonos foram registrados como civis, enquanto o fato é que eram homens armados que lutavam ao lado do exército israelense.

6. Quando se fala sobre civis israelenses, deve-se saber que o alistamento se aplica a todos os israelenses acima de 18 anos — homens que passam 32 meses de serviço militar, e mulheres que passam 24 meses — e que todos podem portar e usar armas. Isso é baseado na teoria de segurança israelense, de um “povo armado”, que transformou a entidade israelense em “um exército com um país anexado”.

7. O assassinato brutal de civis é uma abordagem sistemática da entidade israelense e um dos meios para humilhar o povo palestino. O assassinato em massa de palestinos em Gaza é uma evidência clara dessa abordagem.

8. O canal de notícias Al Jazeera disse em um documentário que, em um mês da agressão israelense em Gaza, a média diária de crianças palestinas mortas em Gaza foi de 136, enquanto a média diária de crianças mortas na Ucrânia — no curso da guerra russo-ucraniana — era de uma criança.

9. Aqueles que defendem a agressão israelense não olham

para os eventos de maneira objetiva, mas justificam o assassinato em massa de palestinos por “Israel”, dizendo que haveria baixas entre civis, ao atacar os combatentes do Hamas. No entanto, eles não usam a mesma suposição, quando se trata do evento Dilúvio de Al-Aqsa, em 7 de outubro.

10. Estamos confiantes de que quaisquer investigações justas e independentes provarão a verdade de nossa narrativa e mostrarão o tamanho das mentiras e informações enganosas do lado israelense. Isso também inclui as alegações israelenses sobre os hospitais em Gaza, de que a resistência palestina os usou como centros de comando; uma alegação que não foi provada e foi refutada por relatórios de muitas agências de imprensa ocidentais.

Terceiro — Rumo a uma investigação internacional transparente

1. A Palestina é um Estado-membro do Tribunal Penal Internacional (TPI) e aderiu ao seu Estatuto de Roma em 2015. Quando a Palestina pediu uma investigação sobre os crimes de guerra israelenses cometidos em seus territórios, ela foi confrontada com a intransigência e rejeição israelenses, e ameaças de punir os palestinos pelo pedido ao TPI. É também lamentável mencionar que houve grandes potências, que afirmam estar mantendo valores de justiça, que se aliaram completamente à narrativa da ocupação e se posicionaram contra as ações palestinas no sistema de justiça internacional. Essas potências querem manter “Israel” como um Estado acima da lei e garantir que escape da responsabilidade e prestação de contas.

2. Instamos esses países, especialmente a administração dos EUA, Alemanha, Canadá e Reino Unido, se estão realmente comprometidos com a prevalência da justiça, como afirmam, a anunciarem seu apoio ao curso da investigação de todos os crimes cometidos na Palestina ocupada, e a dar total apoio aos tribunais internacionais, para que possam desempenhar efetivamente seu papel.

3. Apesar das dúvidas desses países em apoiar a justiça, ainda instamos o Procurador do TPI e sua equipe a irem imediata e urgentemente à Palestina ocupada, para investigar os crimes e violações ali cometidos, em vez de apenas observar a situação re-

motamente, ou estarem sujeito às restrições israelenses.

4. Em dezembro de 2022, quando a Assembleia Geral da ONU aprovou uma resolução solicitando parecer da Corte Internacional de Justiça (CIJ) sobre as consequências legais da ocupação ilegal de “Israel” dos territórios palestinos, aqueles (poucos) países que apoiam “Israel” anunciaram sua rejeição à medida aprovada por quase 100 países. E quando nosso povo — e seus grupos legais e de direitos — buscaram processar os criminosos de guerra israelenses perante os tribunais dos países europeus — por meio do sistema de jurisdição universal —, os regimes europeus obstruíram tais movimentos, favorecendo os criminosos de guerra israelenses para permanecerem livres.

5. Os eventos de 7 de outubro devem ser colocados em seu contexto mais amplo, e todos os casos de luta contra o colonialismo e a ocupação em nosso tempo contemporâneo devem ser evocados. Essas experiências de luta mostram que, no mesmo nível de opressão cometida pelo ocupante, haverá uma resposta equivalente pelas pessoas sob ocupação.

6. O povo palestino e os povos do mundo inteiro percebem a escala de mentiras e decepções que esses governos que apoiam a narrativa israelense praticam, em suas tentativas de justificar seu viés cego e encobrir os crimes israelenses. Esses países conhecem as causas na raiz do conflito, que são a ocupação e a negação do direito do povo palestino a viver com dignidade em suas terras. Esses países não mostram interesse em relação à continuação do bloqueio injusto sobre milhões de palestinos em Gaza, e também não mostram interesse em relação aos milhares de detentos palestinos nas prisões israelenses, mantidos em condições em que seus direitos básicos são na maioria negados.

7. Saudamos os povos livres do mundo, de todas as religiões, etnias e origens, que se reúnem em todas as capitais e cidades ao redor do mundo, para expressar sua rejeição aos crimes e massacres israelenses, e mostrar seu apoio aos direitos do povo palestino e sua causa justa.

Quarto — Um lembrete para o mundo: quem é o Hamas?

1. O Movimento de Resistência Islâmica “Hamas” é um movimento palestino de libertação nacional e resistência islâmica.

Seu objetivo é libertar a Palestina e confrontar o projeto sionista. Sua referência é o Islã, que determina seus princípios, objetivos e meios. O Hamas rejeita a perseguição a qualquer ser humano ou a subversão de seus direitos, por motivos nacionalistas, religiosos ou sectários.

2. O Hamas afirma que seu conflito é com o projeto sionista, não com os judeus por causa de sua religião. O Hamas não luta contra os judeus por serem judeus, mas luta contra os sionistas que ocupam a Palestina. No entanto são os sionistas que constantemente associam o judaísmo e os judeus ao seu próprio projeto colonial e entidade ilegal.

3. O povo palestino sempre se posicionou contra a opressão, a injustiça e a prática de massacres contra civis, independentemente de quem os comete. E, com base em nossos valores religiosos e morais, afirmamos claramente nossa rejeição ao que os judeus sofreram nas mãos da Alemanha nazista. Aqui, lembramos que o problema judaico, em essência, era um problema europeu, enquanto o ambiente árabe e islâmico foi, ao longo da história, um refúgio seguro para o povo judeu e para outras pessoas de outras crenças e etnias. O ambiente árabe e islâmico foi um exemplo de convivência, interação cultural e liberdades religiosas. O conflito atual é causado pelo comportamento agressivo sionista e sua aliança com as potências coloniais ocidentais; portanto rejeitamos a exploração do sofrimento judaico na Europa, para justificar a opressão contra nosso povo na Palestina.

4. O Movimento Hamas, conforme as leis e normas internacionais, é um movimento de libertação nacional, que tem metas e missão claras. Ele obtém sua legitimidade para resistir à ocupação, a partir do direito palestino à autodefesa, à libertação e à autodeterminação. O Hamas sempre se esforçou para restringir sua luta e resistência contra a ocupação israelense ao território palestino ocupado, mas a ocupação israelense não respeitou isso e cometeu massacres e assassinatos contra os palestinos fora da Palestina.

5. Ressaltamos que resistir à ocupação com todos os meios, incluindo a resistência armada, é um direito legitimado por todas as normas, religiões divinas, as leis internacionais, incluindo as Convenções de Genebra e seu primeiro protocolo adicional, e as resoluções relacionadas da ONU, como a Resolução 3236 da Assembleia Geral das Nações Unidas, adotada pela 29ª sessão da As-

sembleia Geral, em 22 de novembro de 1974, que afirmou os direitos inalienáveis do povo palestino na Palestina, incluindo o direito à autodeterminação e o direito de retornar “a suas casas e propriedades, de onde foram expulsos, deslocados e desarraigados”.

6. Nosso firme povo palestino e sua resistência estão travando uma batalha heroica, para defender sua terra e seus direitos nacionais, contra a mais longa e brutal ocupação colonial. O povo palestino está enfrentando uma agressão israelense sem precedentes, que cometeu massacres hediondos contra civis palestinos, a maioria dos quais eram crianças e mulheres. No curso da agressão em Gaza, a ocupação israelense privou nosso povo em Gaza de alimentos, água, medicamentos e combustível, privando-os simplesmente de todos os meios de vida. Enquanto isso, os aviões de guerra israelenses atingiram selvagemmente todas as infraestruturas e edifícios públicos de Gaza, incluindo escolas, universidades, mesquitas, igrejas e hospitais, em um claro sinal de limpeza étnica, com o objetivo de expulsar o povo palestino de Gaza. No entanto os apoiadores da ocupação israelense nada fizeram, além de manter o genocídio em andamento contra nosso povo.

7. A utilização, pela ocupação israelense, do pretexto de “autodefesa”, para justificar sua opressão contra o povo palestino é um processo de mentira, engano e distorção dos fatos. A entidade israelense não tem direito de defender seus crimes e ocupação, mas o povo palestino tem o direito de obrigar o ocupante a acabar com a ocupação. Em 2004, a Corte Internacional de Justiça (CIJ) deu uma opinião consultiva, no caso sobre as “Consequências legais da construção de um muro no território palestino ocupado”, que declarou que “Israel” — a força ocupante brutal — não pode se apoiar no direito de autodefesa para construir tal muro no território palestino. Além disso, Gaza, segundo o direito internacional, ainda é uma terra ocupada; portanto as justificativas para a agressão em Gaza são infundadas e carecem de capacidade legal, bem como carecem da essência da ideia de autodefesa.

Quinto — O que é necessário?

Ocupação é ocupação, não importa como se descreva ou se nomeie, e continua sendo uma ferramenta para quebrar a vontade dos povos e seguir oprimindo-os. Por outro lado, as experiências

dos povos e nações, ao longo da história, sobre como se libertar da ocupação e do colonialismo, confirmam que a resistência é a abordagem estratégica e o único caminho para a libertação e o fim da ocupação. Alguma nação foi liberta da ocupação sem luta, resistência ou sacrifício?

Os imperativos humanitários, éticos e legais exigem que todos os países ao redor do mundo apoiem a resistência do povo palestino, e não colaborem contra ela. Eles devem confrontar os crimes e a agressão da ocupação, além de apoiar a luta do povo palestino para libertar suas terras e exercer seu direito à autodeterminação como todos os povos do mundo. **Com base nisso, fazemos os seguintes apelos:**

1. A imediata interrupção da agressão israelense em Gaza, dos crimes e limpeza étnica cometidos contra toda a população de Gaza, abrir os cruzamentos e permitir a entrada de ajuda humanitária em Gaza, incluindo ferramentas de reconstrução.

2. Responsabilizar legalmente a ocupação israelense pelo sofrimento humano causado ao povo palestino, e acusá-la pelos crimes contra civis, infraestrutura, hospitais, instalações educacionais, mesquitas e igrejas.

3. O apoio à resistência palestina, com todos os meios possíveis, frente à ocupação israelense, como um direito legitimado pelas leis e normas internacionais.

4. Apelamos aos povos livres de todo o mundo, especialmente àqueles que foram colonizados e compreendem o sofrimento do povo palestino, a tomar posições sérias e eficazes contra as políticas de duplo padrão adotadas pelos países que apoiam a ocupação israelense. Pedimos a essas nações que iniciem um movimento global de solidariedade com o povo palestino e enfatizem os valores da justiça e igualdade e o direito dos povos a viverem em liberdade e dignidade.

5. As superpotências, especialmente os EUA, o Reino Unido e a França, entre outros, devem parar de dar cobertura de responsabilidade à Entidade Sionista, e parar de lidar com ela como um país acima da lei. Esse comportamento injusto por parte desses países permitiu que a ocupação israelense, ao longo de 75 anos, cometesse os piores crimes já perpetrados, contra o povo palestino, suas terras e coisas e locais sagrados. Instamos os países ao redor do globo, hoje mais do que nunca, a cumprirem suas respon-

sabilidades ante o Direito Internacional e as resoluções relevantes da ONU que pedem o fim da ocupação.

6. Rejeitamos categoricamente quaisquer projetos internacionais ou israelenses destinados a decidir o futuro de Gaza, que apenas servem para prolongar a ocupação. Enfatizamos que o povo palestino tem a capacidade de decidir seu futuro e organizar seus assuntos internos, e que, assim, nenhuma parte do mundo tem o direito de impor qualquer forma de tutela sobre o povo palestino, ou de decidir por ele.

7. Pedimos que se levantem contra as tentativas israelenses de causar outra onda de expulsão — ou uma nova Nakba¹⁸ — dos palestinos, especialmente nas terras ocupadas em 1948 e na Cisjordânia. Ressaltamos que não haverá expulsão para o Sinai ou para a Jordânia, ou qualquer outro lugar, e que, se houver alguma realocação para os palestinos, será em direção às suas casas e áreas de onde foram expulsos em 1948, como afirmado por muitas resoluções da ONU.

8. Pedimos para manter a pressão popular ao redor do mundo, até o fim da ocupação; pedimos para se opor às tentativas de normalização com a entidade israelense e por um boicote abrangente à ocupação israelense e seus apoiadores.

18 A “catástrofe” em árabe, refere-se à expulsão e limpeza étnica contra cerca de um milhão de palestinos, durante a fundação do Estado de “Israel”, em 1948.

Declaração do Hamas no dia 7 de outubro

Ismail Hanié, o chefe do Birô Político do Hamas, fez o seguinte discurso, no primeiro dia da Operação Dilúvio Al-Aqsa, em 7 de outubro de 2023:

“Em Nome de Deus, o Mais Compassivo, o Mais Misericordioso.

Ó, filhos do nosso povo palestino, ó, filhos de nossa Umá. Hoje vocês têm um encontro marcado com uma grande vitória e um triunfo deslumbrante. Da linha de frente de Gaza indomável e orgulhosa, a Operação Dilúvio de Al-Aqsa foi lançada pelas Brigadas Al-Qassam, as facções da resistência e os filhos do nosso povo palestino. Vocês viram as grandiosas imagens desses combatentes piedosos e corajosos, que desenharam as marcas da humilhação, derrota e colapso no rosto do inimigo. A Operação Dilúvio de Al-Aqsa, anunciada pelo meu querido irmão e comandante do Estado-Maior General da Resistência Mujahid Mohamed Deif, é liderada no terreno pelo Comandante da Resistência Islâmica do Hamas, com o irmão Yahya Sinwar à frente; Dilúvio de Al-Aqsa é liderada pelos líderes deste movimento em todas as suas posições, com todas as [outras] facções da Resistência, com todos os filhos do nosso povo, com todos os filhos desta Umá, que aspiram a uma Grande Vitória.

O que esses derrotistas esperavam, [esses árabes] que espalharam a cultura da impotência e desespero, e queriam que o caminho para a normalização [das relações com “Israel”] moldasse esta etapa com o reconhecimento do inimigo? Eles já imaginaram

que veriam tais imagens, tais feitos heroicos, tais sacrifícios, tal coragem, tal orgulho? Os perpetradores desses feitos são ‘homens que foram sinceros em seu compromisso com Deus. Alguns deles atingiram seu fim [martírio], e outros ainda estão à espera; e eles não variaram de forma alguma (em seu compromisso).’ (Alcorão, 33:23). Esses homens moldaram os portões da Grande Vitória e os abriram para nosso povo e nossa Umá. Esses homens, que conhecem o Alcorão de cor, jejuam e rezam em adoração a Deus, o Altíssimo e Exaltado, atacaram e ‘penetraram dentro das moradas.’ (Alcorão, 17:5), no coração de nosso território ocupado, ao redor de Gaza e além: ‘Socorro [de] Deus e uma (promessa de) vitória próxima.’ (Alcorão, 61:13). Vocês são magníficos, ó, homens de fé, ó, homens das Brigadas Al-Qassam, ó, homens de Gaza, Gaza de orgulho e dignidade, de coragem, heroísmo e sacrifício. Hoje, Gaza apaga da Umá árabe-muçulmana a vergonha da derrota, a vergonha da aceitação e inação. Vocês são grandiosos, ó, comandantes que lideraram esta batalha, a batalha do início da libertação de Al-Quds [Jerusalém], nossa terra, nosso povo e nossos prisioneiros mantidos nos cárceres da ocupação sionista.

Ó, meus irmãos e irmãs, nós alertamos o mundo sobre este governo fascista [em “Israel”], que soltou os colonos e usurpadores para semear a corrupção na sagrada Mesquita de Al-Aqsa em Al-Quds. Nós lhes dissemos: ‘Não brinquem com fogo.’ Nós lhes dissemos: ‘Não ultrapassem a linha vermelha.’ Mas eles tamparam os ouvidos e fecharam os olhos. E, por causa de sua arrogância e insolência, nos últimos dias, durante seus sinistros festivais religiosos, eles invadiram a Mesquita de Al-Aqsa. Eles a profanaram e desonraram. Eles molestaram nossas mulheres. Eles entraram com seus sapatos até o mirabe e o mimbar. Eles impuseram ao nosso povo o que parece ser uma proibição de movimentação na Cidade Santa [de Jerusalém]. Eles proibiram a oração no Santuário de Ibrahim¹⁹.

Nós os alertamos e alertamos o mundo inteiro de que, mesmo se o mundo inteiro permanecer em silêncio, diante do que está acontecendo em Al-Quds e na Mesquita de Al-Aqsa, nós não ficaremos em silêncio, não ficaremos parados; nem nosso povo, nem nossa Resistência, nem nossas Brigadas Al-Qassam, nem esta Umá.

19 *Caverna dos Patriarcas, Mesquita de Ibrahim em Hebron.*

Também os alertamos sobre a intensificação da colonização da Cisjordânia. Esse governo [israelense] planejou e continua planejando para dois milhões de colonos sionistas na Cisjordânia, com o objetivo de judaizá-la e desequilibrar a balança demográfica, adicionando a ocupação à equação, inclusive na própria Cisjordânia. E tudo isso é paralelo à contínua agressão contra nosso povo lá. Quantas vezes eles atacaram Jenin, Tubas, Nablus, Tulkarem, Al-Khalil [Hebron], Ramalá, Al-Bira, Belém e todas as outras cidades? Quantas vezes eles mataram nossos jovens, mulheres e crianças, diante dos olhos do mundo inteiro? Eles não ouviram. Certamente, há uma Resistência popular na Cisjordânia, que não baixou suas armas e que está revidando e mais, e realizando operações heroicas. Assim é nosso povo. Mas esse inimigo sionista e esse governo pensaram que a situação lhes era favorável e persistiram em sua agressão.

Quantas vezes advertimos o mundo e esse inimigo de que existem prisioneiros nas prisões da ocupação sionista, mais de 6.000 de nossos irmãos, nossas crianças, nossa juventude, nossos heróis, nossos homens e mulheres, alguns dos quais passaram 30, 40, até 43 anos atrás das grades? E esse inimigo persegue nossos prisioneiros de propósito. O sádico Ben-Gvir toma decisões para impor mais pressão e perseguição aos nossos prisioneiros. Esse governo e todos os funcionários israelenses viraram as costas para qualquer chamado de negociações indiretas para uma troca de prisioneiros, para libertar nossos prisioneiros políticos.

Quantas vezes os advertimos sobre o bloqueio injusto imposto à Faixa de Gaza, que levou a todo esse sofrimento humano? Gaza, que está sob esse bloqueio há quase 20 anos, piorado por quatro ou cinco devastadoras guerras israelenses de agressão, que viu dezenas de milhares de mártires e feridos e casas destruídas; Gaza, que está vivenciando essa crise humanitária, em uma gigantesca prisão que aprisiona mais de 2,2 milhões de nosso povo e nossas famílias. Em Gaza, no coração desse bloqueio, que é apenas quebrado por um pouco [de ajuda humanitária], algumas autorizações [para importações] para jogar areia [nos olhos do mundo]. Eles acreditavam que Gaza, seus habitantes e nosso povo engoliriam essas flagrantes injustiças e ficariam quietos diante dessa crise humanitária, e diante de tudo o que está acontecendo em Al-Quds, Al-Aqsa e na Cisjordânia.

Quantas vezes os advertimos sobre o que estão cometendo e perpetrando nos territórios palestinos ocupados em 1948, e suas tentativas de isolar nosso povo lá? Vocês espalham morte, terror e assassinatos direcionados entre nosso povo. Todas as operações para eliminar figuras palestinas, líderes e estudiosos; até mesmo mulheres, crianças e cidadãos comuns, dentro dos territórios ocupados em 1948, são uma política de ocupação, e uma das ações [injustas] dos serviços de segurança israelenses.

Quantas vezes os advertimos sobre a existência de um povo palestino que, há 75 anos, vive na diáspora, em barracas e campos de refugiados? Vocês não reconhecem nosso povo e não reconhecem nossos direitos. E, infelizmente, muitos países no mundo encobriram essa política israelense e essa arrogância israelense.

E quando a Mesquita de Al-Aqsa se encontra em perigo iminente... o que aconteceu, ó, meus irmãos? Nos últimos dias, vimos algumas coisas absolutamente incríveis. E temos informações confirmadas de que esse governo [israelense] está se preparando para impor sua soberania e autoridade sobre a abençoada Mesquita de Al-Aqsa. E temos informações completas assegurando-nos de que persistirá em sua agressão, colonização, prisões e bloqueio, e aproveitará o processo de normalização [das relações diplomáticas] alcançado com certos países e governos árabes, para dar à sua presença na região uma aparência de legitimidade, às custas de nosso povo, nossos direitos, nosso sofrimento e nossos sacrifícios.

“Israel” considerou que seu ambiente estratégico, seu poder e arrogância, bem como o silêncio dos povos árabes e muçulmanos, e a ocupação do mundo com a guerra entre a Rússia e a Ucrânia tornavam o momento propício para realizar esse projeto e encerrar essa batalha em Al-Quds, Al-Aqsa, na Cisjordânia e em outros lugares. Mas, como Deus, o Altíssimo e Exaltado, declarou: ‘Vocês não pensavam que eles iriam partir, e eles pensavam que, na verdade, suas fortalezas os defenderiam contra Deus. Mas Deus veio a eles de onde não esperavam, e lançou terror (sim, terror) em seus corações. Eles demoliram suas casas com suas próprias mãos, tanto quanto com as mãos dos fiéis. Aprendam com isso, ó, vocês que são dotados de perspicácia.’ (Alcorão, 59:2).

Chega! Não havia escolha, senão embarcar neste curso estratégico e completar o ciclo das Primeira e Segunda Intifadas, revoluções e Resistência, e coroá-las com a batalha pela libertação de

nossa terra, nossos lugares sagrados e nossos prisioneiros mantidos nas prisões da ocupação sionista. A promessa seria cumprida ao amanhecer, e dissemos a eles, com Deus, o Altíssimo, 'O alvorecer não está próximo?' (Alcorão, 11:81). Aquela manhã viu o sol da vitória e da glória se erguer sobre nosso povo e nossa Umá, e sobre homens e mulheres livres em todo o mundo. E foi a manhã da derrota, humilhação e colapso para nosso inimigo, suas colônias, seus colonos e seus soldados.

O que aconteceu hoje [sábado, 7 de outubro], ó, povo palestino, ó, filhos da Umá, revela a grandeza desta Resistência, a grandeza de nossa prontidão e a credibilidade de nossas declarações, a veracidade de nossas promessas e da Operação Dilúvio de Al-Aqsa. O que aconteceu hoje revela a impotência do inimigo. Hoje, o inimigo sofreu uma derrota infligida, política, militar, de inteligência, de segurança e moral, e a coroaremos, com a graça de Deus, com uma derrota avassaladora, que o expulsará de nossas terras, de nossa cidade sagrada de Al-Quds, de nossa mesquita Al-Aqsa, e a libertação de nossos prisioneiros das prisões da ocupação sionista. Tínhamos quatro [prisioneiros israelenses], e [o inimigo] se recusou a responder às solicitações de intermediários, chamadas ou qualquer outra coisa [para concordar com uma troca de prisioneiros]. E a Resistência declarou mais de uma vez que a captura [de soldados sionistas] continuaria, e que a conta aumentaria. A Resistência e seus líderes não falam em vão. Agora, vejam a extensão de seus prisioneiros, vejam o número [de israelenses] que caíram nas mãos das Brigadas Al-Qassam e da Resistência.

Por isso, declaro hoje a todo o povo palestino: ó, nosso povo, esteja no mais alto nível de prontidão. Esta batalha começou, e será travada com sangue e fogo, com glória e armas. A batalha mudou para o coração da entidade sionista, não apenas com os mísseis da Resistência, mas também com os combatentes da Resistência, os homens das Brigadas Al-Qassam. Por isso, quero enfatizar três coisas que devem ser esclarecidas:

A Operação Dilúvio de Al-Aqsa foi lançada de Gaza, mas se estenderá à Cisjordânia, a Al-Quds e ao nosso povo dentro dos territórios ocupados em 1948, bem como à Resistência e ao povo palestino no exterior.

Esta batalha não é apenas do povo palestino, ou de Gaza. Gaza é a ponta de lança da Resistência e lançou esta batalha, mas,

como se trata de toda a terra da Palestina e Al-Quds e Al-Aqsa, é a batalha de toda a comunidade árabe-muçulmana. Por isso, chamamos todos os filhos dessa comunidade, onde quer que estejam no mundo, a se unirem nesta batalha, cada um à sua maneira, sem demora ou desvio, e não serem daqueles a quem Deus, o Altíssimo e Exaltado, descreveu nestes termos: 'Se tivessem decidido ir [à batalha], ter-se-iam preparado para isso; porém, Deus era contrário a que partissem e os desanimou; foi-lhes dito: ficai com os omissos.' (Alcorão, 9:46). Pelo contrário, com a Graça de Deus, estejam entre aqueles que, quando chamados, correm para a batalha, e aqueles que, quando seus lugares sagrados são profanados, se levantam com honra para lutar com suas vidas e com suas posses, e não ficam para trás. Esta é a batalha do povo palestino e a batalha da comunidade árabe-muçulmana. Nós a desencadeamos, e, com a graça de Deus, terminará na vitória que Deus prometeu a Seus servos virtuosos.

Nosso objetivo é claro: queremos libertar nossa terra, nossos lugares sagrados, nossa Mesquita Al-Aqsa, nossos prisioneiros. Não temos hesitação quanto a isso. Este é o objetivo que é digno desta batalha, digno deste heroísmo, digno desta coragem. As Brigadas Al-Qassam fizeram o inimigo perder o equilíbrio em apenas alguns minutos, com esta incursão grandiosa e abençoada; com esta presença épica de homens que escrevem a história com seu sangue e suas armas; com seus passos que esmagam os invasores ocupantes.

Faço um apelo à nossa Resistência, à nossa Cisjordânia, ao nosso povo, à nossa Resistência no exterior, aos nossos aliados estratégicos, a todos os filhos desta comunidade árabe-muçulmana: este é o seu dia. Temos um compromisso com a vitória, para trabalharmos juntos por esta grande vitória, com a Graça de Deus, o Altíssimo.

Em conclusão, para este inimigo ameaçador e irruptivo, dizemos: nem suas ameaças, nem suas irrupções, nem sua arrogância serviram-lhe, até agora, e não lhe serão úteis no futuro. Temos apenas uma coisa a dizer a vocês: saiam de nossa terra. Sumam de nossa vista. Saiam de nossa cidade de Al-Quds e de nossa Mesquita Al-Aqsa. Não queremos mais os ver nesta terra pura e abençoada. Esta terra é nossa, Al-Quds é nossa, tudo é nosso. Vocês são estrangeiros nesta terra pura e abençoada. Não há lugar ou segu-

rança para vocês.

E dizemos a todos os países, incluindo nossos amados países árabes: vocês devem saber que esta entidade, que é incapaz de se proteger de nossos combatentes, é incapaz de lhes fornecer segurança ou proteção. Todos os processos de normalização e reconhecimento, todos os acordos que foram assinados [com “Israel”], nunca poderão acabar com esta batalha. É o terreno que vai acabar com esta batalha; são esses combatentes heroicos que vão acabar com ela; é o sangue dos mártires puros e os atos heroicos deste povo, seus feridos e seus prisioneiros que vão acabar com ela.

Ó, Gaza de grandeza, ó, Gaza de dignidade, ó, honra desta comunidade árabe-muçulmana, ó, forjadores de glória e futuro, ó, facções da Resistência, envio-lhes minhas saudações orgulhosas, pois vocês ergueram nossas cabeças tão alto, que elas tocam o céu. Pisamos tão forte no chão, que ele treme sob nossos pés. E nosso grito ressoa até as estrelas. E, com a graça de Deus, todos nos encontraremos novamente na terra da Palestina, em Al-Quds, na abençoada Mesquita Al-Aqsa. ‘E eles te perguntam quando isso acontecerá. Diga-lhes: talvez muito em breve.’ (Alcorão, 17:51).

‘Deus cobrará dos fiéis o sacrifício de seus bens e pessoas, em troca do Paraíso. Combaterão pela causa de Deus, matarão e serão mortos. É uma promessa infalível, que está registrada na Torá, no Evangelho e no Alcorão. E quem é mais fiel à sua promessa do que Deus? Regozijai-vos, pois, na troca que haveis feito com Ele. Tâl é o magnífico benefício.’ (Alcorão, 9:111)

Que as orações e saudações de Deus estejam sobre nosso mestre, Profeta Maomé, sua família e seus companheiros. Esta é a jihad final, cujo resultado só pode ser a vitória ou o martírio. Que a paz de Deus esteja sobre vocês, e Sua misericórdia e bênçãos.”

Ordem do dia de Mohamed al-Deif, comandante da Operação Dilúvio de Al-Aqsa

A seguir, reproduzimos a ordem emitida pelo comandante do Estado-Maior da Resistência, o chefe das Brigadas Izedine Al-Qassam, Mohamed Deif, no dia 7 de outubro, que orienta claramente os resistentes palestinos: “Não matem idosos e crianças”. Deif nasceu num campo de refugiados em Khan Yunis e é o homem mais procurado por “Israel”, motivo pelo qual vive escondido. Sobreviveu a inúmeras tentativas de assassinato ordenadas pelos sionistas e perdeu muito de seus familiares assassinados:

“Em nome de Deus, o Mais Gracioso, o Mais Misericordioso. Louvado seja Deus, Senhor dos mundos, e que as orações e a paz estejam com o Mestre dos Mensageiros e o Comandante dos mujahedin, com sua família e todos os seus companheiros. Deus, O Todo-Poderoso, disse: logo, a multidão será debelada e debandarará. E a Hora (do Juízo) é uma promessa, e ela será mais grave e mais amarga.

Ó, admiradores da nossa nação árabe e islâmica, do oceano ao Golfo e de Tânger a Jacarta. Ó, pessoas livres de todo o mundo, que a paz, as bênçãos e a misericórdia de Deus estejam com vocês.

A entidade sionista ocupou nossas terras, deslocou nosso povo, destruiu nossas cidades, aldeias e vilas, e cometeu centenas de massacres contra o nosso povo, matando crianças, mulheres e idosos, demolindo casas sobre as cabeças de pessoas inocentes, desrespeitando todas as normas internacionais e leis de direitos

humanos, e negando as leis internacionais. Advertimos anteriormente os líderes da ocupação sobre a continuação dos seus crimes, e instamos os líderes mundiais a tomar medidas para pôr fim aos crimes da ocupação contra os nossos locais e coisas sagrados, o nosso povo, as nossas famílias e a nossa terra, e para forçar a ocupação a respeitar o direito internacional e as resoluções internacionais. Os líderes da ocupação não responderam, e os líderes mundiais não se moveram. Em vez disso, os crimes da ocupação aumentaram e ultrapassaram todos os limites, especialmente em Jerusalém e na mesquita. A Mesquita de Al-Aqsa é a primeira das duas *qiblas*²⁰ e a terceira das Mesquitas Sagradas. Aumentaram as incursões das forças de ocupação nos pátios da mesquita sagrada, pisoteando a santidade da mesquita com os sapatos, agredindo as mulheres presentes, espancando-as e arrastando-as repetidamente, arrastando os idosos, crianças e jovens, impedindo o nosso povo de chegar à mesquita, e abrindo caminho para grupos judeus profanarem a Mesquita de Al-Aqsa e até mesmo atacá-la. Diariamente, realizando rituais e orações talmúdicas e soprando em xofares²¹, enquanto vestiam roupas de sacerdotes, eles não esconderam suas intenções de estabelecer seu suposto templo nas ruínas do local da viagem noturna do nosso Profeta Maomé, que Deus o abençoe e lhe conceda paz, e eles trouxeram vacas vermelhas para queimá-las e espalhar a água de suas cinzas como uma declaração prática para demolir Al-Aqsa e construir o templo, e eles ousaram insultar nosso Profeta Maomé, que Deus o abençoe e lhe conceda paz, dentro dos pátios da Mesquita abençoada de Al-Aqsa, rasgaram o Alcorão e entraram nas mesquitas com cães, e todos os dias eles dão mais passos no caminho de seus sonhos sombrios, e todos os dias atacam nosso povo nos bairros de Jerusalém, e roubam suas casas e propriedades, e, ao mesmo tempo, as autoridades de ocupação continuam a deter milhares dos nossos

20 A direção para a qual os muçulmanos se voltam enquanto rezam, atualmente determinada como a direção da Caaba em Meca. Dentro de uma mesquita, a qibla é indicada pela localização do mirabe e pela orientação da parede de oração. A qibla (determinada na época da construção) é, portanto, refletida na construção do edifício. Por essa razão, e especialmente no caso de edifícios históricos, às vezes se diz que a própria mesquita tem uma qibla (ou direção da qibla), possivelmente diferente da direção calculada independentemente ou da de outras mesquitas próximas.

21 Um dos instrumentos de sopro mais antigos, utilizado pelos judeus.

heroicos prisioneiros, e os piores métodos de opressão, tortura e humilhação são praticados contra eles.

Centenas dos nossos prisioneiros passaram vinte anos ou mais na prisão. Dezenas dos nossos prisioneiros e mulheres tiveram os seus corpos consumidos pelo câncer e doenças, e muitos morreram em consequência de negligência médica e de assassinatos lentos e deliberados. Os nossos apelos a um acordo de troca humanitária foram recebidos com rejeição e intransigência. Todos os dias, as forças de ocupação atacam as nossas cidades, aldeias e vilas, em toda a Cisjordânia, causando-lhes estragos, destruindo as casas dos inocentes, matando, ferindo, demolindo e prendendo. Centenas de mártires e feridos morreram neste ano, como resultado desses crimes, e, ao mesmo tempo, eles confiscam milhares de donasmas²² e arrancam nosso povo de suas casas, de suas terras e fazendas, e constroem assentamentos em seu lugar, e protegem os rebanhos dos colonos, enquanto expõem, queimam, roubam e destroem nossas colheitas e gado, enquanto o crime da ocupação continua impondo o cerco criminoso contra a nossa querida faixa de Gaza. Diante desses crimes contínuos contra o nosso povo e a arrogância da ocupação e sua negação das leis internacionais e resoluções, e diante do apoio americano e ocidental e do silêncio internacional, decidimos acabar com tudo isso, com a ajuda de Deus, para que o inimigo entenda que a hora da diversão sem responsabilização terminou. Anunciamos o início da Operação Dilúvio de Al-Aqsa, e também anunciamos, com a ajuda e a força de Deus, que terminou o primeiro ataque da Operação Dilúvio de Al-Aqsa, que tinha como alvo locais inimigos, um aeroporto e fortificações militares, e que durante os primeiros vinte minutos ultrapassou cinco mil mísseis e projéteis.

Ó, massas do nosso povo e da nossa nação. Ó, pessoas livres do mundo. Hoje, a raiva de Al-Aqsa está explodindo. Nosso povo está com raiva. A raiva da nossa nação. A raiva das pessoas livres do mundo. Dos nossos nobres mujahedin. Este é o seu dia de fazer esse inimigo criminoso entender que seu tempo acabou. “Mate-os aonde quer que você vá e expulse-os de onde os expulsaram.” (Al-corrão. 2:191).

Não matem idosos e crianças. Tirem essa contaminação da

22 *Medida de área.*

sua terra e de seus santuários. Lutem, e os anjos lutarão com vocês, apoiando vocês. E Deus enviará a vocês seus anjos bem treinados. E Deus cumprirá sua promessa a vocês. “Era nosso dever socorrer os fiéis.” (Alcorão. 30:47). Ó, nossa juventude na Cisjordânia. Ó, todo o nosso povo, independentemente de suas organizações. Hoje é seu dia para varrer este ocupante e seus assentamentos de toda a nossa terra na Cisjordânia, e façam que a sua arrogância pague o preço dos seus crimes durante os longos e magros anos.

Organizem os seus ataques aos assentamentos com todos os meios e ferramentas à sua disposição. Hoje, sim. A partir de hoje, acabem com toda a colaboração de segurança com o inimigo e com as suas agências, e provem que o seu patriotismo e a sua filiação à Al-Aqsa, Jerusalém e à Palestina são maiores do que todas as ilusões da ocupação atual. Sim, hoje o nosso povo está recuperando a sua revolução, corrigindo o seu caminho e voltando ao projeto de libertação, de regresso (à Palestina) e de estabelecimento do seu Estado, sacrificando o seu sangue e oferecendo os seus mártires.

Ó, nosso povo em Jerusalém, levante rapidamente para defender a sua Al-Aqsa, expulse as forças de ocupação e os colonos da sua Jerusalém, e destrua os muros divisórios. Ó, nosso povo no interior ocupado, no Neguev, na Galiléia, em Jafa, Haifa, Acre, Lida e Ramla, deixe a terra em chamas sob os pés dos ocupantes usurpadores, matando, queimando, destruindo e fechando as estradas. Façam entender a esse ocupante covarde que o dilúvio de Al-Aqsa foi maior do que ele pensava e acreditava.

Ó, nossos irmãos na resistência islâmica no Líbano, no Irã, no Iêmen, no Iraque e na Síria. Este é o dia em que a sua resistência se une ao seu povo na Palestina, para que esse ocupante entenda que o tempo em que ele atacou e assassinou acadêmicos e líderes terminou. O tempo para saquear suas riquezas acabou. Terminaram os bombardeios quase diários na Síria e no Iraque, terminou o tempo daqueles que apostaram na divisão da nação e na dispersão do seu poder em conflitos internos, e é hora de todas as forças árabes e islâmicas se unirem, para varrer essa ocupação dos nossos santuários e da nossa terra.

Ó, nosso povo na Jordânia e no Líbano, no Egito, na Argélia, no Magrebe, no Paquistão, na Malásia, na Indonésia e em todas as partes do mundo árabe e islâmico. Comecem a marchar hoje,

agora, não amanhã, em direção à Palestina, e não permitam que fronteiras, regimes ou restrições os privem da honra da jihad e da participação na libertação da Mesquita de Al-Aqsa. “Quer estejais leve ou fortemente (armados), marchai (para o combate). E sacrificai vossos bens e pessoas pela causa de Deus! Isso será preferível para vós, se quereis saber.” (Alcorão. 9:41). Hoje, quem tiver uma arma deve sair com ela, pois a hora é essa, e quem não tem arma deve sair com facão, espada, machado ou coquetel molotov, no caminhão, na escavadeira ou no carro. Hoje, a história abre suas páginas mais brilhantes, mais bonitas e mais honrosas, para quem registra seu nome, seu sobrenome e o nome de sua cidade nas páginas de luz e glória.

Ó, filhos de nossa nação e ó, povo livre do mundo, aqueles que não puderam participar no dilúvio de Al-Aqsa, prática e diretamente, deveriam participar na solidariedade, na manifestação e no apoio, sair às praças e aos pátios e levantar a bandeira da liberdade para a Palestina e Al-Aqsa. Anunciem protestos abertos por todo lado, para evitar que os regimes que forneceram apoio e cobertura aos crimes da ocupação continuem a fazer parceria com ela nos seus crimes. Este é um grande dia para acabar com a última ocupação e o último regime de apartheid no mundo.

Ó, homens justos e mulheres justas, ó, elite de hafiz²³, ó, hafiz do Livro de Deus, ó, rezadores, jejuadores, pessoas que estão em genuflexão e prostração, reúnam-se em suas mesquitas e locais de culto e supliquem a Deus, instando-O a enviar Sua vitória sobre nós, e a nos fornecer os Seus anjos paulatinamente, e para que Ele cumpra por meio de nós as tuas esperanças para rezar em Al-Aqsa, liberta e purificada. “Que excelente Protetor, e que excelente Socorredor.” (Alcorão. 8:40).

Concluindo, todos devem acompanhar as diretrizes e instruções através de sucessivas declarações militares. “Sabei que Deus possui total controle sobre os Seus assuntos; porém a maioria dos humanos o ignora” (Alcorão. 12:21).

Seu irmão, comandante-em-chefe das Brigadas do Mártir Izedine Al-Qassam, Mohamed al-Deif.

23 *Hafiz significa 'guardião', é um termo utilizado pelos muçulmanos para designar aqueles que memorizaram completamente o Corão.*

Parte 3
DOCUMENTOS
DO HAMAS

Documento de princípios e políticas gerais

Em Nome de Alá, o Clemente, o Misericordioso

Movimento de Resistência Islâmica, “Hamas”

Louvido seja Alá, o Senhor de todos os mundos. Que a paz e as bênçãos de Alá estejam sobre Maomé, o Mestre dos Mensageiros e Líder dos mujahedin, e sobre sua família e todos os seus companheiros.

Preâmbulo:

A Palestina é a terra do povo árabe palestino, da qual se originam, a que eles aderem e pertencem, e sobre a qual se dão as mãos e se comunicam.

A Palestina é uma terra cuja condição foi elevada pelo Islã, uma fé que a tem em alta estima, que permeia através dela seu espírito e valores justos e lança os fundamentos para a doutrina de defendê-la e protegê-la.

A Palestina é a causa de um povo abandonado por um mundo que falha em assegurar seus direitos e restaurar o que lhes foi usurpado, um povo cuja terra continua a sofrer um dos piores tipos de ocupação neste mundo.

A Palestina é uma terra tomada por um projeto sionista, racista, anti-humano e colonial, fundado em uma falsa promessa (a Declaração de Balfour²⁴), no reconhecimento de uma entidade

²⁴ A Declaração de Balfour foi uma carta datada de 2 de novembro de 1917, em que o então secretário de Relações Exteriores do Reino Unido, Arthur Balfour, expressou o apoio

usurpadora e na imposição pela força de um fato consumado.

A Palestina simboliza a resistência que continuará, até que a libertação seja alcançada, até que o retorno seja cumprido, e até que um Estado plenamente soberano seja estabelecido, com Jerusalém como sua capital.

A Palestina é a verdadeira parceria entre os palestinos de todas as filiações, para o objetivo sublime da libertação.

A Palestina é o espírito da Umá²⁵ e sua causa central; é a alma da humanidade e sua consciência viva.

Este documento é o produto de deliberações profundas, que nos levaram a um forte consenso. Como movimento, concordamos tanto com a teoria quanto com a prática da visão delineada nas páginas que seguem. É uma visão que se baseia em fundamentos sólidos e em princípios bem estabelecidos. Este documento revela os objetivos, os marcos e o modo como a unidade nacional pode ser fortalecida. Ele também estabelece nosso entendimento comum da causa palestina, os princípios de trabalho que usamos para promovê-la, e os limites de flexibilidade usados para interpretá-la.

O movimento:

1. O Movimento de Resistência Islâmica, “Hamas”, é um movimento de libertação nacional e resistência islâmica palestino. Seu objetivo é libertar a Palestina e confrontar o projeto sionista. Sua referência é o Islã, que determina seus princípios, objetivos e meios.

A terra da Palestina:

2. A Palestina, que se estende desde o Rio Jordão, a leste, até o Mediterrâneo, a oeste, e desde Ras Al-Naqurah, ao norte, até Umm Al-Rashrash, ao sul, é uma unidade territorial integral. É a

do imperialismo britânico à criação de um “lar nacional para o povo judeu” na Palestina. Endereçada a Lorde Rothschild, um banqueiro judeu da Inglaterra, a declaração foi um marco no movimento sionista e um passo crucial para a fundação do Estado de “Israel”.

²⁵ Termo que, no Islã, se refere à comunidade constituída por todos os muçulmanos do mundo.

terra e o lar do povo palestino. A expulsão e o banimento do povo palestino de sua terra e o estabelecimento da entidade sionista não anulam o direito do povo palestino à sua terra inteira e não consolidam quaisquer direitos para a entidade sionista usurpadora.

3. A Palestina é uma terra árabe islâmica. É uma terra abençoada e sagrada, que tem um lugar especial no coração de cada árabe e de cada muçulmano.

O povo palestino:

4. Os palestinos são os árabes que viveram na Palestina até 1947, independentemente de terem sido expulsos dela, ou permanecido nela; e toda pessoa que nasceu de um pai árabe palestino após essa data, esteja dentro ou fora da Palestina, é um palestino.

5. A identidade palestina é autêntica e atemporal; ela é transmitida de geração a geração. As catástrofes que se abateram sobre o povo palestino, como consequência da ocupação sionista e sua política de deslocamento, não podem apagar a identidade do povo palestino, nem negá-la. Um palestino não perderá sua identidade nacional ou direitos, ao adquirir uma segunda nacionalidade.

6. O povo palestino é um só povo, composto por todos os palestinos, dentro e fora da Palestina, independentemente de sua religião, cultura ou filiação política.

Islã e Palestina:

7. A Palestina está no coração da Umá árabe e islâmica e desfruta de uma posição especial. Dentro da Palestina, está Jerusalém, cujos recintos são abençoados por Alá. A Palestina é a Terra Santa, que Alá abençoou para a humanidade. É a primeira Qiblah dos muçulmanos e o destino da jornada realizada à noite pelo Profeta Maomé, que a paz esteja com Ele. É o local de onde Ele ascendeu aos céus superiores. É o local de nascimento de Jesus Cristo, que a paz esteja com Ele. Seu solo contém os restos de milhares de profetas, companheiros e mujahedin. É a terra de pessoas determinadas a defender a verdade —dentro de Jerusalém e seus arredores — que não são desencorajadas ou intimidadas por aqueles que se

opõem a elas e por aqueles que as traem, e elas continuarão sua missão até que a Promessa de Alá seja cumprida.

8. Por seu justo e equilibrado caminho, e espírito moderado, o Islamismo — para o Hamas — fornece um modo de vida abrangente e uma ordem adequada ao propósito, todo o tempo e em todos os lugares. O Islã é uma religião de paz e tolerância. Ele fornece um guarda-chuva para os seguidores de outras crenças e religiões, que podem praticar sua fé com segurança. O Hamas também acredita que a Palestina sempre foi e será um modelo de convivência, tolerância e inovação civilizacional.

9. O Hamas acredita que a mensagem do Islã defende os valores da verdade, justiça, liberdade e dignidade, proíbe todas as formas de injustiça e incrimina os opressores, independentemente de sua religião, raça, gênero ou nacionalidade. O Islã é contra todas as formas de extremismo religioso, étnico ou sectário, e intolerância. É a religião que incute em seus seguidores o valor de enfrentar a agressão e apoiar os oprimidos; motiva-os a dar generosamente e a fazer sacrifícios em defesa de sua dignidade, sua terra, seus povos e seus lugares sagrados.

Jerusalém:

10. Jerusalém é a capital da Palestina. Sua condição religiosa, histórica e civilizacional é fundamental para os árabes, muçulmanos e para o mundo em geral. Seus locais sagrados islâmicos e cristãos pertencem exclusivamente ao povo palestino e à Umá árabe e islâmica. Nem uma pedra de Jerusalém pode ser entregue ou renunciada. As medidas empreendidas pelos ocupantes em Jerusalém, como a judaização, a construção de assentamentos e o estabelecimento de condições no terreno são fundamentalmente nulas e inválidas.

11. A abençoada Mesquita de Al-Aqsa pertence exclusivamente ao nosso povo e à nossa Umá, e a ocupação não tem nenhum direito sobre ela. As tramas, medidas e tentativas da ocupação de judaizar Al-Aqsa e dividi-la são nulas, inválidas e ilegítimas.

Os refugiados e o direito de retorno:

12. A causa palestina, em sua essência, é a causa de uma terra

ocupada e de um povo deslocado. O direito dos refugiados palestinos e dos deslocados, de retornar às suas casas, das quais foram banidos ou a elas proibidos de retornar — seja nas terras ocupadas em 1948 ou em 1967 (isto é, toda a Palestina) — é um direito natural, tanto individual quanto coletivo. Esse direito é confirmado por todas as leis divinas, bem como pelos princípios básicos dos direitos humanos e do Direito Internacional. É um direito inalienável e não pode ser declinado por nenhuma parte, seja palestina, árabe ou internacional.

13. O Hamas rejeita todas as tentativas de apagar os direitos dos refugiados, incluindo as tentativas de assentá-los fora da Palestina e através dos projetos de uma pátria alternativa. A compensação aos refugiados palestinos pelo dano que sofreram, em consequência de seu banimento e ocupação de suas terras, é um direito absoluto, que está de mãos dadas com seu direito ao retorno. Eles devem receber compensação ao retornar, e isso não nega ou diminui seu direito ao retorno.

O projeto sionista:

14. O projeto sionista é um projeto racista, agressivo, colonial e expansionista, baseado na apropriação das propriedades alheias; é hostil ao povo palestino e à sua aspiração por liberdade, libertação, retorno e autodeterminação. A entidade israelense é o brinquete do projeto sionista e sua base de agressão.

15. O projeto sionista não visa apenas o povo palestino; ele é inimigo da Umá árabe e islâmica, representando uma grave ameaça à sua segurança e interesses. Ele também é hostil às aspirações da Umá por unidade, renascimento e libertação, e tem sido a principal fonte de seus problemas. O projeto sionista também representa um perigo para a segurança e paz internacionais, assim como para a humanidade e seus interesses e estabilidade.

16. O Hamas afirma que seu conflito é com o projeto sionista, não com os judeus por sua religião. O Hamas não trava uma luta contra os judeus por serem judeus, mas sim uma luta contra os sionistas que ocupam a Palestina. No entanto são os sionistas que constantemente associam o judaísmo e os judeus ao seu próprio projeto colonial e entidade ilegal.

17. O Hamas rejeita a perseguição de qualquer ser humano

ou a negação de seus direitos, com base em motivos nacionalistas, religiosos ou sectários. O Hamas tem a visão de que o problema judaico, o antisemitismo e a perseguição aos judeus são fenômenos fundamentalmente ligados à história europeia, e não à história dos árabes e dos muçulmanos, ou à sua herança. O movimento sionista, que conseguiu, com a ajuda das potências ocidentais, ocupar a Palestina, é a forma mais perigosa de ocupação por assentamento, a qual já desapareceu de grande parte do mundo e deve desaparecer da Palestina.

Posicionamento em relação à ocupação e soluções políticas:

18. Consideram-se nulos e inválidos: a Declaração de Balfour, o Documento do Mandato Britânico, a Resolução de Partição da ONU para a Palestina e quaisquer resoluções e medidas que deles derivem ou sejam similares. O estabelecimento de “Israel” é totalmente ilegal e contrário aos direitos inalienáveis do povo palestino e vai contra sua vontade e a vontade da Umá; também viola os direitos humanos garantidos por convenções internacionais, sendo o principal deles o direito à autodeterminação.

19. Não haverá reconhecimento da legitimidade da entidade sionista. Tudo o que aconteceu na terra da Palestina em termos de ocupação, construção de assentamentos, judaização, ou mudanças em suas características, ou falsificação de fatos é ilegítimo. Os direitos nunca prescrevem.

20. O Hamas acredita que nenhuma parte da terra da Palestina será comprometida ou cedida, independentemente das causas, circunstâncias e pressões, e não importa quanto tempo a ocupação dure. O Hamas rejeita qualquer alternativa à completa e total libertação da Palestina, do rio ao mar. No entanto, sem comprometer sua rejeição à entidade sionista e sem renunciar a quaisquer direitos palestinos, o Hamas considera o estabelecimento de um Estado palestino plenamente soberano e independente, com Jerusalém como sua capital ao longo das linhas de 4 de junho de 1967, com o retorno dos refugiados e dos deslocados às suas casas das quais foram expulsos, como uma fórmula de consenso nacional.

21. O Hamas afirma que os Acordos de Oslo e seus adendos contrariam as regras que regem o Direito Internacional, ao gerar compromissos que violam os direitos inalienáveis do povo

palestino. Portanto o Movimento rejeita esses acordos e tudo o que deles decorre, como as obrigações que são prejudiciais aos interesses de nosso povo, especialmente a coordenação de segurança (colaboração).

22. O Hamas rejeita todos os acordos, iniciativas e projetos de assentamento que visam minar a causa palestina e os direitos de nosso povo palestino. Nesse sentido, qualquer postura, iniciativa ou programa político não deve, de forma alguma, violar esses direitos, nem os contradizer.

23. O Hamas enfatiza que a transgressão contra o povo palestino, usurpando sua terra e banindo-o de sua pátria, não pode ser chamada de paz. Quaisquer acordos alcançados com base nisso não levarão à paz. A resistência e a jihad²⁶ pela libertação da Palestina permanecerão um direito legítimo, um dever e uma honra para todos os filhos e filhas de nosso povo e de nossa Umá.

Resistência e libertação:

24. A libertação da Palestina é o dever do povo palestino em particular e o dever da Umá árabe e islâmica em geral. Também é uma obrigação humanitária, conforme ditada pelos princípios da verdade e da justiça. As agências que trabalham pela Palestina, sejam elas nacionais, árabes, islâmicas ou humanitárias, se complementam e são harmoniosas, não estão em conflito umas com as outras.

25. Resistir à ocupação com todos os meios e métodos é um direito legítimo, garantido pelas leis divinas e pelas normas e leis internacionais. No cerne disso está a resistência armada, que é considerada a escolha estratégica para proteger os princípios e os direitos do povo palestino.

26. O Hamas rejeita qualquer tentativa de minar a resistência e suas armas. Também afirma o direito de nosso povo de desenvolver os meios e mecanismos de resistência. Gerenciar a resistência, seja em termos de escalada ou atenuação, ou em termos de diversificar os meios e métodos, é parte integrante do processo de gerenciamento do conflito e não deve ser em detrimento do princípio da resistência.

26 *Guerra santa.*

O sistema político palestino:

27. Um verdadeiro Estado da Palestina é um Estado que foi liberto. Não há alternativa para um Estado Palestino plenamente soberano, em todo o solo nacional palestino, com Jerusalém como sua capital.

28. O Hamas acredita e adere à gestão de suas relações palestinas com base no pluralismo, democracia, parceria nacional, aceitação do outro e adoção do diálogo. O objetivo é fortalecer a unidade de fileiras e ação conjunta, com o propósito de alcançar metas nacionais e cumprir as aspirações do povo palestino.

29. A OLP é um quadro nacional para o povo palestino, dentro e fora da Palestina. Portanto deve ser preservada, desenvolvida e reconstruída sobre bases democráticas, para garantir a participação de todos os constituintes e forças do povo palestino, de uma maneira que proteja os direitos palestinos.

30. O Hamas enfatiza a necessidade de construir instituições nacionais palestinas sobre princípios democráticos sólidos, sendo as eleições livres e justas o mais importante. Tal processo deve ser baseado na parceria nacional e de acordo com um programa claro e uma estratégia clara, que aderem aos direitos, incluindo o direito de resistência, e que realizem as aspirações do povo palestino.

31. O Hamas afirma que o papel da Autoridade Palestina deve ser servir ao povo palestino e salvaguardar sua segurança, seus direitos e seu projeto nacional.

32. O Hamas enfatiza a necessidade de manter a independência da tomada de decisão nacional palestina. Forças externas não devem ser autorizadas a intervir. Ao mesmo tempo, o Hamas afirma a responsabilidade dos árabes e dos muçulmanos e seu dever e papel na libertação da Palestina da ocupação sionista.

33. A sociedade palestina é enriquecida por suas personalidades proeminentes, figuras, dignitários, instituições da sociedade civil e grupos de jovens, estudantes, sindicalistas e mulheres, que trabalham juntos para a realização de objetivos nacionais e construção social, empenham-se na resistência e alcançam a libertação.

34. O papel das mulheres palestinas é fundamental no processo de construção do presente e do futuro, assim como sempre foi no processo de fazer a história palestina. É um papel funda-

mental no projeto de resistência, libertação e construção do sistema político.

A Umá árabe e islâmica:

35. O Hamas acredita que a questão palestina é a causa central para a Umá árabe e islâmica.

36. O Hamas acredita na unidade da Umá, com todos os seus diversos constituintes, e está ciente da necessidade de evitar qualquer coisa que possa fragmentar a Umá e minar sua unidade.

37. O Hamas defende cooperar com todos os Estados que apoiam os direitos do povo palestino. Opõe-se à intervenção nos assuntos internos de qualquer país. Também se recusa a se envolver em disputas e conflitos que ocorrem entre diferentes países. O Hamas adota a política de abrir-se para diferentes Estados do mundo, especialmente os Estados árabes e islâmicos. Esforça-se para estabelecer relações equilibradas, com base na combinação dos requisitos da causa palestina e dos interesses do povo palestino, por um lado, com os interesses da Umá, seu renascimento e sua segurança, por outro.

O aspecto humanitário e internacional:

38. A questão palestina é uma questão que possui grandes dimensões humanitárias e internacionais. Apoiar e respaldar essa causa é uma tarefa humanitária e civilizacional, exigida pelos pré-requisitos da verdade, justiça e valores humanitários comuns.

39. De uma perspectiva legal e humanitária, a libertação da Palestina é uma atividade legítima, é um ato de autodefesa e é a expressão do direito natural de todos os povos à autodeterminação.

40. Em suas relações com as nações e povos do mundo, o Hamas acredita nos valores da cooperação, justiça, liberdade e respeito à vontade do povo.

41. O Hamas saúda as posturas de Estados, organizações e instituições que apoiam os direitos do povo palestino. Saúda os povos livres do mundo que apoiam a causa palestina. Ao mesmo tempo, denuncia o apoio concedido por qualquer partido à entidade sionista, ou as tentativas de encobrir seus crimes e agressões contra os palestinos, e pede a punição dos criminosos de guerra

sionistas.

42. O Hamas rejeita as tentativas de impor hegemonia sobre a Umá árabe e islâmica, assim como rejeita as tentativas de impor hegemonia sobre o restante das nações e povos do mundo. O Hamas também condena todas as formas de colonialismo, ocupação, discriminação, opressão e agressão no mundo.

Maio de 2017

A Constituição do Hamas de 1988

Em 1988, durante a Primeira Intifada, o Hamas publicou sua Constituição, seu programa, com seus princípios e seus métodos. Apresentamos esse documento abaixo, destacando que, ao contrário do Documento de princípios e políticas gerais do Hamas (apresentado anteriormente), de maio de 2017, este texto apresenta uma visão mais religiosa da luta contra o Estado de “Israel”.

A publicação do programa de 2017 revela, portanto, uma evolução política do Hamas, como um partido das amplas massas palestinas. O então líder político do movimento, Khaled Mashal, afirmou que o novo documento refletia “nossa posição atual, o que significa que não somos uma organização ideológica rígida... A carta antiga era um produto de sua época, há 30 anos. Vivemos em um mundo diferente hoje”.²⁷

Líderes do Hamas explicaram que “a carta original agora se tornou um documento histórico e parte de uma etapa anterior em nossa evolução. Ela permanecerá na prateleira da biblioteca do movimento, como um registro de nosso passado”.²⁸

27 Meshaal: *Hamas is not a rigid ideological organisation*, Al JazeeraI, Ali Younes, 2/5/2017.

28 Bjorn Brenner. *Gaza Under Hamas: From Islamic Democracy to Islamist Governance*, Bloomsbury Academic. p. 205–207.

Em nome de Alá, o Misericordioso e Piedoso

“Sois (palestinos) a melhor nação surgida na face da Terra. Fazei o bem e proibis o mal, e credes em Deus. Se os povos do Livro somente tivessem crido, teria sido melhor para eles. Alguns deles creem, mas a maioria deles é iníqua. Nunca serão capazes de nos causar sério mal, serão apenas uns incômodos. Se vos atacarem, acabarão virando as costas e fugirão, e não serão socorridos. Humilhação é a sina deles, onde possam se encontrar, exceto se forem salvos por meio de um compromisso com Deus, ou por um compromisso com os homens. Recaiu sobre eles a ira de Deus, e a sina deles é a desgraça, porque recusaram as indicações de Deus e erradamente mataram os profetas, e por serem desobedientes e transgressores.” (Alcorão, 3:110-112).

“Israel existirá e continuará existindo até que o Islã o faça desaparecer, como fez desaparecer a todos aqueles que existiram anteriormente a ele.” (segundo palavras do mártir e imã Hasan al-Banna²⁹, com a graça de Alá).

“O mundo islâmico se encontra em chamas, e cada um de nós deve, e todos nós devemos, jogar água, mesmo que seja um pouquinho, para fazer extinguir o que pode ser extinto, sem esperar pelos outros.” (das palavras do xeque Amjad Al-Zahawi, que recebe as graças de Alá).

Em nome de Alá, o Misericordioso e Piedoso.

Preâmbulo

Louvado seja Alá. Buscamos Sua ajuda, pedimos Seu perdão, pedimos Sua orientação, e Nele confiamos. Que a paz e as orações se dirijam a Seu Mensageiro, seus familiares e companheiros, e a todos os que lhe são leais e levam a sua mensagem e seguem sua suna³⁰. Que as orações e a paz lhes sejam dirigidas para todo o sempre, enquanto existirem o céu e a terra.

Ó, povo, em meio aos nossos grandes problemas e profundos sofrimentos, e dos sofridos corações e braços dos fiéis, purificados

29 *Fundador da Irmandade Muçulmana.*

30 *Os feitos, dizeres e aprovações do Profeta Maomé.*

pelas orações, independentemente do dever e em resposta às determinações de Alá — de onde emana o chamamento (de nosso Movimento) e o encontro e reunião (de forças), e de onde decorre a educação de acordo com os caminhos de Alá e uma decidida vontade de levar adiante os objetivos (do Movimento) em nossas vidas, ultrapassando todos os obstáculos e sobrepujando as dificuldades da jornada. Daí decorre, também, a permanente prontidão (e também) estardes preparados para o sacrifício da vida de cada um e de todos vós pela causa de Alá.

Então a semente brota e (o movimento) começa a se mover adiante, através de mares tempestuosos de desejos e esperanças, sonhos e aspirações, perigos e obstáculos, sofrimentos e desafios, tanto locais (na Palestina) como afora.

Quando a ideia desabrochar, e a semente crescer, e a planta lançar suas raízes no terreno da realidade, longe das emoções fugidias e impetuosidades impróprias, então o Movimento de Resistência Islâmica (Hamas) estará apto a desempenhar sua missão, marchando em frente pela causa de Alá, juntando suas forças com aqueles que lutam a jihad pela libertação da Palestina. As almas dos combatentes da jihad encontrarão as almas de todos os guerreiros santos que sacrificaram suas vidas pela terra da Palestina, desde o tempo em que os companheiros do Profeta a conquistaram, até o presente.

Por este pacto, o Movimento de Resistência Islâmica (Hamas) mostra sua cara, apresenta sua identidade, clarifica sua posição, esclarece suas aspirações, discute suas esperanças e conclama pelo apoio e suporte, e para que se juntem às suas fileiras, porque nossa luta contra os judeus é muito longa e muito séria, e exige todos os esforços sinceros. É um passo dado que deve ser seguido por outros passos; é uma brigada que deve ser reforçada por outras brigadas e mais outras brigadas, deste vasto mundo islâmico, até que o inimigo seja derrotado e a vitória de Alá triunfe.

É assim que vemos o futuro chegando no horizonte. “E depois de algum tempo, sabereis.” (Alcorão, 38:88).

Alá escreveu: “Eu e Meu Mensageiro venceremos. Deus é Forte e Poderoso.” (Alcorão 58:21).

“Dizei: Este é o meu caminho. Chamo a Deus com toda a certeza, eu e aqueles que me seguem, e que a glória seja para Deus, não me encontro entre os politeístas.” (Alcorão 12:108).

Capítulo I — Introdução ao Movimento

Premissas ideológicas

Art. 1º: O Movimento de Resistência Islâmica é o caminho. É do Islã que derivam suas ideias, conceitos e percepções, a respeito do universo, da vida e do homem, e todas as suas ações levam em conta o julgamento do Islã. É do Islã que busca orientação, bem como guia de seus passos.

O Relacionamento do Movimento de Resistência Islâmica com a Irmandade Muçulmana

Art. 2º: O Movimento de Resistência Islâmica é um dos ramos da Irmandade Muçulmana na Palestina. A Irmandade Muçulmana é uma organização universal e é o maior movimento islâmico nos tempos modernos. Ela se distingue por seu profundo entendimento e precisão conceitual, e pelo fato de englobar a totalidade dos conceitos islâmicos em todos os aspectos da vida, em ideias e crenças, na política e na economia, na educação e assuntos sociais, em matérias judiciais e em matérias de governo, na pregação e no ensino, na arte e nas comunicações, no que deve ser secreto e no que deve ser transparente, bem como em todas as áreas da vida.

Estrutura e Formação

Art. 3º: O Movimento de Resistência Islâmica é constituído por muçulmanos dedicados a Alá e que a Ele servem, como Ele merece ser servido. “Eu não criei demônios e homens senão para servir-Me.” (Alcorão, 51:56).

Reconhecem seus deveres para consigo mesmos, suas famílias e sua pátria, temendo a Alá em tudo. Eles fizeram levantar a bandeira da jihad diante dos opressores, a fim de livrar a terra e os fiéis de suas depravações, impurezas e maldades. “Atiramos a verdade contra a falsidade e arrebentamos a cabeça dela e, vede, ela desaparece.” (Alcorão, 21:18).

Art. 4º: O Movimento de Resistência Islâmica considera bem-vindo todo muçulmano que abraça seu credo, adote sua ideologia, comprometa-se a seguir seu caminho, manter seus segredos e que deseje juntar-se às suas fileiras, a fim de levar a cabo seu dever, e tendo Alá como recompensa.

O Movimento de Resistência Islâmica — Dimensões de Tempo e Espaço

Art. 5º: A dimensão temporal do Movimento de Resistência Islâmica — em vista do fato de ter adotado o Islã como seu modo de vida — regride ao nascimento da mensagem islâmica e aos primeiros fiéis e justos; Alá é o seu objetivo, o Profeta é o exemplo a ser seguido, e o Alcorão, sua Constituição.

Sua dimensão espacial: onde houver muçulmanos que abraçam o Islã como seu modo de vida, em todos os confins terrestres. Assim, (o Hamas) lança as suas raízes bem fundo no solo, e a planta se levanta para abraçar os céus.

“Não vedes como Deus nos deu uma parábola? Uma palavra boa é como uma boa árvore; suas raízes são firmes, e seus galhos se elevam aos céus. Ela sempre proporciona seus frutos no tempo certo, de acordo com a vontade de Deus. Deus recita parábolas aos homens para que tomem os devidos cuidados.” (Alcorão, 14:24-25)

Diferenciação e Independência

Art.6º: o Movimento de Resistência Islâmica é um movimento palestino distinto, que é leal a Alá, adota o Islã como modo de vida e se dedica a levantar a bandeira de Alá sobre cada centímetro da Palestina. Sob as asas do Islã, seguidores de outras religiões podem todos viver salvos e seguros em suas vidas, propriedades e direitos; porque, na ausência do Islã, a discórdia surge, a injustiça se espalha, a corrupção brota, e acabam existindo conflitos e guerras. Alá abençoe o poeta muçulmano Muhamed Iqbal, que disse:

“Quando a fé vai embora, não há salvação. Não há vida para quem não possui uma religião. Quem se acha contente em viver sem religião, adotou a morte como parte da vida.”

A Universalidade do Movimento de Resistência Islâmica

Art. 7º: Em todos os países do mundo, encontram-se muçulmanos que seguem o caminho do Movimento de Resistência Islâmica, e tudo fazem para o apoiar, adotando seu posicionamento e reforçando a sua Guerra Santa (jihad). Por isso, é um Movimento universal, qualificado para esse papel devido à clareza de sua ideologia, superioridade de seus fins e sublimidade de seus objetivos. Nessas bases

é que deve ser visto e avaliado, e é nessas bases que seu papel deve ser reconhecido. Quem nega os direitos do Movimento, recusa-se a ajudá-lo, mostra-se cego (à verdade) e se esforça para embotar seu papel — é como alguém que tenta entrar numa disputa com a predestinação (divina). Quem fecha os olhos aos fatos, intencionalmente ou não, eventualmente despertará (para ver) que foi ultrapassado pelos acontecimentos, e que o valor das provas o torna incapaz de justificar suas posições. Será dada prioridade aos que chegarem primeiro (ao Movimento). A iniquidade de alguém da família é mais dolorosa para a alma do que o golpe de uma espada afiada.

Temos vos revelado a verdade do Livro, confirmando a escritura que vem diante dela e guardando-a. Fazei o julgamento das pessoas de acordo com o que Alá revelou, e não sigais os caprichos delas, afastando-se da verdade que vos foi revelada. Para cada um de vós, Alá indicou a lei e apontou um caminho. Se Alá tivesse assim desejado, faria de vós uma única nação. Entretanto ele desejou testar-vos em tudo que vos concedeu. Assim, deveis competir uns com os outros em boas ações. Por vontade de Alá, todos vós deveis retornar e, então, Ele vos revelará (a verdade) sobre as matérias nas quais vós divergis. (Alcorão 5-48).

O Movimento de Resistência Islâmica é um elo da corrente da jihad contra a invasão sionista. Acha-se conectado e vinculado ao (corajoso) levante do mártir “Izz Al-Din Al-Kassam” e sua irmandade, os combatentes da jihad da Fraternidade Muçulmana no ano de 1936. Em seguida, está relacionado e conectado a outro elo, a jihad dos palestinos, o empenho e a jihad da Fraternidade Muçulmana na guerra de 1948, e às operações da jihad da Fraternidade Muçulmana, de 1968 em diante. Apesar de tais ligações estarem distantes e apesar de a continuidade da jihad ter sido interrompida por obstáculos colocados no caminho dos combatentes da jihad por aqueles que gravitam na órbita do sionismo, o Movimento de Resistência Islâmica aspira concretizar a promessa de Alá, não importando quanto tempo levará. O Profeta, que as bênçãos e a paz de Alá recaiam sobre ele, disse: “A hora do julgamento não chegará, até que os muçulmanos combatam os judeus e terminem por matá-los, e mesmo que os judeus se abriguem por detrás de árvores e pedras, cada árvore e cada pedra gritará: Oh! Muçulmanos, Oh! Servos de Alá, há um judeu por detrás de mim, venha e mate-o, exceto se se tratar da árvore Gharkad, por-

que ela é uma árvore dos judeus” (registrado na coleção de Hadith de Bukhari e Muslim)

O Lema do Movimento de Resistência Islâmica

Art. 8º: Alá é a finalidade, o Profeta é o modelo a ser seguido, o Alcorão é a Constituição, a jihad é o caminho, e a morte por Alá é a sublime aspiração.

Capítulo II — Os Fins

Causas e Objetivos

Art. 9º: O Movimento de Resistência Islâmica se encontra num período em que o Islã se acha ausente da vida diária. Consequentemente, o equilíbrio está rompido, conceitos se acham confusos, valores se acham alterados, as pessoas más galgaram o poder, a injustiça e a escuridão prevalecem, covardes se tornaram tigres, a pátria foi usurpada, o povo expulso e se encontra errante em todos os países do mundo. O governo dos justos está ausente, e prevalece o império da falsidade. Nada se acha no devido lugar. Pois, quando o Islã está ausente, tudo se acha modificado. Essas são as causas.

No que toca aos objetivos, compreendem o combate à falsidade, derrotá-la e eliminá-la, de forma que os justos venham a imperar. A pátria deve retornar (aos seus verdadeiros donos), e do alto das mesquitas tocará a conclamação para as orações, anunciando o surgimento do império do Islã, de maneira que as pessoas e as coisas retornem aos seus devidos lugares. De Alá buscamos o socorro.

“Se Deus não promovesse a defesa de um grupo de pessoas diante das outras, a terra, certamente, se encontraria em estado de desordem. Deus é o mais bondoso de todos os seres.” (Alcorão, 2:251).

Art. 10: O Movimento de Resistência Islâmica — enquanto marcha adiante — oferece ajuda a todos os perseguidos e protege os oprimidos com toda a sua força. Não mede esforços para fazer sobressair a verdade e erradicar a mentira, tanto com palavras como com ações concretas, aqui e em qualquer lugar a que possa chegar e exercer sua influência.

Capítulo III — Estratégia e Meios

A Estratégia do Movimento de Resistência Islâmica

A Palestina é um wakf islâmico.³¹

Art. 11: O Movimento de Resistência Islâmica sustenta que a Palestina é um território de wakf, para todas as gerações de muçulmanos, até o Dia da Ressurreição. Ninguém pode negligenciar essa terra, nem mesmo uma parte dela, nem a abandonar, ou parte dela. Nenhum Estado árabe, ou mesmo todos os Estados árabes (juntos), tem o direito de fazê-lo; nenhum rei ou presidente tem esse direito, nem tampouco todos os reis ou presidentes juntos, nenhuma organização, ou todas as organizações juntas — sejam elas palestinas ou árabes — têm o direito de fazê-lo, porque a Palestina é território wakf, dado para todas as gerações de muçulmanos, até o Dia da Ressurreição.

Essa é a posição legal da terra da Palestina, de acordo com a Lei Islâmica. A esse respeito, é igual a quaisquer outras terras que os muçulmanos tenham conquistado pela força, porque os muçulmanos a consagraram, à época da conquista, como legado hereditário para todas as gerações de muçulmanos, até o Dia da Ressurreição. Assim ocorreu, quando se completou a conquista de Al-Sha'm e do Iraque, e os comandantes dos exércitos muçulmanos enviaram mensagens ao califa 'Umar b. Al-Khattab, pedindo instruções a respeito das terras conquistadas — dividi-las entre as tropas, ou deixá-las em mãos dos seus proprietários, ou proceder de outra forma.

Depois de discussões e consultas entre o califa 'Umar b. Al-Khattab e os Companheiros do Profeta, ficou decidido que as terras deveriam permanecer em mãos dos proprietários (originais), para se beneficiarem de suas colheitas, mas a terra, isto é, a terra em si, deveria constituir um wakf, para todas as gerações de muçulmanos, até o Dia da Ressurreição. A posse dos proprietários é somente um usufruto. Esse wakf existirá, enquanto existirem os céu e a terra. Qualquer ato que não esteja de acordo com essa Lei Islâmica em relação à Palestina é nulo e revogado. “Essa é a única verdade. Por isso, louvai o grande nome do Senhor.” (Alcorão 56:95/96).

31 Propriedade concedida, doada, inalienável segundo a lei islâmica.

Pátria e Nacionalismo segundo o Movimento de Resistência Islâmica

Art. 12: Nacionalismo, segundo o Movimento de Resistência Islâmica, é parte do credo religioso (islâmico). Não existe nada que fale mais eloquentemente e mais profundamente de nacionalismo, do que o que se segue, quando o inimigo usurpa território muçulmano, quando travar a jihad e confrontar o inimigo se torna um dever pessoal de cada muçulmano, homem e mulher. Uma mulher pode sair para lutar contra o inimigo (mesmo) sem a permissão do marido, e um escravo, sem a permissão do seu senhor.

Não existe nada igual, em qualquer outro sistema político — é um fato indiscutível. Enquanto vários outros nacionalismos se baseiam em fatores físicos, humanos e regionais, o nacionalismo do Movimento de Resistência Islâmica é caracterizado por todos os fatores acima e, mais — e o mais importante —, é caracterizado por motivos divinos que promovem um pacto entre esse nacionalismo, o espírito e a vida, desde que se torna relativo à fonte do espírito e a Ele que dá a vida. (O Movimento de Resistência Islâmica) está levantando a bandeira divina nos céus da pátria, de modo a criar laços indissolúveis entre o firmamento e a terra.

“Quando Moisés chegou e bateu com seu bastão, tanto o mago quanto a magia deixaram de ter valor”.

“O caminho certo surge claramente do erro; por isso, quem renuncia à falsidade e crê em Deus, é como se agarrar firmemente a um apoio que nunca se quebra, e Deus tudo ouve e vê.” (Alcorão 2:256).

Soluções Pacíficas, Iniciativas e Conferências Internacionais

Art. 13: As iniciativas, as assim chamadas soluções pacíficas, e conferências internacionais para resolver o problema palestino se acham em contradição com os princípios do Movimento de Resistência Islâmica, pois ceder uma parte da Palestina é negligenciar parte da fé islâmica. O nacionalismo do Movimento de Resistência Islâmica é parte da fé (islâmica). É à luz desse princípio que seus membros são educados e lutam a jihad, a fim de erguer a bandeira de Alá sobre a pátria.

“E Deus tem total controle sobre Seus feitos; mas muita gente não sabe.” (Alcorão, 12:21).

De tempos em tempos, surge uma convocação de uma conferência internacional, a fim de buscar uma solução para o problema (palestino). Alguns aceitam (a proposta), outros a rejeitam, por uma razão ou outra, exigindo o cumprimento de alguma condição, ou de condições prévias antes da concordância com a conferência, ou para dela participar. Entretanto, o Movimento de Resistência Islâmica — estando familiarizado com as partes intervenientes na conferência e com suas posições no passado e no presente, em matérias que dizem respeito aos muçulmanos —, não acredita que tais conferências possam satisfazer as suas demandas ou restaurar os direitos (dos palestinos), ou trazer benefício para os oprimidos. Tais conferências não passam de um meio para dar poder aos hereges para se instituírem como árbitros sobre terras muçulmanas, e quando foi que infíeis, hereges tiveram posições equilibradas para com os fiéis observantes?

Os judeus nunca ficarão contentes, tampouco os cristãos, a menos que se siga a religião deles. Dizei: “A orientação de Deus é a orientação certa. Mas, se seguides os desejos deles, depois de saberdes quem foi que veio até vós, então não tereis a proteção e a guarda de Deus.” (Alcorão 2:120).

Não há solução para o problema palestino, a não ser pela jihad.

Iniciativas de paz, propostas e conferências internacionais são perda de tempo e uma farsa. O povo palestino é muito importante, para que se brinque com seu futuro, seus direitos e seu destino. Como consta do Hádice: “O povo de Al-Sha’m é o açoite (de Alá) na Sua terra. Por meio dele, Ele se vingará de quem Ele quer, dentre os Seus servos. Os hipócritas não podem ser superiores aos crentes, e devem morrer em desgraça e aflição.” (registrado por Al-Tabarani, que se acha em linha com Maomé, e por Ahmad — Ibn Hanbal —, que possui uma linha incompleta com Maomé, e que pode ser o registro mais preciso, podendo ser confiáveis, em ambos os casos, a transmissão das palavras do Profeta — Alá, por si, é onisciente).

Os Três Círculos

Art. 14: O problema da libertação da Palestina envolve três círculos: o círculo palestino, o círculo (pan-árabe) e o círculo islâmico. Cada um desses três círculos tem o seu papel na luta contra

o sionismo e tem seus deveres. É um grave erro e uma vergonhosa ignorância descartar qualquer um dos círculos, porque a Palestina é uma terra islâmica. Nela se encontra a primeira das duas qiblas e a terceira das mais sagradas mesquitas, depois das Mesquitas de Meca e de Medina. É o destino da jornada noturna do Profeta.

“Louvai a Ele que transportou seu servo, durante a noite, da mais sagrada mesquita para a mais distante mesquita, e cuja vizi-nhança Ele abençoou, a fim de mostrarmos a Ele os sinais de nos-sa presença. Ele é o único que tudo ouve e tudo vê.” (Alcorão 17:1).

Diante desse fato, a libertação da Palestina é uma obrigação pessoal de cada muçulmano, onde estiver. É nessas condições que se deve considerar o problema, e cada muçulmano deve compre-endê-lo. Quando o dia chegar, e o problema é tratado nessas ba-ses, e toda a capacidade desses três círculos se mobilizar — as cir-cunstâncias atuais serão modificadas, e o dia da libertação estará próximo.

“Vós infligis mais medo nos corações dos judeus do que o próprio Deus, porque eles são pessoas que não entendem.” (Alco-rão 59:13).

A jihad para Libertação da Palestina é um dever

Art. 15 No dia em que o inimigo conquista alguma parte da terra muçulmana, a jihad passa a ser uma obrigação de cada muçulmano. Diante da ocupação da Palestina pelos judeus, é ne-cessário levantar a bandeira da jihad. Isso exige a propagação da consciência islâmica nas massas, localmente, no mundo árabe e no mundo islâmico. É necessário instilar o espírito da jihad em toda a nação, reunir todas as fileiras dos combatentes da jihad, envolvendo os inimigos.

A campanha de indoutrinação deve envolver a ulama³², edu-cadores, professores e especialistas em comunicação e mídia, bem como os intelectuais, especialmente os jovens e os xeques dos mo-vementos islâmicos. Faz-se necessário introduzir mudanças essen-ciais nos currículos, a fim de eliminar as influências da invasão intelectual infligida pelos orientistas e missionários. Essa inva-são foi introduzida na região depois que Salah Al-Din Al-Ayyu-

32 *O conselho dos sábios.*

bi³³ derrotou as Cruzadas. As Cruzadas chegaram à conclusão de que era impossível eliminar os muçulmanos, a menos que o caminho tivesse sido pavimentado por uma invasão intelectual, que faria confundir o pensamento, distorcer seu legado e impugnar seus ideais. Somente depois disso, poderia seguir a invasão das tropas. Isso prepararia o terreno para a invasão colonialista, como Allenby³⁴ declarou, depois de entrar em Jerusalém: “Agora as Cruzadas chegaram ao fim”. O general Gouraud³⁵ disse, diante do túmulo de Salah Al-Din Al-Ayyubi: “Ó, Saladino, estamos de volta!”. O colonialismo ajudou a intensificar a invasão intelectual e ajudou-a a fincar raízes. E ainda o faz. Tudo isso pavimentou o caminho para a perda da Palestina.

É necessário colocar nas mentes de todas as gerações de muçulmanos que o problema da Palestina é um problema religioso, e que assim deve ser tratado, pois (a Palestina) contém lugares sagrados islâmicos, a Mesquita de Al-Aqsa, que está inseparavelmente ligada, enquanto durarem o céu e a terra, à sagrada Mesquita de Meca, devido à viagem noturna do Profeta (da mesquita de Meca à de Al-Aqsa), e a sua consequente ascensão ao céu.

“Colocar-se a serviço de Deus por um dia é melhor do que o mundo inteiro, com tudo que nele existe, e ter cada um de vós, combatentes da jihad, açoitados no Paraíso, é melhor do que o mundo inteiro com tudo que nele se encontra. Cada ato pela manhã e cada ato à tarde, realizados pelos muçulmanos em prol de Deus, é melhor do que o mundo inteiro com tudo o que nele se encontra”.

“Em Seu nome, que guarda a alma de Maomé em Suas mãos, quero me lançar no ataque em prol de Deus, e ser morto, para atacar de novo e ser morto, e atacar de novo e ser morto”.

Educando as próximas gerações

33 *Saladino (1138–1193), chefe militar curdo muçulmano que se tornou sultão do Egito e da Síria e liderou a oposição islâmica aos cruzados europeus no Levante.*

34 *Edmund Allenby (1861–1936), general britânico que conduziu a Força Expedicionária Egípcia (FEE) do império britânico, durante a Campanha do Sinai e na Palestina, contra o Império Otomano, na conquista da Palestina, durante a Primeira Guerra Mundial.*

35 *Henri Gouraud (1867–1946), comandante militar que serviu, de 1919 a 1923, como representante do governo francês no Oriente Médio e como comandante do exército francês do Levante.*

Art. 16: É necessário educar as próximas gerações, em nossa região, dentro dos caminhos islâmicos, com base no cumprimento das obrigações religiosas, com acurado estudo do Livro de Alá, estudar a suna do Profeta, com a leitura atenta da história e legado islâmicos, mas baseados em fontes confiáveis, e submetidos às instruções de especialistas e entendidos, com metodologia competente, que ensinem a visão global do pensamento e da fé. Ademais, é necessário um apurado estudo do inimigo, suas condições humanas e capacidade de ação, para familiarizar-se com suas fraquezas e seus poderes, para conhecer as forças que o ajudam e apoiam. Também é necessário ficar a par dos acontecimentos, acompanhar os novos desenvolvimentos e estudar as análises e comentários relativos ao inimigo. Também se faz necessário planejar para o futuro, estudando cada um e todos os fenômenos, de maneira que os muçulmanos que se dediquem à jihad possam viver com completo e total conhecimento de seus fins e seus objetivos, do caminho a seguir, e com total conhecimento do que está ocorrendo à sua volta.

Ó, meu filho, mesmo que (uma coisa) tenha o peso de um grão de mostarda, esteja sobre uma rocha, ou nos céus, ou na terra, Deus a fará trazer diante de Sua presença. Deus é capaz de discernir a menor coisa, Ele é onisciente. Ó, meu filho! Mantenha-te orando e aproveite o que é bom e proíba todo o mal, e mantenha-te nesse caminho, frente a qualquer circunstância que te possa abater; seguramente isso (o comportamento) vale manter com firmeza. Não vire a cara com desprezo ao teu povo; não ande com arrogância na terra. Deus não ama o arrogante e o presunçoso.” (Alcorão, 31:16/18).

O papel da mulher muçulmana

Art. 17: O papel da mulher muçulmana na Guerra de Libertação não é menos importante do que o do homem, porque ela é que faz o homem. O papel delas na orientação e educação da nova geração é muito importante. Os inimigos (entenderam) o papel dela, e pensam que, educando-a de acordo com as ideias deles, afastando-a do Islã, terão ganho a guerra. Vereis, portanto, que, continuamente, desenvolvem grandes esforços (nesse sentido) pela imprensa, no cinema, nos currículos escolares, por meio de seus agentes, incorporados em organizações sionistas, que assu-

mem variados nomes, tais como Maçons Livres, Rotarys Clubes, grupos de espionagem, etc., todos sendo covis de sabotagem e sabotadores. Tais organizações sionistas dispõem de abundantes recursos materiais, que lhes permitem fazer o jogo delas nas mais variadas sociedades, com a finalidade de levar a cabo seus objetivos, enquanto o Islã fica afastado (de sua fé). Os seguidores do Movimento Islâmico devem fazer a sua parte, enfrentando os esquemas desses sabotadores. Quando o Islã estiver no leme, fará erradicar todas essas organizações, pois são hostis à humanidade e ao Islã.

Art. 18: A mulher no lar e na família jihadista, seja mãe ou irmã, tem a função principal de cuidar da casa, educando as crianças de acordo com as ideias morais e valores inspirados pelo Islã, ensinando-as a cumprir os deveres religiosos na preparação para a jihad que as espera. Assim, é necessária acurada atenção com as escolas nas quais as meninas muçulmanas são educadas, bem como sobre o currículo, de forma que elas cresçam preparando-se para serem boas mães, conscientes do seu papel na guerra de libertação. As meninas devem receber adequados conhecimentos, para compreenderem os cuidados com as tarefas domésticas; a economia e como evitar desperdícios nas despesas domésticas são requisitos para se capacitarem a um comportamento adequado nas atuais difíceis circunstâncias. As meninas devem ter consciência de que os recursos disponíveis são como o sangue, que deve fluir somente nas veias, para que a vida continue, tanto na juventude como na velhice.

“Os homens e as mulheres muçulmanos, os homens e as mulheres fiéis, os homens e as mulheres confiáveis, os homens e as mulheres que preservam as tradições, os homens e mulheres caridosas, os homens e mulheres que se mantêm firmes em seus caracteres, os homens e mulheres que mantêm a castidade, os homens e mulheres que lembram de Deus constantemente — a eles, Deus concederá seu perdão e uma grande recompensa.” (Alcorão, 33:35).

O papel da arte islâmica na Guerra de Libertação

Art. 19: A arte possui regras e padrões por meio dos quais é possível determinar se é islâmica ou pagã. A libertação islâmica necessita da arte islâmica, que eleva o espírito, sem destacar

um aspecto da natureza humana frente a outro aspecto, mas, pelo contrário, eleva todos os aspectos em perfeito equilíbrio e harmonia. O homem é uma criatura maravilhosa e única, feito de um punhado de argila e do sopro do espírito. A arte islâmica vai ao encontro do homem nessas bases, enquanto a arte pagã destaca o corpo físico e dá predominância ao componente da argila.

Os livros, artigos, panfletos, sermões, epístolas, canções tradicionais, poemas, cantos patrióticos, peças, etc. — detendo as características da arte islâmica — são meios necessários para a doutrinação. Constituem uma autorrenovação do alento para a continuação da jornada, refrescando o espírito, pois a estrada é longa, o sofrimento é grande, e a alma acaba fatigada. A arte islâmica renova as energias, revive a emoção e desperta a alma para elevados ideais e condutas sadias.

Nada pode curar a alma, se ela se retrai, vagando de um lado a outro.

Tudo isso é extremamente sério e não uma brincadeira, porque uma nação engajada numa jihad não conhece brincadeiras.

Solidariedade Social

Art. 20: A sociedade muçulmana se caracteriza pela solidariedade. O Profeta, que as bênçãos e a paz de Alá estejam sobre ele, disse: “Abençoados sejam os da tribo de Banu Al-Ash’ar. Quando atingidos pela seca — tanto numa cidade ou na caminhada —, reúnem tudo que têm e dividem entre si em partes iguais”. Esse é o espírito islâmico que deve existir em cada sociedade islâmica. Uma sociedade que está enfrentando um inimigo perverso, com comportamento nazista, que não faz distinção entre homens e mulheres, entre velhos e jovens, tem maior necessidade de se comportar dentro desse espírito islâmico (de solidariedade). Nosso inimigo usa a punição coletiva, desapossando as pessoas de suas casas e bens. Ele persegue as pessoas até nos seus locais de exílio, quebrando os ossos, atirando nas mulheres, crianças e velhos, com ou sem motivo. O inimigo construiu campos de detenção, para neles aprisionar milhares e milhares (de pessoas) em condições desumanas, tudo isso além de destruir as suas casas, tornar as crianças órfãs, e injustamente condenando jovens a despender os melhores anos de sua juventude em prisões escuras. O nazismo dos judeus é dirigido tanto contra mulheres, como contra crianças. O terror

que espalham é dirigido contra qualquer um. O inimigo combate as pessoas para destruir suas vidas, roubar seu dinheiro e esmagar a sua dignidade. Tratam as pessoas como os piores criminosos de guerra. A deportação dos respectivos lares é uma forma de assassinato. Diante de tal comportamento, devemos demonstrar solidariedade social entre nós, e devemos enfrentar o inimigo como um corpo unido, e que, quando um membro sofre, os demais reagem despertos e fervorosamente.

Art. 21: Solidariedade social significa ajudar a todo necessitado, seja material ou moralmente, estando presente para completar um trabalho. Os membros do Movimento de Resistência Islâmica devem olhar os interesses das massas como os seus próprios, e não devem medir esforços para satisfazê-las e protegê-las. Devem evitar ser negligentes em matérias que afetem as futuras gerações ou que causem prejuízos à sociedade. As massas devem ser do interesse dos membros do Hamas, que devem trabalhar por elas, porque o fortalecimento das massas é o fortalecimento do Hamas, o futuro delas é o futuro do Hamas. Os membros do Movimento de Resistência Islâmica devem estar com o povo, nos momentos de alegria e na tristeza. Devem cuidar das demandas das massas e esforçarem-se para servir aos interesses das massas, que são os deles mesmos. Quando tal espírito está presente, a amizade se aprofunda, havendo conseqüentemente cooperação e empatia. A unidade aumentará, e as fileiras serão reforçadas para enfrentar os inimigos.

As forças que apoiam o inimigo

Art. 22: Os inimigos têm feito planejamento inteligente e cuidadoso, durante muito tempo, a fim de chegarem ao ponto em que chegaram, com emprego de métodos que afetam o curso dos acontecimentos. Dedicam-se a acumular imensos recursos financeiros, que empregam para realizar os seus sonhos.

Com dinheiro, assumem o controle da imprensa mundial — agências de notícias, jornais, editoras, serviços de radiodifusão, etc. Com dinheiro, promovem revoluções em vários países, mundo afora, para servir aos seus interesses e obter lucros. Estiveram por trás da Revolução Francesa e da Revolução Comunista, e se acham por trás da maioria das revoluções de que ouvimos falar, de tempos em tempos, aqui e ali. Com dinheiro, criaram organi-

zações secretas, em todo o mundo, a fim de destruir as respectivas sociedades e servir aos interesses sionistas; organizações tais como os Maçons Livres, Rotary Clubes, Lions, os Filhos da Aliança (B'nei Brith), etc. Todas essas organizações servem para fazer espionagem e sabotagem. Com dinheiro, foram capazes de assumir o controle dos países colonialistas e os instigaram a colonizar muitos outros países, de forma a explorar os recursos de cada país e lá espalhar a corrupção moral.

Não há um fim para dizer tudo sobre o envolvimento do inimigo sionista em guerras localizadas e guerras mundiais. Estiveram por trás da Primeira Guerra Mundial, por meio da qual obtiveram a destruição do Califado Islâmico, tiveram altos ganhos materiais, passaram a controlar numerosos recursos naturais, obtiveram a Declaração Balfour e criaram a Liga das Nações Unidas, para poder governar o mundo por meio dessa Organização.

Estiveram, também, por trás da Segunda Guerra Mundial, através da qual juntaram um tremendo lucro, com o comércio de materiais de guerra, e abriram o caminho para o estabelecimento do seu Estado. Os sionistas também propuseram a criação das Nações Unidas e o Conselho de Segurança, em substituição à Liga das Nações Unidas, para governar o mundo. Onde há uma guerra no mundo, eles se encontram, acionando os cordéis por trás das cortinas. “Quando acendem o fogo da guerra, Deus o extingue. Eles se esforçam para espalhar o mal na terra, mas Deus não ama aqueles que praticam o mal.” (Alcorão, 5:64).

As potências colonialistas, tanto do Ocidente capitalista, como do Oriente comunista, apoiam o inimigo com toda a sua força, seja materialmente, seja com mão de obra, alternando um ou outro. Quando o Islã aparece, todas as forças dos infieis se unem em oposição, porque todos os infieis constituem uma só dominação.

“É, fiéis, não tomeis como amigos alguém de fora de vossas fileiras, porque não medirão esforços para vos fazer o mal. Desejam aquilo que vos causa sofrimento. O ódio sai das suas bocas, mas o que escondem em seus corações é ainda pior. Nós vos apresentamos sinais bastante claros, se compreenderdes.” (Alcorão, 3:118). Não é por acaso que esse versículo termina com as palavras “se compreenderdes”.

Capítulo IV — Nosso Posicionamento

A) Sobre os Movimentos Islâmicos

Art. 23: O Movimento de Resistência Islâmica vê com todo respeito e apreço os demais movimentos islâmicos; mesmo que tenha divergências com os mesmos em alguns aspectos e ideias, tem concordâncias com eles em muitos outros aspectos e ideias, e os considera, enquanto suas intenções forem boas e forem devotos de Alá, como dentro do direito de legítima opinião, isto é, enquanto suas respectivas ações se situarem dentro do círculo islâmico. Todo aquele que se esforça em prol da verdade receberá sua recompensa.

O Movimento de Resistência Islâmica considera tais movimentos como um reforço, e suplica a Alá para guiar-nos e orientar-nos. Nunca esquece de, constantemente, levantar a bandeira da unidade e de se esforçar, permanentemente, para alcançar a unidade, de acordo com o Alcorão e a suna. “Deveis vos manter firmemente agarrados à corda que Deus vos oferece, todos vós. Não vos dividais entre si, e lembrai-vos de que Deus ficará a vosso lado. Caso sejais inimigos uns dos outros, Ele juntará vossos corações, e por meio Dele vos tornareis irmãos. Vós vos encontráveis num grande incêndio, e Ele vos salvou. Assim, Deus mostra Seus feitos, de forma que possais seguir o caminho correto.” (Alcorão, 3:103)

Art. 24: o Movimento de Resistência Islâmica não permite que o nome de um indivíduo seja vetado ou ofendido, porque verdadeiros muçulmanos não vetam ou xingam os outros. Deve ser feita uma clara distinção entre isso e posições ou comportamentos, porque o Movimento de Resistência Islâmica deve ter o direito de expor erros e evitar que as pessoas os cometam, e se esforçar com afincos para tornar a verdade conhecida e adotada de forma imparcial, em todas as situações. Os muçulmanos buscam a sabedoria, e a agarram onde a puderem encontrar.

“Deus não gosta, quando as pessoas falam mal uma das outras, e em público, exceto daqueles que tenham pecado. Deus tudo ouve e tudo sabe. Quando vós fazeis o bem, seja em público ou secretamente, ou perdoais algo de errado (que lhes fizeram), seguramente Deus vos estará perdoando, pois é Onipotente.” (Alcorão 4:148-149).

B) Sobre os Movimentos Nacionalistas na Palestina

Art. 25: O Movimento de Resistência Islâmica respeita e aprecia as condições que envolvem e afetam os outros movimentos. Apoiar a todos, enquanto não prestam obediência ao Leste Comunista e aos Cruzados do Ocidente, e enfatiza, a todos os seus membros e a todos que os apoiam, que o Movimento de Resistência Islâmica é um movimento ético jihadista, consciente em sua visão mundial e no tratamento com os outros movimentos. Abomina o oportunismo, deseja somente o bem para as pessoas, enquanto indivíduos ou grupos, e não se dedica a obter lucros materiais ou fama para si. Não busca a recompensa das pessoas, e segue em frente com seus próprios recursos e com o que tem em mão. “Juntais contra eles todas as forças que podeis” (Alcorão, 8:60), a fim de levar adiante vossos deveres e conquistar a graça de Alá. O Movimento de Resistência Islâmica não tem outro escopo senão este.

E reafirma a todos os grupos nacionalistas, de todas as orientações, operando na Palestina, que não deve ocorrer outra coisa senão o apoio e a ajuda a todos eles, com palavras e ações, no presente e no futuro. Reúne a todos e não busca a separação, preserva a unidade e não a dispersão, une e não divide, valoriza cada palavra, cada esforço sincero e cada palavra de louvor pelo esforço. Fecha as portas diante dos desentendimentos. Não dá atenção a boatos e observações tendenciosas, mas reserva-se o direito de se defender.

Tudo que se oponha ou contradiga essa orientação é fabricado pelo inimigo, ou por seus lacaios, a fim de provocar confusão, dividir as fileiras e provocar distração com assuntos laterais. “Ó, vós, que credes, se um mal-intencionado lhe traz informação, deveis examiná-la cuidadosamente, para não atingir pessoas (inocentes), devido à ignorância, para depois vos arrependerdes.” (Alcorão 49:6).

Art. 26: O Movimento de Resistência Islâmica — observando favoravelmente, como o faz, os movimentos nacionalistas palestinos —, não se furta a discutir os novos desenvolvimentos a respeito do problema da Palestina, no local ou na arena internacional, de maneira objetiva, para ver em que extensão (tais desenvolvimentos) se coadunam, ou não, aos interesses da causa segundo a visão islâmica.

C) Sobre a Organização para a Libertação da Palestina

Art. 27: A OLP (Organização para a Libertação da Palestina) está junto do coração do Movimento de Resistência Islâmica, como um pai, um irmão ou amigo, e um verdadeiro muçulmano não deve repelir seu pai, seu irmão ou seu amigo. Nossa pátria é uma só, nosso infortúnio é um só, nosso destino é um só, e enfretamos o mesmo inimigo.

Devido às circunstâncias que conduziram à criação da OLP, e à confusão intelectual que imperava no mundo árabe, como resultado da invasão intelectual que estava sendo feita desde a derrota das Cruzadas, e que passou a ser intensificada, e continua a ser intensificada, pelas atividades de orientalistas e missionários cristãos, a OLP decidiu adotar a ideia de um Estado secular, e, assim, vemos a OLP. A ideologia secularista se acha em total contradição com a ideologia religiosa, e são as ideias que são as bases das posições, condutas e decisões.

Assim, com todo o nosso apreço pela Organização para a Libertação da Palestina, e o que ela posa vir a se tornar, e sem desprezar o seu papel no conflito árabe-israelense, não podemos eliminar a identidade islâmica da Palestina, que é parte da nossa fé, e quem negligencia essa fé está perdido. “Quem rejeita a religião de Abraão é alguém que ficou um tolo.” (Alcorão 2:130).

Quando a OLP adotar o Islã como seu meio de vida, então seremos as suas tropas e o combustível para o seu fogo, que consumirá o inimigo. Mas, até que essa ocasião chegue — e rezamos para que ela não demore —, a posição do Movimento de Resistência Islâmica vis-a-vis a OLP é de um filho para com um pai, de um irmão para com seu irmão, ou de um parente para com seus parentes. Compartilha os sofrimentos do outro, quando é atingido por uma tormenta, e o apoia diante do inimigo, e faz votos de que encontre a orientação divina e siga o caminho certo.

“Vosso irmão, vosso irmão antes dos outros! Quem não tem um irmão é igual a alguém que vai para a guerra sem uma arma. Vosso primo, deveis conhecer a força de suas asas. Por que, como pode um falcão levantar voo sem asas?”

D) Sobre os Estados e Governos Árabes e Islâmicos

Art. 28: A invasão sionista é uma invasão cruel, que não possui quaisquer escrúpulos e utiliza métodos viciados e vilões para

atingir seus objetivos. Nas suas operações de espionagem e infiltração, apoia-se em organizações secretas, que cresceram fora do seu âmbito, tais como os Maçons Livres, Rotary Clubes, Lions e outros grupos de espionagem do mesmo tipo. Todas essas organizações, secretas ou abertas, operam pelos interesses do sionismo e sob sua direção, e suas finalidades consistem em enfraquecer as sociedades, minar seus valores, destruir a honra das pessoas, introduzir a degradação moral e aniquilar o Islã. O sionismo se encontra por trás de todo tipo de tráfico de drogas e do álcool, para facilitar o seu controle e sua expansão.

Exigimos que os países árabes em torno de Israel abram as suas fronteiras aos árabes e muçulmanos combatentes da jihad, a fim de cumprirem sua parte, juntando suas forças às forças dos seus irmãos — a Irmandade Muçulmana na Palestina. Dos demais países árabes e muçulmanos, exigimos que, no mínimo, facilitem a passagem através de seus territórios dos combatentes da jihad.

Não podemos deixar de lembrar a cada muçulmano que, quando os judeus ocuparam Al-Quds (Jerusalém), em 1967, e se postaram diante da abençoada Mesquita de Al-Aqsa, gritaram: “Maomé está morto, sua descendência é de mulheres”. Com isso, “Israel”, com sua identidade judaica, e o povo judeu estão desafiando o Islã e os muçulmanos. Que a covardia não conheça descanso.

E) Sobre os Grupos Nacionalistas e Religiosos, Intelectuais e o Mundo Árabe e Muçulmano

Art. 29: O Movimento de Resistência Islâmica espera que tais grupos estejam sempre prontos para ajudar, mas, em qualquer circunstância, lhes dará ajuda, apoiará seus posicionamentos, dará suporte às atividades deles e terá todo empenho na busca de apoio para eles, de forma que cada cidadão muçulmano seja uma reserva de apoio e reforço para o Movimento, e que disponibilizem profundo apoio estratégico em termos de recursos humanos e materiais e em informação, a qualquer tempo e em qualquer lugar. Deve ser atingido por meio de conferências, panfletos ideológicos e pela doutrinação das massas com relação ao problema palestino — o que estão enfrentando e o que é plantado contra eles. Da mesma forma, devem tais grupos trabalhar para mobilizar cada muçulmano, ideológica, educacional e culturalmente, de modo que tenha seu papel na decisiva guerra de libertação, assim como

tiveram participação importante na derrota das Cruzadas, na expulsão dos mongóis, salvando, assim, a civilização humana. Isso não é difícil para Alá.

“Deus disse: ‘EU e Meu Mensageiro acabaremos prevalecendo.’ Alá é forte e todo-poderoso.” (Alcorão, 58:21).

Art. 30: Escritores, intelectuais, jornalistas, pregadores nas mesquitas, educadores e todos os demais setores do mundo árabe e islâmico são convocados a desempenhar seu papel e a cumprir seu dever (isto é necessário), devido à ferocidade do assalto sionista e devido ao fato de ter-se infiltrado em muitos países, e assumido o controle das finanças e da imprensa — com todas as ramificações que daí decorrem — na maioria dos países do mundo.

A jihad não se limita a pegar em armas e combater o inimigo cara a cara, pois palavras eloquentes, escritos que persuadem, livros que efetivamente cumprem sua finalidade, o apoio e a ajuda — tudo leva a desempenhar a sincera intenção de levantar a bandeira de Alá e fazê-la reinar suprema — tudo isso é a jihad em prol de Alá.

O Profeta disse: “Quem prepara um guerreiro com todas as armas para lutar por Alá é um guerreiro, e quem dá apoio à família de um guerreiro (que saiu para combater por Alá) é também um guerreiro” (registrado por Bukhari, Muslim, Abu Da’ud e Tirmidhi, nas suas coleções de Hádice).

F) Sobre os Fiéis de Outras Religiões

Art. 31: O Movimento de Resistência Islâmica é um Movimento humano, que respeita os direitos humanos e se acha comprometido com a tolerância islâmica para com os seguidores de outras religiões. Mostra-se hostil apenas com aqueles seguidores de outras religiões que fazem hostilidades para com o Movimento, ou que se colocam em seu caminho, impedindo suas atividades e prejudicando os seus esforços. Sob as asas do Islã, os seguidores das três religiões — Islã, Cristianismo e Judaísmo — podem coexistir em segurança e a salvo. Somente sob o manto do Islã é que a salvaguarda e a segurança imperam. A história antiga e a recente dão provas disso. Os seguidores de outras religiões devem parar de competir com o Islã pela soberania nesta região, porque, quando eles governam, ocorrem atos de assassinatos, torturas e deportações, e não permitem que outras religiões possam ter seu curso.

Tanto o presente como o passado estão cheios de provas disso.

“Não vos dão combate, a não ser de dentro de vilas fortificadas, ou por detrás dos muros. Eles lutam ferozmente uns com os outros. Vós os considerais unidos, mas os corações deles estão divididos, pois são um povo sem sentido.” (Alcorão, 59:14).

O Islã está de acordo com os direitos de cada pessoa, e evita qualquer infração aos direitos de outras pessoas. As medidas que os sionistas-nazistas adotam contra o nosso povo não vão conseguir prolongar a duração da sua invasão, porque o governo da injustiça não dura uma hora sequer, enquanto o governo da verdade dura até a Hora da Ressurreição.

“Deus não vos proíbe de demonstrar bondade e de agir com justiça para com aqueles que não vos combatem por conta de vossa religião, e não vos retirais das casas deles. Alá ama quem age com justiça.” (Alcorão, 60:8).

G) Sobre as Tentativas de Isolar o Povo Palestino

Art. 32: O sionismo mundial e as potências colonialistas, por meio de manobras espertas e meticuloso planejamento, tentam afastar os países árabes, um a um, do círculo do conflito com o sionismo, a fim de, finalmente, conseguir isolar o povo palestino. Já levou o Egito para fora do círculo do conflito, em grande parte através do traidor Acordo de Camp David (de setembro de 1978), e está tentando arrastar outros países árabes para acordos semelhantes, de forma a ficarem fora do círculo do conflito.

O Movimento de Resistência Islâmica convoca todos os povos árabes e muçulmanos a lutarem séria e diligentemente, a fim de prevenir esse terrível esquema, bem como alerta as massas dos perigos inerentes à exclusão do círculo do conflito com o sionismo. Hoje é a Palestina, e amanhã será algum outro país ou países, pois o plano sionista não tem limites, e depois da Palestina pretenderão se expandir do Nilo até o Eufrates, e quando terminarem de devorar uma área, estarão famintos por novas expansões, e assim por diante, indefinidamente. O plano deles está exposto nos Protocolos dos Sábios de Sião, e o comportamento deles, no presente, é a melhor prova daquilo que lá está dito.

Deixar o círculo do conflito com o sionismo é um ato de alta traição; todos os que o fazem devem ser amaldiçoados. “Quem (quando combatendo os infiéis) vira as costas para eles, a menos

que seja uma manobra de batalha ou para se juntar a outra companhia, incorre na ira de Deus, e sua morada deverá ser o inferno. Seu destino será do maior infortúnio.” (Alcorão, 8:16).

Todas as forças e toda capacidade disponível devem ser reunidas, para enfrentar os ferozes ataques dos mongóis, nazistas, para impedir que a pátria seja perdida, o povo exilado, o mal espalhado sobre a terra, e todos os valores religiosos sejam destruídos. Cada qual e todas as pessoas devem saber que são responsáveis perante Alá.

“Cada qual que faz um peso mínimo de um grão de bem que seja, o verá; e cada qual que faz um peso mínimo de um grão de mal, deverá vê-lo.” (Alcorão, 99:7-8).

No círculo do conflito contra o mundo sionista, o Movimento de Resistência Islâmica se vê como ponta de lança, ou como um passo à frente no caminho da vitória. Junta suas forças às forças de todos que se encontram atuando na arena palestina. Aguarda agora pelos passos a serem tomados pelo mundo árabe e islâmico. O Movimento de Resistência Islâmica se acha muito bem qualificado para o próximo estágio da luta contra os judeus, os instigadores das guerras.

“Planejamos a inimizade e ódio entre eles até o Dia da Ressurreição. Toda vez que eles acendem o fogo da guerra, Deus o extingue. Eles procuram espalhar o mal sobre a terra, e Deus detesta quem faz o mal.” (Alcorão, 5:64).

Art. 33: O Movimento de Resistência Islâmica — partindo de tais conceitos gerais, que se acham de acordo e em harmonia com as leis da natureza, e seguindo a corrente do destino divino para confrontação com os inimigos e a jihad contra eles, em defesa dos muçulmanos, da civilização islâmica e dos santuários islâmicos, sendo a Mesquita de Al-Aqsa a primeira — conclama os povos árabes e islâmicos e seus governos, e suas ONGs e organizações oficiais, a respeitar a Alá em suas atitudes para com o Movimento de Resistência Islâmica e no seu tratamento para com ele. Devem agir para com o Movimento de Resistência Islâmica da forma como Alá deseja, especialmente apoiando-o, mantendo-o, ajudando-o e continuamente reforçando-o, até que a palavra de Alá seja cumprida. Então, todas as fileiras estarão unidas, os combatentes da jihad se juntarão aos outros combatentes da jihad, e as massas em todo o mundo islâmico acorrerão e responderão ao

chamado pelo cumprimento do dever, gritando: “Apressemonos para a jihad”. Essa conclamação penetrará nas nuvens do céu e continuará a soar, até que a libertação seja atingida, os invasores derrotados, e a vitória de Alá seja vista.

“Deus com certeza ajuda quem O ajuda; Deus é forte e poderoso.” (Alcorão, 22:40).

Capítulo V — As Provas Históricas

Diante do inimigo ao longo da história

Art. 34: A Palestina é o centro da Terra e o ponto de encontro dos continentes; sempre foi o alvo dos agressores gananciosos. Assim ocorreu desde os primórdios da história. O Profeta, que receba a graça e a paz de Alá, assinalou esse fato em suas nobres palavras com as quais se dirigiu ao exaltado companheiro Um’adh Jabal, dizendo: “Ó, Um’adh, Deus lhe concederá as Terras de Al-Sha’m após minha morte, que vai de Al-‘Arish ao Eufrates. Seus homens, mulheres e o produto do trabalho de suas mãos ficarão permanentemente nessas terras, até o Dia da Ressurreição, para todos aqueles que tenham escolhido viver em alguma parte da planície costeira de Al-Sha’m ou Bayt Al-Maqdis (Palestina), que se encontrará em permanente estado de jihad, até o Dia da Ressurreição”.

Os agressores cobiçaram a Palestina em muitas ocasiões. Foi atacada com grandes exércitos, tentando realizar suas gananciosas aspirações. Grandes exércitos das Cruzadas vieram aqui, trazendo seu credo religioso e fincando suas cruzes. Conseguiram derrotar os muçulmanos por um certo tempo, e os muçulmanos só conseguiram reconquistar a região, quando lutaram sob a bandeira de sua própria religião, juntando as forças e gritando “allahu akbar”³⁶, e se empenharam na jihad, sob o comando de Salah Al-Din Al-Ayyubi, por cerca de duas décadas, o que os conduziu a uma vitória retumbante: os Cruzados foram derrotados, e a Palestina foi liberta.

“Dizeis aos que não creem: sereis, sem dúvida, derrotados e reunidos no Inferno. O vosso lugar de descanso será o mais terrí-

36 “Deus é maior” em árabe. Foi usada pela primeira vez por Maomé na batalha de Badr, a primeira grande batalha do Islã.

vel.” (Alcorão, 3:12).

Trata-se da única forma de libertação, e ninguém pode duvidar do testemunho da história. Trata-se de uma das leis do universo e das leis da realidade. Somente o ferro pode romper o ferro, e a falsa e fabricada fé dos inimigos somente pode ser vencida pela fé verdadeira do Islã, porque a verdadeira fé religiosa não pode ser atacada senão pela fé religiosa. E a verdade deverá triunfar, porque a verdade é mais forte.

“Já demos Nossa Palavra para Nossos servos, os mensageiros, que serão ajudados até a vitória e que o Nosso exército acabará triunfando.” (Alcorão, 37:171-173).

Art. 35: O Movimento de Resistência Islâmica estuda a derrota das Cruzadas nas mãos de Salah Al-Din Al-Ayyubi, a consequente libertação da Palestina, bem como a derrota dos mongóis em Ayn Jalut e a destruição de sua força militar nas mãos de Qutuz e Al-Zahir Baybars, livrando o mundo árabe da conquista dos mongóis, que destruiu todos os aspectos da civilização humana. Estuda esses acontecimentos seriamente e extrai deles lições e exemplos. A atual invasão sionista foi precedida pela invasão das Cruzadas do Ocidente e pela invasão mongol do Oriente. Se os muçulmanos enfrentaram essas invasões, planejaram combatê-las e as derrotaram, podem (agora) confrontar a invasão sionista e derrotá-la. Tal não é difícil para Alá, desde que as intenções sejam sinceras, e a decisão seja forte, e os muçulmanos extraíam as boas coisas da experiência do passado, contenham as influências da invasão intelectual e sigam os caminhos dos seus predecessores.

Conclusão

Os Soldados do Movimento de Resistência Islâmica

Art. 36: O Movimento de Resistência Islâmica, em sua marcha à frente, insiste em enfatizar a todos do nosso povo, e dos povos árabes e muçulmanos, de que não busca fama para si próprio, ou ganhos materiais, ou posição social, e de que não se dirige contra quem quer que seja do nosso povo, a fim de competir com alguém ou tomar-lhe o lugar — nada desse teor. Não se opõe a qualquer muçulmano, ou a quaisquer não-muçulmanos que tenham intenções pacíficas para com o nosso povo, aqui ou em qualquer lugar. Sempre oferecerá nada mais do que ajuda a todos os grupos

e organizações que lutam contra o inimigo sionista e seus lacaios.

O Movimento de Resistência Islâmica adota o Islã como seu modo de vida. É seu credo e sua lei. Adotando o Islã como seu modo de vida, aqui ou onde for — seja uma organização, uma associação, Estado ou qualquer outro grupo — o Movimento de Resistência Islâmica o servirá como seu soldado. Pedimos a Deus que nos guie, que guie por nosso intermédio, e que faça o julgamento entre nós e nosso povo com a verdade. “Ó, Senhor, julgai entre nós e nosso povo com a verdade. Sois o melhor dos juízes.” (Alcorão 7:89).

No fim, suplicamos: Louvado seja Alá, Senhor do Universo.

**Palestina,
1º de Moarrão de 1409 AH³⁷
18 de agosto de 1988.**

37 *Calendário islâmico.*

Parte 4

ARTIGOS E REPORTAGENS

O Hamas lança a luva do desafio

*Musa Abu Marzuk*³⁸

Por anos, fomos vilipendiados e criminalizados à distância por vários governos ocidentais, líderes políticos, movimentos e seus agentes contratados. Hamas é isso... Hamas é aquilo... Hamas fez isso... Hamas fez aquilo. Por décadas, estivemos sujeitos a ataques verbais incessantes, mentiras e desinformação, que procuraram nos transformar, de um movimento de libertação nacional e representante eleito do povo de Gaza, em “terroristas” que não se importam com a Palestina, suas necessidades e independência, mas sim com a busca de fama e benefício pessoal.

Mais uma vez, na recente audiência de dois dias solicitada pela África do Sul ante a Corte Internacional de Justiça, não em nosso nome, mas em nome da lei e justiça internacionais, “Israel” passou toda a sua defesa repercutindo boatos desenfreados, uma gama de mentiras, em uma estratégia óbvia de enganar. Antes de responder a essa sinfonia de distorções, deixemos claro alguns pontos fundamentais e inegáveis:

O Hamas foi eleito pelos palestinos em Gaza há mais de quinze anos, em um processo descrito pelo então observador internacional, o ex-presidente [dos EUA] Jimmy Carter, como o mais completo e justo que ele já havia observado. Todos esses anos seguintes, ainda servimos nessa qualidade, não porque recusamos

³⁸ Publicado em 27 de janeiro de 2024, em *Media Review Network*. *HAMAS throws down the gauntlet*.

ou impedimos nossas famílias e comunidade palestinas de realizarem novas eleições, mas porque “Israel” fez tudo ao seu alcance para garantir que eleições plenas e livres não acontecessem, temendo que o Hamas não apenas ganhasse novamente em Gaza, mas também na Cisjordânia ocupada e em Jerusalém. Nossos candidatos foram presos, na prática, indefinidamente, sem acusação formal ou julgamento, em um sistema militar; universidades foram invadidas e fechadas, e estudantes, presos, sempre que ou-savam realizar comícios ou debates políticos, quanto mais eleições para ver quem falaria em seu nome; e, finalmente, nossos líderes políticos, ativistas e candidatos foram diversas vezes executados por forças militares e de segurança israelenses, ou por chamados colonos. Portanto, por favor, poupem-nos da acusação de que somos um movimento despótico, interessado em manter o poder a todo custo, em vez de participar de eleições plenas, justas e livres em toda a Palestina e respeitar esses resultados, quaisquer que sejam.

A defesa de “Israel” contra a ação movida perante a CIJ pela África do Sul também está cheia de distorções convenientes, enganos e, às vezes, mentiras descaradas. Além disso, nossos advogados apontam que as suas várias defesas não estão de acordo com a Convenção sobre Genocídio, são simplesmente mais um grito eterno de que “Israel” é a vítima eterna, enquanto vitimiza milhões de palestinos. Como um processo civil, os argumentos da CIJ não eram um julgamento com testemunhas presenciais de eventos que observaram ou participaram e que poderiam ser sujeitas a investigação e contra-investigação, para que os juízes decidissem sua credibilidade e se acreditavam em sua narrativa. “Israel” passou a maior parte de sua defesa dizendo aos juízes e ao mundo o que o Hamas fez ou não fez, com base em relatos de segunda, às vezes de terceira mão, muito parecidos com um romance. Nenhuma das fontes dessas acusações ou chamadas observações apareceu no tribunal, e muitas nem foram identificadas. “Israel” simplesmente disse que isso foi o que aconteceu porque... “acreditem em nós”.

“Israel” usou o mesmo recurso perante o CIJ, para defender o que alega ter feito em Gaza nos últimos três meses, usando informações de segunda e terceira mão, fontes anônimas e manipulação de fatos. Há uma maneira simples de resolver essa corrente

de alegações, de boatos e manipulação — chama-se julgamento. Desde 2015, o Hamas aceitou a jurisdição e cooperou com a investigação em andamento pelo Tribunal Penal Internacional sobre “Israel” e movimentos de resistência palestinos, incluindo o nosso. “Israel” não. Desde 2015, o Hamas expressou repetidamente seu interesse em comparecer e ser julgado pelo TPI, não com base em alegações infundadas e gritos, mas em provas e fatos. “Israel” não.

Isso poderia ser resolvido rápida e facilmente. O Hamas está pronto para comparecer perante o TPI, com testemunhas e depoimentos ao vivo, e suportar o ônus de qualquer decisão judicial contra ele ou seus membros, após um julgamento pleno e justo, com regras de evidência; com investigação e contra-investigação do que fizemos ou não, ao longo dos muitos anos de nossa liderança como movimento de libertação nacional. “Israel” está?

“Israel” se esforçou, nos últimos três meses de sua ofensiva sem precedentes contra nosso povo, para justificar sua violação desenfreada do direito internacional, com base no que diz ter acontecido em 7 de outubro. Em uma corrente sempre maleável de alegações, acusa as Brigadas Al-Qassam, o braço militar do Hamas, de uma série de crimes e violações do direito internacional. Deixando de lado o fato de que o que “Israel” alega numa segunda-feira muda na terça-feira, e o que é “afirmado com certeza forense ou científica” por “Israel” na quarta-feira muda na quinta-feira, há uma maneira simples de estabelecer o que aconteceu ou não em 7 de outubro: um julgamento. Negamos categoricamente as acusações feitas pela imprensa, por “Israel” e seus apoiadores, contra nós, em relação aos eventos daquele dia, e estamos prontos para nos defender em tal julgamento. “Israel” está disposto a passar da retórica para as provas, e buscar justiça em tal processo, e suportar as consequências, quaisquer que sejam? Nós estamos.

Em última análise, no sentido mais amplo, dada a ofensiva sem precedentes de “Israel” contra nossas comunidades em Gaza e na Cisjordânia, nos últimos três meses, essa é a questão de nosso tempo. E, enquanto “Israel” tentou, perante a CIJ, refutar provas independentes e arrebadoras dos crimes que cometeu recentemente contra nossa comunidade de mais de dois milhões em Gaza, mais uma vez provou-se que era pouco mais que um encobrimento. Simplesmente, segundo o direito internacional, o que aconteceu ou não em 7 de outubro não tem relação legal, nem

serve de defesa para o que “Israel” fez ao nosso povo nos meses seguintes. Foi nada mais que uma vingança descarada e uma clara violação da Convenção contra o Genocídio.

Fato. Nestes meses, “Israel” lançou mais bombas sobre Gaza do que as forças aliadas sobre a Alemanha, durante um período de dois anos da Segunda Guerra Mundial. Disparou cerca de 30.000 munições ar-terra, 50% delas não guiadas, e lançou mais de 15.000 projéteis de tanque em nossas residências, hospitais, escolas, abrigos e campos de refugiados.

Fato. Nesses meses de ataques incessantes, Israel matou mais de 25.000 civis, com quase 13.000 crianças massacradas, e outros 60.000 feridos. Cerca de 10.000 palestinos estão desaparecidos sob os escombros de suas casas e escritórios.

Fato. Centenas de profissionais de saúde e professores foram mortos, junto com mais de cem jornalistas e um número semelhante de trabalhadores da ONU, todos identificados como tal. Mais de 80% de Gaza foi destruída, incluindo a maioria dos hospitais, mesquitas e igrejas, escolas e infraestrutura essencial. Como em uma Nakba anterior, mais de 90% de nosso povo foi despossuído à força de suas casas.

Fato. Meio milhão de habitantes de Gaza estão passando fome. Sem acesso a comida, água, remédios e suporte médico, centenas de milhares do nosso povo estão doentes, com a probabilidade de doenças infecciosas fora de controle ceifarem inúmeras vidas civis nos próximos dias.

Mais de setenta e cinco anos atrás, o mundo assistiu em horror aos Tribunais de Nuremberg colocando criminosos de guerra nazistas em julgamento, responsabilizando-os pelos crimes horríveis que cometeram contra milhões de judeus indefesos. Desse pesadelo, surgiu a Convenção contra o Genocídio, sob a qual, em parte relevante, define-se como “qualquer um dos seguintes atos cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, como tal: (a) Matar membros do grupo; (b) Causar dano sério à integridade física ou mental dos membros do grupo; (c) Submeter deliberadamente o grupo a condições de vida calculadas para provocar sua destruição física, total ou parcial”.

Não pedimos nada agora, além de que a Convenção contra o Genocídio, usada contra aqueles que cometeram crimes horrí-

veis contra os judeus há gerações, seja igualmente aplicada aqui e agora, para outros crimes não menos perversos cometidos por “Israel” contra milhões de palestinos indefesos.

Lei para um é lei para todos.

Resistência armada e Direito Internacional

Dr. Ahmed Shehada

A colonização é um dos principais motores dos atos de resistência, que os colonizadores e ocupantes chamam de terrorismo. As deliberações da ONU indicam que o motivo mais fundamental para o uso da violência é a continuação do controle e da dominação do colonialismo sobre territórios que antes estavam sob seu controle, e a negação do direito dos povos à autodeterminação.

Assim, a ONU fez uma distinção entre terrorismo, como um crime internacional, e luta armada, como uma atividade de movimentos legítimos de libertação nacional.

Dentro da estrutura desse conceito, a Assembleia Geral concluiu treze convenções internacionais e baseou sua posição em muitas resoluções e recomendações emitidas por ela, sendo talvez a primeira delas a Recomendação nº 1514 de 1960, sobre a concessão de independência a países e povos coloniais, que mais tarde ficou conhecida como Resolução de Descolonização. Assim também a Recomendação nº 3103, de 1973, sobre os princípios relativos ao status legal dos combatentes que lutam contra a dominação colonial, a ocupação estrangeira e os regimes racistas, não apenas legitimando seu trabalho, mas também incluindo esses combatentes nas regras do Direito Internacional aplicáveis em conflitos armados, como as Convenções de Genebra de 1949, relativas a feridos e prisioneiros de guerra e à proteção de civis.

Nesse contexto, a Assembleia Geral das Nações Unidas reconheceu repetidamente os direitos inalienáveis do povo palestino,

como com a Resolução 3236 de 1974, itens 1 e 2, a resolução 39/17 de 1984, item 3, e a resolução 49/149 de 1995, itens 1 e 3, e seu direito a recuperar seus direitos por todos os meios disponíveis, incluindo a luta armada, de acordo com a resolução 3236 da Assembleia Geral.

Desde o estabelecimento das Nações Unidas, o Direito Internacional proíbe o recurso à força armada ou à ameaça de força armada, no contexto das relações internacionais, mas permite o recurso a várias formas de força, em casos de legítima defesa contra a ocupação, como meio de exercer o direito à autodeterminação e alcançar a independência nacional.

O Direito Internacional reconhece que os povos que buscam alcançar seu direito à autodeterminação e à independência podem usar meios pacíficos e não pacíficos para alcançá-lo. Se forem impedidos de alcançar esse direito por meios pacíficos, poderão usar meios não pacíficos, inclusive a força armada, para garantir que alcancem esse direito.

Os acadêmicos de Direito Internacional discordam sobre a base jurídica da legitimidade da resistência armada popular: um primeiro acredita que a base legal para a legitimidade se baseia no direito de legítima autodefesa, contido no Artigo 51 da Carta da ONU. Conforme a primeira opinião, muitos Estados anticoloniais se basearam na ideia de legítima defesa, como justificativa para o uso da força armada contra o colonizador, confirmando sua confiança nos princípios da Carta da ONU. Quanto à segunda opinião, seus defensores acreditam na legitimidade da resistência popular que recorre ao uso da força armada para atingir seus objetivos nacionais de libertação dos territórios usurpados e conquistar a independência

Definição de resistência popular armada

Em seu sentido mais amplo, a resistência armada pode significar o uso da força armada por elementos nacionais que não sejam membros das forças armadas regulares, em defesa de seus interesses nacionais contra potências estrangeiras, quer esses elementos ajam por iniciativa própria, se esse uso de força armada foi iniciado dentro ou fora do território nacional. Em outras palavras, resistência popular armada significa qualquer atividade ar-

mada realizada pelos povos contra seus colonizadores, ocupantes ou aqueles que praticam discriminação racial flagrante e aberta contra eles. É, nesse sentido, a luta armada dos povos pelo direito à autodeterminação.

Os componentes básicos da resistência popular armada, de acordo com as definições mencionadas acima, são os seguintes:

Uma atividade e um movimento realizados pelo povo ou por uma parte dele.

Uso de força armada.

A principal motivação para esse movimento é nacional.

O movimento deve ser dirigido contra potências estrangeiras, ou regimes racistas ou colonialistas.

Esse debate continuou, até a emissão das quatro Convenções de Genebra de 1949, que consideraram que a ocupação não transfere a soberania sobre o território ocupado uma vez estabelecida, mas que a soberania permanece com o Estado de origem, e o efeito do Estado de ocupação se limita a impedir que o Estado de origem, que tem soberania sobre o território, exerça essa soberania sobre o território ocupado.

A ocupação é apenas um Estado de facto temporário e, embora interrompa o exercício da soberania do Estado sobre a parte ocupada de seu território, não autoriza o Estado ocupante a transferir direitos de soberania para ele, mas esses direitos permanecem reservados ao Estado de origem, até que o Estado de ocupação termine.

Portanto, não há mais nenhuma base legal ou teórica que justifique a obediência, ou que torne a revolta dos habitantes dos territórios ocupados contra as forças da potência ocupante uma violação de quaisquer obrigações ou princípios internacionais, e, ao examinar e deduzir as disposições da Terceira Convenção de Genebra sobre o Tratamento de Prisioneiros de Guerra, fica claro que ela permite a resistência popular armada contra as autoridades de ocupação e esclarece que os prisioneiros de guerra são pessoas que pertencem a movimentos de resistência organizados, que pertencem a uma parte do conflito e atuam dentro ou fora de seu território, mesmo que esse território esteja ocupado, desde que as seguintes condições sejam atendidas:

Eles serem liderados por uma pessoa responsável por seus subordinados.

Possuir um distintivo que possa ser reconhecido a distância.
Portar armas abertamente.

Aderir às leis e aos costumes de guerra em suas operações.

Está claro que essas condições equiparam os combatentes da resistência às forças armadas regulares, sem levar em conta a diferença significativa nas circunstâncias de ambos, e essa posição não nega seu reconhecimento explícito dos movimentos de resistência armada popular contra as autoridades de ocupação — desde que essas condições sejam atendidas — e isso pode ser considerado um desenvolvimento claro e tangível em direção aos movimentos de resistência armada popular no contexto internacional.

O reconhecimento explícito, pela Terceira Convenção de Genebra relativa ao Tratamento de Prisioneiros de Guerra, do direito à resistência popular armada e à proteção de seus homens como prisioneiros de guerra, não foi suficiente. Muitos países que conquistaram sua independência como resultado de guerras de libertação e resistência popular armada praticada por suas populações, exigiram a internacionalização dos movimentos de resistência popular armada e “apontaram que as condições estipuladas na Terceira Convenção de Genebra relativa ao Tratamento de Prisioneiros de Guerra devem ser interpretadas para conferir proteção de prisioneiro de guerra aos homens da resistência popular armada, dada a evolução dos métodos e meios de combate”, enquanto a doutrina internacional exigiu uma revisão abrangente da lei da guerra.

As Nações Unidas emitiram muitas resoluções, para afirmar o direito dos povos à luta e à resistência e para estender a proteção dos prisioneiros de guerra aos membros da resistência popular e dos movimentos de libertação nacional, sendo as mais proeminentes a Resolução 2649/25, de 30 de novembro de 1970, e a Resolução 2852/2852/D-26, emitida em 1971, que declarou que a Assembleia Geral afirma que as pessoas que participam de movimentos de resistência e lutadores pela liberdade na África do Sul e em territórios sob colonialismo, dominação estrangeira e ocupação estrangeira, que estão lutando por sua liberdade e seu direito à autodeterminação, devem ser tratadas como prisioneiros de guerra, conforme os princípios da Convenção de Haia de 1907 e da Terceira Convenção de Genebra de 1949, bem como da Resolução nº 3103/D-28, de 12 de dezembro de 1973. Esta última,

adotada por ampla maioria, prevê que os conflitos armados, inclusive a luta dos povos contra a dominação estrangeira e colonial e os regimes racistas, devem ser considerados conflitos armados internacionais, para os fins das Convenções de Genebra de 1949 e outras leis internacionais, devem ser aplicados às pessoas envolvidas na luta armada contra a dominação colonial e estrangeira e os regimes racistas, e que os membros detidos da resistência e os combatentes da liberdade devem ser tratados como prisioneiros de guerra, de acordo com os princípios da Convenção de Haia de 1907 e da Terceira Convenção de Genebra de 1949.

Em 1977, um protocolo interpretativo foi adotado, a fim de esclarecer as condições para estender a proteção de prisioneiros de guerra a membros de movimentos populares de resistência armada. As condições foram limitadas à exigência de que os combatentes da resistência sejam visivelmente caracterizados como combatentes, de modo que sejam facilmente identificáveis por uma marca distintiva e uniforme militar, ou por visivelmente portarem armas, além da exigência de respeitar as leis e os costumes de guerra.

Gritos sem provas: perguntas para o NYT sobre relatório estapafúrdio de “estupro em massa” do Hamas³⁹

Max Blumenthal e Aaron Matée, The Grayzone, 10 de janeiro de 2024 — Depois de desmentir uma matéria de capa do New York Times afirmando “um padrão mais amplo de violência de gênero em 7 de outubro” pelo Hamas, The Grayzone está exigindo respostas do jornal por sua má conduta jornalística.

O Grayzone identificou sérios problemas com a credibilidade das principais fontes citadas na matéria do New York Times de 28 de dezembro, Gritos Sem Palavras: Como o Hamas Usou a Violência Sexual em 7 de Outubro como Arma. Escrito por Jeffrey Gettleman, Anat Schwartz e Adam Sella, o artigo pretende provar “um padrão mais amplo de violência de gênero em 7 de outubro” do que até mesmo as autoridades israelenses estariam dispostas a alegar. No entanto o relatório do Times está marcado por sensacionalismo, saltos lógicos exagerados e uma ausência de evidências concretas para sustentar sua ampla conclusão.

O Times tem sido alvo de críticas por parte de familiares de Gal Abdush, a chamada “garota de vestido preto” que aparece como Exhibit A na tentativa de Gettleman e equipe de demonstrar um padrão de estupro pelo Hamas em 7 de outubro. Não apenas

³⁹ Este artigo foi submetido aos editores do New York Times. Original: Screams without proof: questions for NYT about shoddy ‘Hamas mass rape’ report. 10/1/2024. (<https://the-grayzone.com/2024/01/10/questions-nyt-hamas-rape-report/>)

a irmã e o cunhado de Abdush negaram que ela foi estuprada, a primeira acusou o Times de manipular sua família para colaborar, ao enganá-los sobre o ângulo editorial. Embora os comentários da família tenham gerado uma grande controvérsia nas redes sociais, o Times ainda não abordou a grave violação da integridade jornalística que sua equipe é acusada de cometer.

A polícia israelense também emitiu uma declaração, desde a publicação do artigo do Times, afirmando que eles próprios não conseguem localizar testemunhas oculares de estupro em 7 de outubro, ou conectar os testemunhos publicados por veículos como o Times com qualquer coisa remotamente parecida com evidências.

Pedimos ao New York Times que aborde publicamente os comentários da família Abdush acusando os repórteres do Times de enganá-los e mentir sobre as circunstâncias de sua morte. O Times também deve abordar a declaração emitida pela polícia de Israel após a publicação do artigo, e explicar por que Gettleman e seus coautores aparentemente a omitiram.

Além disso, exigimos uma resposta à nossa refutação minuciosamente fundamentada do testemunho de testemunhas-chave citadas na história, bem como o registro documentado de alegações desacreditadas e atividades éticas duvidosas por parte dessas mesmas testemunhas.

Família da “garota de vestido preto” acusa NYT de ter “inventado” a alegação de estupro

Você escreveu: “Baseado em grande parte nas evidências em vídeo — que foram verificadas pelo The New York Times — oficiais da polícia israelense disseram que acreditavam que [Gal] Abdush foi estuprada, e ela se tornou um símbolo dos horrores vividos por mulheres e meninas israelenses durante os ataques de 7 de outubro”.

No entanto a irmã de Gal Abdush, Miral Alter, afirmou em um comentário no Instagram, em 2 de janeiro, que “ela não foi estuprada... Não havia prova de estupro, era apenas um vídeo”. Ela também apontou que o intervalo de tempo entre a última mensagem de Gal para a família e o momento de seu suposto assassinato tornava impossível ocorrer um estupro: “Como, em 4 minutos, eles também foram estuprados e queimados?”

Alter concluiu: “O New York Times, que veio até nós, indicou que eles queriam fazer uma matéria em memória de Gal e Nagy [seu marido], e foi por isso que concordamos. Se soubéssemos que seria uma manchete como estupro e matança, nunca teríamos concordado. Nunca”.

A declaração de Alter acusando-o de ter enganado sua família é verdadeira? E por que você ignorou seus comentários afirmando claramente que sua irmã não foi estuprada? Foi discutida com Alter, alguma vez, sua teoria de que Abdush foi vítima de agressão sexual?

O cunhado de Gal Abdush também se manifestou contra as alegações contidas no artigo. Em uma entrevista em 4 de janeiro ao Canal 13 de Israel, Nissim Abdush negou que Gal tivesse sido estuprada, insistindo em que teria sido impossível, dado que seu marido estava presente com ela na época. “A mídia inventou isso”, ele afirmou. Nissim Abdush também acusou a imprensa internacional — presumivelmente referindo-se a vocês — de recorrer ao sensacionalismo, em vez de jornalismo baseado em evidências. Por fim, ele lamentou que as falsas alegações do estupro de sua cunhada fossem prejudiciais para a saúde psicológica de seus filhos órfãos.

Mais uma vez, por que você falhou em incorporar declarações de um membro da família de Gal Abdush contradizendo explicitamente alegações-chave em seu artigo?

Eti Bracha, mãe de Gal Abdush, disse ao YNet de Israel que foi informada pela primeira vez que sua filha havia sido estuprada, quando foi contatada por vocês. “Não sabíamos sobre o estupro no início, só ficamos sabendo quando o repórter do New York Times nos contatou. Eles disseram que cruzaram as evidências e disseram que Gal havia sido agredida sexualmente. Até agora não sabemos o que exatamente aconteceu”, acrescentou a mãe.

É um protocolo jornalístico normal influenciar a perspectiva de uma família sobre o assassinato de um ente querido, quando o crime permanece não resolvido? Como o New York Times obteve evidências que a família Bracha-Abdush ainda não havia visto? E que evidências existiam, além do vídeo mencionado em seu artigo?

Há mais problemas com sua reportagem sobre o assassinato de Gal Abdush. Você afirma que um vídeo de Abdush, filmado

em 8 de outubro por alguém chamado Eden Wessely, “se tornou viral, com milhares de pessoas respondendo, desesperadas para saber se a mulher de vestido preto [era] sua amiga, irmã ou filha desaparecida”.

No entanto, como o veículo independente Mondoweiss apontou, você “não linkou para o vídeo, mas lançou uma imagem distante e indistinta dele, que não revelou nada”. Mondoweiss questiona como você “confirmou a existência dessas respostas, já que a conta do Instagram de Wessely foi banida, e ela criou uma nova conta em meados de dezembro”.

Além disso, como o Mondoweiss observou, “atualmente não há rastro do vídeo na internet, apesar da alegação [do NY Times] de que ‘se tornou viral’. Além disso, a imprensa israelense, apesar de relatar centenas de histórias sobre as vítimas do 7 de Outubro, nunca mencionou ‘a mulher de vestido preto’, sequer uma vez, antes da matéria de 28 de dezembro”.

Então, onde está o vídeo que você afirmou ter “se tornado viral”? Se ele continha evidências tão poderosas de violência sexual, por que não foi apresentado em seu artigo? E como você confirmou as milhares de respostas ao vídeo por pessoas supostamente exigindo informações sobre “a mulher de vestido preto”?

Nós fornecemos várias perguntas para sua consideração. Se você não puder fornecer respostas que abordem satisfatoriamente as questões que levantamos sobre a credibilidade de seu artigo, acreditamos que ele deva ser totalmente retratado.

Polícia israelense “falhou em conectar os atos com as vítimas”

Haaretz reportou, em 4 de janeiro: “A polícia está tendo dificuldade em localizar vítimas de agressão sexual do ataque do Hamas, ou pessoas que testemunharam tais ataques, e decidiu apelar ao público, para encorajar aqueles que têm informações sobre o assunto a se apresentarem e darem depoimento. Mesmo nos poucos casos em que a organização coletou testemunhos sobre crimes sexuais cometidos em 7 de outubro, ela não conseguiu conectar os atos com as vítimas que foram prejudicadas por eles”.

Por que a polícia israelense está tendo dificuldades em encontrar testemunhas da agressão sexual em 7 de outubro, que seu jornal descreveu confiantemente como tão generalizadas, que de-

monstravam “um padrão”?

“Testemunha-chave” da polícia israelense citada pelo *Times* fez alegações impossíveis; a evidência é evasiva

Você descreve uma contadora de 24 anos identificada como “Sapir” como “uma das testemunhas-chave da polícia israelense”.

No entanto uma das principais alegações de Sapir mina o resto de seu testemunho. Segundo o *Times*, “ela viu outras três mulheres serem estupradas, e terroristas carregando as cabeças cortadas de mais três mulheres”.

Dado que não há registro de mulheres sendo decapitadas em 7 de outubro, por que você incluiu essa alegação de Sapir? Tal afirmação não mina sua credibilidade e levanta dúvidas sobre o restante de seu testemunho? E por que, no mínimo, você não mencionou que não há evidências forenses para apoiar a alegação de Sapir?

De acordo com o *Haaretz*, “os investigadores não conseguiram identificar as mulheres que, segundo o testemunho de [Sapir] e outras testemunhas oculares, foram estupradas e assassinadas”. O superintendente da Polícia de Israel, Adi Edry, disse ao jornal: “Eu tenho evidências circunstanciais, mas, em última análise, meu dever é encontrar evidências que apoiem seu testemunho e identificar as vítimas. Nesta fase, eu não tenho esses corpos específicos”.

Por que o *New York Times* falhou em entrevistar Edry e outros investigadores sobre o testemunho de Sapir, e em exigir evidências corroborativas para apoiar as alegações sensacionalistas da suposta testemunha sobre estupro em grupo, mutilação e decapitações em massa? Como as declarações de Edry ao *Haaretz* refletem na confiabilidade de Sapir?

Você também deixou de mencionar uma discrepância flagrante entre as alegações de Sapir para você e em relatos anteriores. Sapir é a única testemunha feminina conhecida que afirma ter presenciado violência sexual em 7 de outubro. Sua história — e a de outra “testemunha” masculina, Yura, que estava com ela — mudou radicalmente.

Em 8 de novembro, o *Haaretz* informou que uma testemunha feminina — quase certamente Sapir — afirmou ter visto homens em uniformes militares dobrarem uma mulher, atirarem em sua

cabeça e mutilarem seu corpo.

Seu amigo que estava escondido com ela — quase certamente Yura — então afirma que “não viu o estupro”, mas que Sapir “contou a ele na época o que ela viu”.

Avançando para 28 de dezembro, Sapir e Yura contam ao NYT uma história completamente nova:

Segundo Sapir, agora não há uma, mas duas mulheres vítimas. E agora ninguém é baleado. A primeira mulher foi dobrada e repetidamente esfaqueada nas costas, quando ela se contorceu. A segunda mulher foi estuprada, teve o seio cortado, e os terroristas supostamente brincaram com o seio. Então ela viu três cabeças cortadas.

E enquanto Yura, anteriormente, não testemunhou o estupro, agora — de acordo com o NYT — ele diz que “descreveu ver uma mulher estuprada e morta”.

Assim, neste ponto, de acordo com essas “testemunhas”, não há uma, mas duas vítimas de estupro. E não há mais apenas um tiroteio, mas uma mutilação de seios, esfaqueamento e três cabeças cortadas. Além disso, a “testemunha” masculina agora de repente se lembra de ter visto um estupro, depois de não ter visto um na primeira vez em que contou a história.

Por que você ignorou essas discrepâncias flagrantes de suas próprias “testemunhas”? Se estas forem de alguma forma testemunhas diferentes, por que você deixou de entrevistá-las, ou até mesmo mencionar sua existência?

Testemunho do suposto paramédico desacreditado por registros oficiais, histórico anterior de mentiras para a mídia

Você escreve: “Um paramédico, em uma unidade de comando israelense, disse que encontrou os corpos de duas adolescentes em um quarto em Be’eri. Uma estava deitada de lado, ele disse, com shorts rasgados, hematomas perto da virilha. A outra estava caída de bruços no chão, ele disse, calças de pijama puxadas até os joelhos, nádegas expostas, esperma espalhado em suas costas”.

Você relata que o paramédico, convenientemente, “continuou se movendo e não documentou a cena”. No entanto “vizinhos das duas garotas mortas — que eram irmãs, de 13 e 16 anos — disseram que seus corpos foram encontrados sozinhos, separados do resto da família”.

Esse paramédico parece ser a mesma fonte em que a CNN se baseou, em seu próprio relatório especial, acusando o Hamas de uma campanha sistemática e deliberada de estupro em 7 de outubro. Ele é um suposto paramédico da unidade de resgate 669 das Táticas Especiais da Força Aérea Israelense, identificado apenas como “G”. E, como suas outras fontes, ele provou ser uma testemunha não confiável, se não profundamente desonesto.

O par mais próximo das garotas adolescentes descritas por “G” é Yahel e Noiya Sharabi, que tinham, respectivamente, 13 e 16 anos. Mas, de acordo com o Times of Israel, os corpos das meninas foram “encontrados em um abraço” com sua mãe, e não “sozinhos, separados do resto da família”, como afirmado pelos vizinhos anônimos que você citou.

A mídia israelense também relatou: “Lianne e Yahel [Sharabi] só puderam ser identificadas através de amostras de DNA. Noiya foi identificada apenas através de seus dentes, dois dias atrás.”

Como o paramédico “G” foi capaz de detectar esperma em uma das garotas e hematomas na outra, e ver seus estados de nudez, se seus corpos estavam, de fato, queimados além do reconhecimento?

Por que você não verificou o testemunho anônimo do suposto paramédico com evidências da cena?

“G” foi anteriormente entrevistado pelo canal de direita Republic TV da Índia. Naquela aparição, ele descreveu, com um sotaque distintivo do Brooklyn⁴⁰, como seu “colega de equipe” encontrou “um bebê, talvez nem com mais de um ano, com múltiplos pontos de esfaqueamento por todo o corpo e jogado no lixo”.

Isso foi claramente uma falsidade, já que apenas um bebê foi registrado entre os mortos em 7 de outubro: Mila Cohen, que foi acidentalmente baleada, não esfaqueada, e que não foi encontrada em nenhuma lata de lixo.

Por que o registro documentado de fabricação por “G” não o levou a questionar seu testemunho? Você investigou “G”, para verificar se ele estava realmente no local, em Kibbutz Be’eri, quando disse que estava? Como você sabe que ele era um paramédico de uma unidade de forças especiais israelenses, e não um agente de inteligência israelense?

40 Brooklyn é um dos cinco bairros de Nova Iorque.

Principal “testemunha” do *Times* mudou sua história várias vezes e não mencionou estupro em seu testemunho inicial

Questões semelhantes de credibilidade surgem, ao considerar o testemunho que você coletou de um veterano de forças especiais israelenses e mercenário, chamado Raz Cohen.

Desde sua primeira entrevista, em 9 de outubro, Cohen alterou seu testemunho várias vezes.

Cohen disse ao NYT que testemunhou pessoalmente uma van branca cheia de militantes do Hamas parar a cerca de um quilômetro do festival de música Nova, eles reuniram-se em torno de uma mulher e estuprá-la em grupo: “Eu vi os homens em meia-lua ao redor dela. Um a penetra. Ela grita. Eu ainda me lembro da voz dela, gritos sem palavras”. Ele disse que eles então mataram a mulher com facas.

Quando Cohen foi entrevistado, em 9 de outubro, sobre o ataque ao festival de música, no entanto, ele não mencionou nenhum ato de agressão sexual cometido pelos militantes do Hamas.

Um dia depois, Cohen começou a introduzir sugestões vagas de agressão sexual em seu testemunho, mas não indicou que testemunhara tais atos acontecendo: “Os terroristas capturaram mulheres e as machucaram de qualquer maneira possível e, quando terminaram com elas, começaram a matá-las na frente de seus amigos”, disse Cohen a uma publicação israelense.

Cohen também foi entrevistado pela CBC do Canadá, em 10 de outubro, mas não foi citado sobre testemunhar qualquer estupro. No mesmo dia, Cohen ofereceu novos detalhes sensacionalistas à PBS, alegando que “os terroristas” não só mataram mulheres após estuprá-las em 7 de outubro, mas também praticaram necrofilia: “Os terroristas, pessoas de Gaza, estupraram meninas. E, depois de estuprá-las, eles as mataram, as assassinaram com facas, ou o oposto, mataram — e depois de estupraram — eles fizeram isso”.

O testemunho que ele forneceu à Australian Broadcasting Corporation, em 11 de outubro, diferiu ligeiramente e permaneceu vago: “Vemos dali muitas pessoas, e meninas gritando e assassinadas por facas. E as meninas, os terroristas as estupram”, afirmou abruptamente e sem aparente emoção.

Neste ponto, nenhum meio de comunicação israelense havia relatado que estupros ocorreram em 7 de outubro.

Cohen rapidamente desapareceu do radar da mídia. Ele só seria ouvido novamente quando você o entrevistou. O novo testemunho que ele deu a você levanta sérias questões sobre sua credibilidade, e sobre os padrões editoriais de seu jornal.

Como e por que a história de Cohen se tornou tão dramática ao longo do tempo, fornecendo detalhes explosivos, em um momento de urgência política para o exército em que ele serviu? Seria plausível que um grupo de combatentes do Hamas de repente pausasse seu ataque surpresa, que estava focado em capturar o maior número possível de pessoas rapidamente, ficasse em círculo e estuprasse uma mulher, um após o outro, enquanto as forças israelenses se mobilizavam para atacá-los? Por que os militantes do Hamas usariam facas para matar suas vítimas, como Cohen alegou, quando eles carregavam rifles e granadas? Por que ele abandonou sua alegação anterior de necrofilia, ao falar com o Times? E por que ele mencionou ter visto “muitas pessoas e meninas” sendo estupradas, para a ABC, em 11 de outubro, mas alterou seu testemunho, para se referir especificamente a uma única vítima feminina, quando foi entrevistado pelo Times?

Talvez o mais importante, por que o amigo de Cohen, Shoam Gueta, que se abrigou com ele em 7 de outubro, não descreveu testemunhar um estupro em grupo, quando entrevistado pelo Times?

Há também a questão do comportamento estranho de Cohen, durante o 7 de outubro e depois. Alguém que alega ter testemunhado um horrível estupro em grupo e um massacre em massa estaria tirando selfies de si mesmo sorrindo e fazendo o gesto de mão característico do Havai, “shaka”? E, se essa fonte apareceu em um desfile de moda temático de 7 de outubro para ganhar celebridade e potencial lucro com sua experiência no festival de música Nova, isso não levantaria também questões sobre sua credibilidade? Porque isso é exatamente o que Raz Cohen fez.

“Resgatador” citado pelo *Times* tem um padrão estabelecido de mentiras e exageros; trabalha para um grupo com histórico documentado de abuso sexual e corrupção

Você destaca o testemunho de Yossi Landau, Comandante do Sul da organização ZAKA. Para informações críticas sobre Landau e sua organização, recomendamos a investigação de 6 de de-

zembro de Max Blumenthal para o The Grayzone, Grupo de “resgate” israelense manchado por escândalos alimenta fabricações do 7 de Outubro.

Você estava ciente, como o The Grayzone documentou, que as alegações anteriores de Landau, de ter visto bebês decapitados e um feto cortado do ventre de uma mulher morta em 7 de outubro, foram desacreditadas, não apenas pelo jornal israelense Haaretz, mas pela Casa Branca de Biden, que retratou a afirmação do presidente de ter visto fotografias de bebês decapitados? Na verdade, apenas um bebê está registrado entre os mortos em 7 de outubro, o que significa que qualquer alegação de ter visto vários bebês mortos deve ser descartada sem consideração.

Você sabia que, ao não fornecer evidências fotográficas para respaldar seu testemunho duvidoso, Yossi Landau disse que aqueles que questionam suas afirmações “deveriam ser mortos”?

Por que você não mencionou a falta de credenciais confiáveis da ZAKA, o que a torna inadequada para fornecer evidências forenses? E por que os leitores do Times não foram informados sobre o relacionamento ativo da ZAKA com o exército israelense?

Você estava ciente de que o fundador e líder de longa data da ZAKA tentou suicídio em 2021, após enfrentar várias acusações de estupro de jovens de ambos os sexos, e que a mídia israelense publicou inúmeros relatórios documentando corrupção e desvio de doações pela liderança da ZAKA?

Considerando o padrão bem estabelecido de mentiras de Landau sobre as atrocidades de 7 de outubro, o histórico de corrupção e má conduta da organização deveriam ter levantado bandeiras vermelhas cintilantes para qualquer profissional jornalístico.

Relatório do NYT está repleto de insinuações que não provam nada

O Times afirma que mulheres foram “baleadas na vagina” em 7 de outubro. Isso ocorreu durante o combate, já que muitas mulheres estavam servindo como soldados em atividade na base, como parte da Divisão de Gaza na época? Elas foram baleadas em outras partes do corpo também? Como isso prova a sua assertiva afirmação de que o estupro ocorreu em um nível sistemático em 7 de outubro?

Você também escreve sobre “o cadáver de uma mulher que os socorristas descobriram nos escombros de um kibutz sitiado, com dezenas de pregos cravados em suas coxas e virilha”. De que forma isso sustenta sua conclusão de um “padrão de violência baseada em gênero” em 7 de outubro? Um militante do Hamas meticulosamente cravou pregos na região pélvica de uma mulher, antes de derrubar uma casa inteira sobre ela? Ou os pregos, na verdade, faziam parte de móveis, drywall ou outras partes da estrutura habitacional que desabou sobre a vítima feminina? Este último exemplo parece muito mais plausível, já que tais ferimentos são comumente testemunhados — embora nunca detalhados pelo Times — na Faixa de Gaza, onde milhares de civis foram mortos pelo exército israelense em suas casas com munições pesadas.

Finalmente, quem ou o que foi responsável por reduzir partes de um kibutz a escombros? Os militantes do Hamas, armados apenas com rifles automáticos e lançadores de RPG, tinham capacidade para destruir casas inteiras? Ou a vítima israelense descrita em seu artigo foi, na verdade, vítima de fogo amigo de um tanque israelense ou míssil Hellfire?

O público agora sabe que muitos não combatentes israelenses foram mortos pelo exército de seu país em 7 de outubro. Eles sabem disso, em grande parte, graças ao trabalho do The Grayzone e de outros veículos independentes. No início, fomos atacados pelo nosso trabalho, mas agora a mídia israelense também está exigindo respostas. Grandes organizações de mídia, como a sua, continuam a ignorar escândalos políticos sérios como estes, enquanto realizam esforços jornalísticos vergonhosamente antiéticos e desafiados factualmente, com o objetivo de legitimar os objetivos de relações públicas do governo israelense.

Estupros, ISIS, Mein Kampf e outras mentiras: como Israel perdeu toda a credibilidade⁴¹

Ramzy Baroud e Romana Rubeo, Mintpress News, 16 de novembro de 2023 — No sábado, 11 de novembro, o porta-voz militar israelense Daniel Hagari afirmou, em uma coletiva de imprensa, que Israel havia matado um “terrorista” que havia impedido 1.000 civis de escapar do Hospital Shifa.

As alegações faziam pouco sentido. Mesmo pelos padrões da propaganda israelense, falsificar tal informação, sem fornecer contexto ou evidências adicionais, contribui ainda mais para a deterioração da credibilidade de Israel na mídia internacional e em sua imagem global.

Apenas um dia antes, um oficial não identificado dos EUA foi citado pela CNN em um comunicado diplomático dizendo: “Estamos perdendo terrivelmente na batalha da comunicação”.

O diplomata estava se referindo à reputação americana no Oriente Médio — na verdade, mundialmente —, que agora está em frangalhos, devido ao apoio cego dos Estados Unidos a Israel.

Papéis invertidos

⁴¹ Original: *Rape, ISIS, Mein Kampf and other lies: How Israel Lost All Credibility*. 16/11/2023. (<https://www.mintpressnews.com/rape-isis-mein-kampf-lies-israel-public-opinion/286287/>)

Este déficit de credibilidade pode ser testemunhado até mesmo em Israel. Não apenas o primeiro-ministro israelense Benjamin Netaniahu está perdendo credibilidade entre os israelenses, de acordo com várias pesquisas de opinião pública, mas todo o sistema político israelense parece estar perdendo também a confiança dos israelenses comuns.

Uma piada comum entre os palestinos, nos dias de hoje, é que os líderes israelenses estão imitando os líderes árabes, em guerras árabe-israelenses anteriores, em termos de linguagem, vitórias falsas e ganhos não comprovados na frente militar.

Por exemplo, enquanto Israel estava rapidamente empurrando os exércitos árabes de volta, em todas as frentes, em junho de 1967, com total apoio dos EUA e do Ocidente, é claro, a liderança dos exércitos árabes estava declarando pelo rádio que havia chegado aos “portões de Tel Aviv”.

Os papéis parecem ter sido invertidos. Abu Obeida e Abu Hamza, porta-vozes militares das Brigadas Al-Qassam e das Brigadas Al-Quds, respectivamente, fornecem relatos muito cuidadosos sobre a natureza da batalha e as perdas das forças militares israelenses avançadas, em seus comunicados regulares e muito aguardados.

Por outro lado, o exército israelense fala de vitórias iminentes, matando “terroristas” não identificados e destruindo incontáveis túneis, raramente fornecendo qualquer evidência. A única “evidência” fornecida é alvejar intencionalmente hospitais, escolas e casas civis.

E, enquanto os comunicados de Abu Obeida são quase sempre seguidos por vídeos bem produzidos documentando a destruição sistemática de tanques israelenses, nenhuma documentação desse tipo substantia as alegações do exército israelense.

Além do campo de batalha

Mas a questão da credibilidade israelense, ou melhor, da falta de credibilidade, não está ocorrendo apenas no campo de batalha.

Desde o primeiro dia da guerra, médicos palestinos, trabalhadores de defesa civil, jornalistas, blogueiros e até mesmo pessoas comuns filmaram ou registraram cada crime de guerra israelense, em qualquer lugar e em todo lugar na Faixa de Gaza sitiada.

E, apesar do contínuo desligamento da internet e da eletricidade em Gaza pelo exército israelense, de alguma forma, os palestinos acompanharam todos os aspectos do genocídio israelense em curso.

A precisão da narrativa palestina forçou até mesmo autoridades dos EUA, que inicialmente duvidaram dos números palestinos, a finalmente admitir que eles afinal estavam dizendo a verdade.

Barbara Leaf, secretária assistente de Estado para Assuntos do Oriente Próximo, disse a um painel da Câmara dos EUA, em 9 de novembro, que os números de mortos por Israel na guerra provavelmente são “mais altos do que estão sendo citados”.

Todos os dias, de fato, Israel perde credibilidade, a ponto de as mentiras iniciais de Israel sobre o que aconteceu em 7 de outubro se mostrarem eventualmente desastrosas para a imagem e credibilidade de Israel no palco internacional.

Estupro, ISIS e Mein Kampf

Na euforia de demonizar a Resistência Palestina — como forma de justificar o iminente genocídio de Israel em Gaza —, o governo e o exército israelenses, depois jornalistas e até mesmo pessoas comuns foram recrutados, em uma campanha de hasbara⁴² sem precedentes, com o objetivo de retratar os palestinos como “animais humanos” — nas palavras do ministro da Defesa de Israel, Yoav Gallant.

Horas após os eventos, e antes de qualquer investigação ser conduzida, Netaniahu falou de “bebês decapitados”, supostamente mutilados pelas mãos da Resistência; Gallant afirmou que “jovens garotas foram estupradas violentamente”; até mesmo o ex-rabino-chefe militar, Israel Weiss, disse que tinha “visto uma mulher grávida com o ventre aberto e o bebê arrancado”.

Até mesmo o supostamente “moderado” presidente de Israel, Isaac Herzog, fez declarações ridículas na BBC, em 12 de novembro. Quando perguntado sobre os ataques aéreos israelenses em Gaza, Herzog afirmou que o livro *Mein Kampf*, escrito por Adolf Hitler em 1925, foi encontrado “na sala de estar de uma criança”

⁴² *Hasbará é o nome do método fraudulento de propaganda do sionismo.*

no norte de Gaza.

E, é claro, houve as repetidas referências às bandeiras do ISIS, que, por alguma razão, eram carregadas pelos combatentes do Hamas ao entrarem no sul de Israel em 7 de outubro, entre outros contos de fadas.

O fato de o ISIS ser um inimigo declarado do Hamas, e de o Movimento Palestino ter feito tudo ao seu alcance para erradicar qualquer possibilidade de o ISIS estender suas raízes na sitiada Faixa de Gaza, parecia irrelevante para a propaganda descontrolada de Israel.

Como era de se esperar, mídias israelenses, americanas e europeias repetiram a alegação da conexão Hamas-ISIS, sem qualquer discussão racional ou uma mínima verificação de fatos necessária.

No entanto, com o tempo, as mentiras israelenses não conseguiram mais resistir à pressão da verdade emanando de Gaza, documentando cada atrocidade e cada batalha e obscurecendo quaisquer alegações inventadas por Israel.

Talvez o ponto de virada, na série implacável de mentiras de Israel, tenha sido o ataque ao Hospital Batista Al-Ahli, na cidade de Gaza, em 17 de outubro. Embora muitos tenham adotado, e ainda defendam tristemente, a mentira israelense — de que um foguete da Resistência caiu no hospital —, a pura brutalidade daquele massacre, que matou centenas, foi, para muitos, um despertar.

Uma das muitas questões que surgiram, após o massacre do Hospital Batista, é: se Israel foi, de fato, honesto sobre sua versão dos eventos do que aconteceu no hospital, por que bombardeou todos os outros hospitais em Gaza e continuou a fazer isso por semanas?

Hasbará israelense cancelada

Há razões pelas quais a propaganda israelense não consegue mais influenciar efetivamente a opinião pública, ainda que a mídia tradicional continue a apoiar Israel, mesmo quando este está cometendo genocídio.

Em primeiro lugar, palestinos e seus apoiadores conseguiram “cancelar” Israel usando as redes sociais, o que, pela primeira vez, superou as campanhas de propaganda organizada frequentemente

elaboradas em nome de Israel na mídia corporativa.

Uma análise do conteúdo online em plataformas populares de mídia social foi conduzida pela plataforma de marketing de influência israelense Humanz. O estudo, publicado em novembro, admitiu que “enquanto 7,39 bilhões de publicações com tags pró-Israel foram publicadas no Instagram e TikTok no mês passado, no mesmo período, 109,61 bilhões de publicações com tags pró-Palestina foram publicados nas plataformas”. Isso, segundo a empresa, significa que as visões pró-Palestina são 15 vezes mais populares do que as visões pró-Israel.

Em segundo lugar, a mídia independente, palestina e de outros lugares, ofereceu alternativas para aqueles que buscam uma versão diferente dos eventos que estão acontecendo em Gaza.

Um único jornalista freelancer palestino em Gaza, Motaz Azaiza, conseguiu adquirir mais de 14 milhões de seguidores no Instagram, ao longo de um único mês, devido à sua cobertura no terreno.

Em terceiro lugar, o “ataque surpresa” de 7 de outubro privou Israel da iniciativa, não apenas em relação à guerra em si, mas também à justificativa para a guerra. De fato, sua guerra genocida contra Gaza não tem objetivos específicos, mas também não possui uma campanha de mídia precisa, para defender ou racionalizar esses objetivos não especificados. Portanto a narrativa da mídia israelense parece desconectada, desorganizada e, às vezes, até prejudicial para si mesma.

E, finalmente, a pura brutalidade do genocídio israelense em Gaza. Se alguém contrastar as mentiras da mídia israelense com os horríveis crimes israelenses cometidos em Gaza, não encontrará lógica plausível que justifique convincentemente o assassinato em massa, o deslocamento, a fome e o genocídio de uma população indefesa.

Nunca antes a propaganda israelense falhou de forma tão surpreendente, e nunca antes a mídia mainstream falhou em proteger Israel da ira global — na verdade, do ódio fervoroso — pelo feio regime de apartheid de Israel.

As repercussões de tudo isso certamente impactarão a forma como a história lembrará a guerra israelense em Gaza, que até agora matou e feriu dezenas de milhares de civis inocentes.

Uma geração inteira, se não mais, já construiu uma percep-

ção de Israel como um regime genocida, e nenhum número de futuras mentiras, filmes de Hollywood ou reportagens da revista Maxim jamais diminuirá isso de nenhuma forma.

Mais importante ainda, essa nova percepção provavelmente compelirá as pessoas não apenas a reexaminarem suas visões do presente e do futuro de Israel, mas também do passado — a própria fundação do regime sionista, baseada em nada além de mentiras.

Fonte da duvidosa alegação de “bebês decapitados” é líder de colonos israelenses que incitou tumultos para “aniquilar” vila palestina⁴³

Por Max Blumenthal e Alexander Rubinstein, The Grayzone, 11 de outubro de 2023 — Após um soldado da reserva israelense, chamado David Ben Zion, afirmar a um repórter que combatentes palestinos “cortaram cabeças de bebês”, Biden, Netaniahu e a imprensa internacional repercutiram essa duvidosa alegação. O Grayzone identificou Ben Zion como um líder fanático de colonos que incitou tumultos, ao exigir que uma cidade palestina fosse “aniquilada”.

Um clamor internacional surgiu, quando o Ministério das Relações Exteriores de Israel anunciou que combatentes palestinos da Faixa de Gaza sitiada mataram “40 bebês” e decapitaram vários deles, durante uma incursão em Kfar Aza, um kibutz na fronteira com Gaza. O presidente Joseph Biden repetiu a alegação provocadora, durante um discurso no Rose Garden da Casa Branca, no dia 10 de outubro, enquanto redes de televisão no Ocidente transmitiram a história sem um pingão de análise crítica.

Segundo o correspondente da CNN Nic Robertson, aparen-

⁴³ Original: Source of dubious ‘beheaded babies’ claim is Israeli settler leader who incited riots to ‘wipe out’ Palestinian village. 11/10/2023. (<https://thegrayzone.com/2023/10/11/beheaded-israeli-babies-settler-wipe-out-palestinian/>)

temente citando fontes militares israelenses, combatentes palestinos realizaram “execuções ao estilo do Estado Islâmico”, nas quais “cortaram as cabeças de pessoas”, incluindo bebês e animais de estimação.

O Grayzone agora identificou uma fonte-chave da alegação de que combatentes palestinos decapitaram bebês israelenses. Ele é David Ben Zion, um subcomandante da Unidade 71 do exército israelense, que também é um líder extremista de colonos, que incitou tumultos violentos contra palestinos na Cisjordânia ocupada, no início deste ano.

Em uma entrevista em 10 de outubro com a repórter Nicole Zedek da rede i24, patrocinada pelo Estado israelense, Ben Zion declarou: “nós fomos de porta em porta, matamos muitos terroristas. Eles são muito maus. Eles cortam as cabeças das crianças, cortam as cabeças das mulheres. Mas somos mais fortes do que eles”.

Ele acrescentou: “Sabemos que eles são animais”, referindo-se aos palestinos, “mas descobrimos que eles não têm coração”.

Horas após sua entrevista com a i24, ainda na vila de Kfar Aza, Ben Zion podia ser visto uniformizado, sorrindo de orelha a orelha, em um vídeo postado em seu Facebook — uma disposição estranha para um suposto testemunho de uma matança metódica de bebês.

Mais cedo naquele dia, Zedek da i24 declarou, durante um relatório ao vivo de Kfar Aza: “Cerca de 40 bebês foram retirados em macas... berços virados, carrinhos deixados para trás, portas deixadas bem abertas”. O relatório de Zedek foi visto milhões de vezes no Twitter e promovido pelo Ministério das Relações Exteriores de Israel — que financia sua rede.

Horas depois, ele qualificou sua declaração, afirmando: “soldados me disseram que acreditam que 40 bebês/crianças foram mortos. O número exato de mortos ainda é desconhecido, pois os combatentes continuam indo de casa em casa e encontrando mais vítimas israelenses”.

No entanto a história não verificada chegou rapidamente aos mais altos níveis de liderança, como se fosse de propósito. O porta-voz do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu declarou sem rodeios que bebês e crianças foram encontrados com suas “cabeças decapitadas”, enquanto o próprio presidente Joe Biden fez uma

referência vaga a “relatórios revoltantes de bebês sendo mortos”.

Da mesma forma, as redes de televisão entraram em frenesi, relatando a história de maneira desenfreada, apesar de as Forças de Defesa de Israel (FDI) recuarem de sua confirmação inicial.

Enquanto isso, alguns repórteres, que inicialmente divulgaram as alegações oficiais israelenses sobre bebês decapitados, começaram a emitir suas próprias qualificações.

Oren Ziv, um repórter israelense que acompanhou a visita oficial do exército a Kfar Aza, comentou no Twitter: “estou recebendo muitas perguntas sobre os relatos de ‘bebês decapitados pelo Hamas’ que foram publicados após a visita da mídia à vila. Durante a visita, não vimos nenhuma evidência disso, e o porta-voz do exército ou comandantes também não mencionaram nenhum desses incidentes”.

Então, quem é a fonte por trás da alegação explosiva?

David Ben Zion é um líder do Conselho Regional de Shomron, que abriga 35 assentamentos [israelenses] ilegais na Cisjordânia, e pediu este ano que a vila palestina de Huwara fosse “aniquilada”.

“Chega de falar sobre construir e fortalecer os assentamentos”, disse Ben David, em um post no Twitter, em 26 de fevereiro de 2023. “A dissuasão que foi perdida deve voltar agora, não há espaço para misericórdia”.

Ben David foi citado na imprensa israelense proclamando logo depois: “a vila de Huwara deve ser aniquilada, este lugar é um ninho de terror, e a punição deve ser para todos”, um claro chamado para a punição coletiva dos palestinos.

O tuíte de Ben David foi “curtido” no Twitter pelo então Ministro das Finanças de Israel, Bezalel Smotrich, uma ação que levou 22 estudiosos de Direito a pedirem ao Procurador Geral que abrisse uma investigação contra o ministro por “induzir crimes de guerra”. Quando Smotrich, mais tarde, ecoou Ben David, pedindo para “aniquilar” Huwara no mês seguinte, o Departamento de Estado dos EUA condenou sua retórica como “perigosa”.

A vila de Huwara, na época, foi alvo de tumultos violentos por colonos, sob a supervisão de Ben David. Após o ataque dos colonos à cidade, que resultou no incêndio de dezenas de casas e veículos, bem como ferimentos aos moradores locais, o Hamas caracterizou o ataque como uma “declaração de guerra”.

Mas o apelo de Ben David por punição coletiva em Huwara estava longe de ser sua única imprecação genocida contra os palestinos. De fato, ele usou suas contas nas redes sociais para repetidamente pedir crimes de guerra, bem como a “deportação em massa [dos palestinos]”.

“O povo palestino... [é] um inimigo”, escreveu Ben David em 2016. “Não podemos mudar seu DNA bárbaro.”

Durante sua campanha fracassada para o Knesset israelense em 2021, com o partido pró-assentamentos Lar Judeu, Ben David descreveu sua missão da seguinte forma: “Estou comprometido com a tarefa de restaurar o lar político do sionismo religioso”.

Ben David parece estar na vanguarda do extremismo dos colonos há anos. Ele foi fotografado em 2015 segurando um microfone para o ideólogo fanático dos colonos Noam Livnat, um auto-descrito “messianista radical de direita”.

De acordo com o livro *Murder in the Name of God: The Plot to Kill Yitzhak Rabin* (Assassinato em Nome de Deus: A Trama para Matar Isaque Rabin), o assassino de Rabin, Yigal Amir, “admira especialmente” Livnat. Em 2005, Livnat liderou uma rebelião de 10.000 soldados e reservistas das FDI, que prometeram recusar a ordem do então primeiro-ministro Ariel Sharon, de remover assentamentos ilegais de Gaza.

Ben David parece compartilhar das obsessões messiânicas de Livnat. Em 2018, ele levou seu sobrinho até a base da Mesquita Al-Aqsa, o terceiro local mais sagrado do Islã, que extremistas judeus desejam substituir por um Terceiro Templo. “Por que os muçulmanos ainda andam orgulhosos nesta montanha?”, ele escreveu, acrescentando “há muito trabalho pela frente”.

“Israel deve construir uma sinagoga no Monte do Templo, seguida por um Terceiro Templo. Não precisamos da permissão de ninguém”, escreveu um usuário do Facebook em resposta à foto, que Ben David curtiu.

Em outra publicação do local sagrado, Ben David escreveu que “o Monte do Templo não é apenas o passado do povo judeu, mas também o futuro”. Ele então pediu a seus seguidores que doassem a Beyadenu, uma organização cujos membros tentam sacrificar cordeiros lá.

Ben David também parece compartilhar a obsessão de Noam Livnat com a destruição de Gaza. Dias após Israel lançar a Ope-

ração Margem Protetora, o bombardeio de 50 dias contra Gaza, que deixou quase 1.500 civis palestinos mortos, Ben David postou uma fotografia no Facebook, de si mesmo e de outros soldados das FDI, posando em frente à artilharia posicionada, para soletrar “O povo de Israel vive” em hebraico. “A nação de Israel está com vocês até o fim (de Gaza) Amém”, respondeu um usuário do Facebook, que, novamente, Ben David curtiu.

Enquanto Netaniahu utiliza a duvidosa alegação de bebês decapitados, para atrair seus patrocinadores dos EUA mais profundamente em sua guerra, as fantasias apocalípticas de Ben David se aproximam de seu cumprimento.

Testemunhos do 7 de Outubro revelam que o exército de Israel “bombardeou” cidadãos israelenses com tanques e mísseis⁴⁴

Max Blumenthal, The Grayzone, 27 de outubro de 2023 — As forças militares de Israel receberam ordens para bombardear casas israelenses e até mesmo suas próprias bases, quando foram dominadas pelos combatentes do Hamas, em 7 de outubro. Quantos cidadãos israelenses supostamente “queimados vivos” foram, na verdade, mortos por fogo amigo?

Vários novos relatos de testemunhas israelenses ao ataque surpresa do Hamas ao sul de Israel em 7 de outubro aumentam as evidências de que o exército israelense matou seus próprios cidadãos, enquanto lutava para neutralizar os atiradores palestinos.

Tuval Escapa, um membro da equipe de segurança do kibutz Be’eri, montou uma linha direta para coordenar entre os moradores do kibutz e o exército israelense. Ele disse ao jornal israelense Haaretz que, à medida que o desespero começou a se instalar, “os comandantes no campo tomaram decisões difíceis — incluindo bombardear casas com seus ocupantes, para eliminar os terroristas junto com os reféns”.

⁴⁴ Original: October 7 testimonies reveal Israel’s military ‘shelling’ Israeli citizens with tanks, missiles. 11/10/2023. (<https://thegrayzone.com/2023/10/27/israels-military-shelled-burning-tanks-helicopters/>)

Um relatório separado publicado no Haaretz observou que o exército israelense foi “obrigado a solicitar um ataque aéreo” contra sua própria instalação, dentro da Passagem de Erez para Gaza, “para repelir os terroristas” que haviam assumido o controle. Essa base estava cheia de oficiais da Administração Civil israelense e soldados naquele momento.

Esses relatos indicam que as ordens vieram do alto comando militar, para atacar casas e outras áreas dentro de Israel, mesmo ao custo de muitas vidas israelenses.

Uma mulher israelense chamada Yasmin Porat confirmou, em uma entrevista à Rádio Israel, que o exército “sem dúvida” matou numerosos não combatentes israelenses, durante tiroteios com combatentes do Hamas em 7 de outubro. “Eles eliminaram todos, incluindo os reféns”, ela afirmou, referindo-se às forças especiais israelenses.

Conforme relatado por David Sheen e Ali Abunimah, no Electronic Intifada, Porat descreveu “um fogo cruzado muito, muito pesado” e o bombardeio de tanques israelenses, que resultaram em muitas baixas entre os israelenses.

Enquanto estava detida pelos homens armados do Hamas, Porat lembrou: “Eles não nos maltrataram. Fomos tratados de maneira muito humana... Ninguém nos tratou com violência”.

Ela acrescentou: “O objetivo era nos sequestrar para Gaza, não nos matar”.

Segundo o Haaretz, o exército só conseguiu restaurar o controle sobre Be’eri, após admitir “bombardear” as casas de israelenses que haviam sido capturados. “O preço foi terrível: pelo menos 112 moradores de Be’eri foram mortos”, o jornal relatou. “Outros foram sequestrados. Ontem, 11 dias após o massacre, os corpos de uma mãe e seu filho foram descobertos em uma das casas destruídas. Acredita-se que mais corpos ainda estejam nos escombros”.

Grande parte do bombardeio em Be’eri foi realizada por equipes de tanques israelenses. Conforme relatado por um jornalista do veículo i24, patrocinado pelo Ministério das Relações Exteriores de Israel, durante uma visita a Be’eri, “pequenas e pitorescas casas [foram] bombardeadas ou destruídas” e “gramados bem cuidados [foram] destruídos pelas trilhas de um veículo blindado, talvez um tanque”.

Helicópteros de ataque Apache também desempenharam um

papel importante, na resposta militar israelense em 7 de outubro. Pilotos disseram à imprensa israelense que foram para o campo de batalha sem qualquer inteligência, incapazes de diferenciar entre combatentes do Hamas e não combatentes israelenses, mas determinados a “esvaziar o ventre” de suas máquinas de guerra. “Eu me encontro em um dilema sobre no que atirar, porque há muitos deles”, comentou um piloto de Apache.

Vídeos filmados por homens armados uniformizados do Hamas deixam claro que eles [Forças Armadas de Israel] intencionalmente atiraram em muitos israelenses com rifles Kalashnikov, em 7 de outubro. No entanto o governo israelense não se contentou em confiar em evidências de vídeo verificadas. Em vez disso, continua a promover alegações desacreditadas de “bebês decapitados”, enquanto distribuiu fotografias de “corpos queimados além do reconhecimento”, para insistir em que os combatentes imolaram sadicamente seus cativos, e até mesmo estupraram alguns, antes de queimá-los vivos.

O objetivo por trás da exposição de atrocidades de Telavive é claro: pintar o Hamas como “pior que o Estado Islâmico”, enquanto cultiva apoio para o bombardeio contínuo da Faixa de Gaza pelo exército israelense, que já deixou mais de 7.000 mortos, incluindo pelo menos 2.500 crianças, até o momento da publicação. Enquanto centenas de crianças feridas em Gaza foram tratadas por aquilo que um cirurgião descreveu como “queimaduras de quarto grau” causadas por armas novas, o foco da imprensa ocidental continua orientado nos cidadãos israelenses supostamente “queimados vivos” em 7 de outubro.

No entanto as crescentes evidências de ordens de fogo amigado dadas pelos comandantes do exército israelense sugerem fortemente que pelo menos algumas das imagens mais chocantes de corpos israelenses carbonizados, casas israelenses reduzidas a escombros e carcaças queimadas de veículos, apresentadas à imprensa ocidental, foram, na verdade, obra de equipes de tanques e pilotos de helicópteros que cobriram o território israelense com projéteis, fogo de canhão e mísseis Hellfire.

De fato, parece que, em 7 de outubro, o exército israelense recorreu às mesmas táticas que emprega contra civis em Gaza, aumentando o número de mortes de seus próprios cidadãos, com o uso indiscriminado de armas pesadas.

Israel bombardeia sua própria base, centro nervoso do cerco a Gaza

Hamas e a Jiade Islâmica Palestina (JIP) lançaram a Operação Dilúvio de Al-Aqsa às 6h do dia 7 de outubro, sobrecarregando rapidamente as bases militares de onde Israel mantém seu cerco à Faixa de Gaza. Entre os principais objetivos delineados pelo Hamas e pela JIP, estava a libertação de palestinos presos por Israel, incluindo até 700 crianças que passam pelo sistema a cada ano, além de 1.264 palestinos atualmente detidos sem acusações.

A troca de 2011 por Gilad Shalit, um soldado israelense capturado cinco anos antes e liberto em troca de 1.027 prisioneiros, serviu de clara inspiração para a Operação Dilúvio de Al-Aqsa. Invadindo bases militares e kibutzim, os militantes palestinos visavam capturar o maior número possível de soldados e civis israelenses e levá-los vivos para Gaza.

O ataque relâmpago sobrecarregou imediatamente a Divisão de Gaza de Israel. Vídeos gravados a partir de câmeras GoPro montadas nos capacetes dos combatentes palestinos, mostram soldados israelenses sendo abatidos em rápida sucessão, muitos ainda vestidos de roupa íntima e pegos de surpresa. Pelo menos 340 soldados ativos e oficiais de inteligência foram mortos em 7 de outubro, representando cerca de 50% das mortes israelenses confirmadas. As baixas incluíram oficiais de alta patente, como o coronel Jonathan Steinberg, comandante da Brigada Nahal de Israel. (Muitos socorristas e civis israelenses armados também foram mortos).

A Passagem de Erez é o lar de uma enorme instalação militar e da Coordenação de Atividades Governamentais nos Territórios (COGAT), que funciona como o centro nervoso do cerco de Israel a Gaza. Quando foi invadida por combatentes palestinos, em 7 de outubro, com muitos burocratas do exército dentro, o exército israelense entrou em pânico.

Segundo o Haaretz, o comandante da Divisão de Gaza, o brigadeiro general Avi Rosenfeld “se entrincheirou na sala de guerra subterrânea da divisão, junto com um punhado de soldados e soldadas, tentando desesperadamente resgatar e organizar o setor sob ataque. Muitos dos soldados, a maioria deles não combatentes, foram mortos ou feridos do lado de fora. A divisão foi obriga-

da a solicitar um ataque aéreo contra a própria base [Passagem de Erez], para repelir os terroristas”.

Vídeo divulgado pelo COGAT de Israel, dez dias após a batalha — e o ataque aéreo israelense, — mostra danos estruturais severos ao telhado da instalação da Passagem de Erez.

Helicópteros Apache israelenses atacam dentro de Israel: “encontro-me em um dilema sobre no que atirar”

Por volta das 10h30, segundo um relato do exército ao noticiário israelense Mako, “a maioria das forças [palestinas] da onda de invasão original já havia deixado a área em direção a Gaza”. Mas, com o rápido colapso da Divisão de Gaza do exército israelense, saqueadores, curiosos e guerrilheiros de baixo escalão, não necessariamente sob o comando do Hamas, entraram livremente em Israel.

A essa altura, os dois esquadrões de helicópteros Apache de Israel tinham 8 aeronaves no ar, “e quase não havia inteligência para ajudar a tomar decisões fatais”, relatou o Mako. Os esquadrões só atingiram a força total ao meio-dia.

À medida que a onda de infiltrações de Gaza gerava caos no solo, pilotos israelenses desorientados desencadearam uma enxurrada de mísseis e rajadas de metralhadora: “Os pilotos dos Apaches testemunham que dispararam uma enorme quantidade de munições, esvaziaram o ‘ventre do helicóptero’ em minutos, voaram para reabastecer e voltaram ao ar, repetidamente. Mas não adiantou, e eles entendem isso”, relatou o Mako.

Os helicópteros Apache parecem ter focado em veículos voltando para Gaza, do festival de música eletrônica Nova e de kibutzim próximos, atacando carros com o conhecimento aparente de que poderia haver cativos israelenses dentro. Eles também dispararam contra pessoas desarmadas, saindo dos carros ou caminhando pelos campos, na periferia de Gaza.

Em uma entrevista ao noticiário Mako de Israel, um piloto de Apache refletiu sobre o difícil dilema de atirar em pessoas e carros voltando para Gaza. Ele sabia que muitos desses veículos poderiam conter prisioneiros israelenses. Mas escolheu abrir fogo mesmo assim. “Escolho alvos assim”, afirmou o piloto, “onde digo a mim mesmo que a chance de estar atirando em prisioneiros

também é baixa”. No entanto ele admitiu que seu julgamento “não era 100%”.

“Entendo que temos de atirar aqui e rapidamente”, disse o comandante da unidade Apache, tenente-coronel E., ao Mako, em um relatório separado. “Atirar em pessoas em nosso território — isso é algo que nunca pensei que faria”.

O tenente-coronel A., um piloto da reserva na mesma unidade, descreveu um nevoeiro de confusão: “encontre-me em um dilema sobre no que atirar, porque há muitos deles”.

Um relatório sobre os esquadrões de Apache, pelo canal israelense Yedioth Aharanoth, observou que “os pilotos perceberam que havia uma tremenda dificuldade em distinguir, dentro dos postos avançados e assentamentos ocupados, quem era um terrorista e quem era um soldado ou civil... A taxa de disparo contra os milhares de terroristas foi tremenda no início, e apenas em um certo ponto os pilotos começaram a diminuir os ataques e selecionar os alvos com cuidado”.

Um comandante de esquadrão explicou ao Mako como ele quase atacou a casa de uma família israelense ocupada por combatentes do Hamas, e acabou atirando ao lado dela com tiros de canhão. “Nossas forças ainda não tinham chegado a esse assentamento”, lembrou o piloto, “e eu já fiquei sem mísseis lá, que são as armas mais precisas”.

Com a família dentro de um abrigo antiaéreo fortificado, o piloto decidiu “atirar um canhão a 30 metros dessa casa, uma decisão muito difícil. Atiro para que, se eles estiverem lá, ouçam as bombas dentro da casa, que entendam que é sabido que estão lá, e com a esperança de que deixem aquela casa. Também estou te dizendo a verdade, passou pela minha cabeça que eu estava atirando na casa”.

No final, os pilotos de helicóptero israelenses culpavam as táticas inteligentes do Hamas por sua incapacidade de distinguir entre combatentes armados e não combatentes israelenses. “O exército do Hamas, ao que parece, deliberadamente dificultou para os pilotos de helicópteros e operadores de VANTs [drones]”, afirmou Yedioth Aharanoth.

Segundo o jornal israelense, “ficou claro que as forças invasoras foram instruídas nas últimas reuniões a caminhar lentamente para dentro dos assentamentos e postos avançados, ou dentro

deles, e em nenhuma circunstância correr, para fazer os pilotos pensarem que eram israelenses. Esse engano funcionou por um tempo considerável, até que os pilotos dos Apaches perceberam que tinham de ignorar todas as restrições. Foi só por volta das 9h, que alguns deles começaram a pulverizar os terroristas com os canhões por conta própria, sem autorização dos superiores”.

E assim, sem nenhuma inteligência ou capacidade de distinguir entre palestinos e israelenses, os pilotos desencadearam uma fúria de tiros de canhão e mísseis nas áreas israelenses abaixo.

Militares israelenses “eliminaram todos, incluindo os reféns”, disparando projéteis de tanque em casas de kibutz

Fotos das consequências dos combates dentro de kibutzim como Be’eri — e do bombardeio israelense nessas comunidades — mostram escombros e casas carbonizadas que lembram os ataques de tanques e artilharia israelenses dentro de Gaza. Como Tuval Escapa, o coordenador de segurança no kibutz Be’eri, disse ao Ha-aretz, os comandantes do exército israelense ordenaram o “bombardeio [das] casas com seus ocupantes, para eliminar os terroristas junto com os reféns”.

Yasmin Porat, uma participante do festival de música Nova que fugiu para o kibutz Be’eri, disse à Rádio Israel que, quando as forças especiais israelenses chegaram, durante um impasse com reféns, “eles eliminaram todos, incluindo os reféns, porque havia um fogo cruzado muito, muito intenso”.

“Após um fogo cruzado insano”, Porat continuou, “dois projéteis de tanque foram disparados na casa. É uma pequena casa de kibutz, nada grande”.

Um vídeo postado pela conta do Telegram do Israel South Responders mostra os corpos de israelenses encontrados sob os escombros de uma casa destruída por uma explosão poderosa — provavelmente um projétil de tanque. O New York Post, de direita, publicou um relatório sobre um incidente semelhante, em que o corpo de um menino foi encontrado carbonizado, sob as ruínas de sua casa em Be’eri.

O fenômeno de cadáveres carbonizados cujas mãos e tornozelos estavam amarrados, e que foram encontrados em grupos sob os escombros de casas destruídas, também levanta questões sobre

o fogo “amigo” dos tanques.

Yasmin Porat, a refém que sobreviveu a um impasse em Be’eri, descreveu como combatentes do Hamas amarraram as mãos de seu parceiro atrás das costas. Depois que um comandante se rendeu, usando-a como escudo humano para garantir sua segurança, ela viu seu parceiro deitado no chão, ainda vivo. Ela afirmou que as forças de segurança israelenses “sem dúvida” o mataram e aos outros reféns, quando abriram fogo sobre os combatentes restantes lá dentro, inclusive com projéteis de tanque.

As forças de segurança israelenses também abriram fogo contra israelenses em fuga, que confundiram com combatentes do Hamas. Uma residente de Ashkelon chamada Danielle Rachiel descreveu quase ser morta, após escapar do festival de música Nova, quando foi atacada por combatentes de Gaza. “Quando chegamos à rotatória [em um kibutz], vimos as forças de segurança israelenses!”, Rachiel lembrou. “Mantivemos nossas cabeças abaixadas [porque] automaticamente sabíamos que eles ficariam desconfiados de nós, em um carro pequeno e batido... vindo da mesma direção dos terroristas. Nossas forças começaram a atirar em nós!”

“Quando nossas forças atiraram em nós, nossas janelas estouraram”, continuou ela. Foi só quando gritaram em hebraico “Somos israelenses!”, que os tiros pararam, e eles foram levados para um lugar seguro.

Alguns israelenses não tiveram a mesma sorte de Rachiel. Adi Ohana foi morto a tiros pela polícia israelense, perto de sua casa, após ser confundido com um guerrilheiro palestino. “Um homem inocente foi morto da maneira mais negligente possível”, reclamou sua sobrinha. A imprensa israelense agora está cheia de relatos de militares atirando em compatriotas israelenses, mesmo enquanto eles defendiam suas casas contra os combatentes palestinos.

As fotos das “atrocidades do Hamas” que agora desapareceram mostravam combatentes do Hamas mortos?

Entre os vídeos mais horríveis das consequências do dia 7 de outubro, também publicados na conta do Telegram do South Responders, está um que mostra um carro cheio de cadáveres carbonizados na entrada do kibutz Be’eri. O governo israelense retratou

essas vítimas como israelenses mortos pela violência sádica do Hamas. No entanto a carroceria de aço derretida e o teto colapsado do carro, e os corpos completamente carbonizados dentro, evidenciam um impacto direto de um míssil Hellfire.

Também é possível que os tripulantes masculinos do carro fossem combatentes do Hamas que entraram depois que as cercas foram rompidas. Eles também poderiam estar retornando a Gaza com reféns israelenses dentro do carro.

O embaixador de Israel na ONU, Gilad Erdan, parece ter promovido fotos mostrando combatentes do Hamas mortos, durante seu discurso na ONU, em 26 de outubro. Erdan gesticulou furiosamente no pódio, berrando que “estamos lutando contra animais”, antes de exibir um papel com um código QR legendado: “Escaneie para ver as atrocidades do Hamas”.

Quando escaneei o código, naquele dia ao meio-dia, encontrei cerca de oito imagens horríveis de corpos queimados e partes de corpos carbonizadas. Uma mostrava uma pilha de cadáveres masculinos completamente carbonizados, amontoados em um contêiner de lixo. Os socorristas e médicos israelenses teriam descartado os corpos de israelenses judeus dessa maneira?

Todos os israelenses mortos em 7 de outubro parecem ter sido recolhidos em sacos de cadáveres individuais e transportados para necrotérios. Enquanto isso, inúmeros vídeos gravados por israelenses os mostravam profanando os corpos de combatentes do Hamas mortos pelas forças de segurança — despindo-os, urinando sobre eles e mutilando seus corpos. Jogar seus corpos em um contêiner de lixo pareceria ser parte da política de facto de abuso de corpos.

Pouco mais de doze horas após o embaixador Erdan promover as supostas fotos de atrocidades do Hamas na ONU, o arquivo do Google Drive continha apenas um breve vídeo. Entre as fotos que desapareceram misteriosamente, estava a imagem do contêiner cheio de corpos queimados. Teria sido deletada porque mostrava combatentes do Hamas queimados por um míssil Hellfire, e não israelenses “queimados até a morte” pelo Hamas?

Destruição remanescente dos ataques israelenses a Gaza

Alguns socorristas que chegaram aos locais de carnificina no sul de Israel após 7 de outubro, disseram que nunca tinham visto

tamanha destruição. Para aqueles que testemunharam os bombardeios de Israel na Faixa de Gaza, no entanto, as imagens de casas bombardeadas e carros queimados deveriam ser familiares.

Enquanto reportava sobre o ataque de 51 dias de Israel a Gaza em 2014, encontrei um veículo destruído no centro da Cidade de Gaza, pertencente a um jovem motorista de táxi chamado Fadel Alawan, que foi assassinado por um drone israelense depois de, sem saber, ter deixado um combatente ferido do Hamas em um hospital próximo. Dentro do carro, os restos da sandália de Alawan ainda podiam ser vistos derretidos no pedal do acelerador.

Na tarde de 7 de outubro, assentamentos pacíficos e estradas desérticas, em todo o sul de Israel, estavam carbonizados e ladeados por carros bombardeados que pareciam muito com o de Alawan. Será que os combatentes do Hamas, levemente armados, eram realmente capazes de causar destruição em escala tão abrangente?

O governo israelense está distribuindo fotos de vítimas de fogo amigo?

Neste 23 de outubro, o governo de Israel reuniu membros da imprensa internacional, para uma sessão de propaganda extra oficial. Dentro de uma base militar fechada, os oficiais bombardearam a imprensa com filmes chocantes e uma coleção de alegações sensacionalistas de “cenas angustiantes de assassinato, tortura e decapitação, do ataque do Hamas em 7 de outubro”, segundo o Times of Israel.

No talvez mais perturbador documento apresentado pelo governo israelense, os repórteres foram brindados com um vídeo mostrando “o cadáver parcialmente queimado de uma mulher, com a cabeça mutilada... O vestido da mulher morta está puxado até a cintura e sua calcinha foi removida”, segundo o Times of Israel.

Daniel Amram, o blogueiro de notícias privado mais popular em Israel, publicou no Twitter o vídeo do cadáver queimado da mulher, afirmando que “ela foi estuprada e queimada viva”.

Na verdade, a jovem parecia ter sido morta instantaneamente por uma explosão poderosa. E ela parecia ter sido removida do carro em que estava sentada — e que pode ter pertencido a um

sequestrador de Gaza. O veículo foi completamente destruído e estava situado em um campo de terra, como muitos outros atacados por helicópteros Apache. Ela estava vestida com pouca roupa, com as pernas abertas.

Embora ela tenha comparecido ao festival de música eletrônica Nova, onde muitas participantes do sexo feminino vestiam roupas mínimas, e seus membros dobrados fossem típicos de um corpo que estava sentado em um carro depois da rigor mortis, os comentaristas e autoridades israelenses propagaram a alegação de que ela foi estuprada.

Mas as alegações de agressão sexual se mostraram até agora infundadas. O porta-voz do exército israelense, Mickey Edelstein, insistiu aos repórteres, na coletiva de imprensa de 23 de outubro, que “temos evidências” de estupro, mas, quando perguntado por provas, ele disse ao Times of Israel: “não podemos compartilhá-las”.

Essa jovem mulher foi mais uma vítima das ordens de fogo amigo do exército israelense? Somente uma investigação independente pode determinar a verdade.

O exército de Israel mata reféns israelenses dentro da Faixa de Gaza, e resmunga sobre sua libertação

Dentro da Faixa de Gaza, onde cerca de 200 cidadãos israelenses são mantidos como reféns, há poucas dúvidas sobre quem está matando os reféns. Em 26 de outubro, a ala armada do Hamas, conhecida como Brigadas Al-Qassam, anunciou que Israel havia matado “quase 50 reféns” em ataques de mísseis.

Se o exército de Israel tivesse mirado intencionalmente áreas onde sabia que os reféns estavam detidos, suas ações estariam de acordo com a Diretriz de Hanibal de Israel. O procedimento militar foi estabelecido em 1986, após o Acordo de Jibril, um acordo no qual Israel trocou 1.150 prisioneiros palestinos por três soldados israelenses. Após forte reação política, o exército israelense elaborou uma ordem de campo secreta, para prevenir futuros sequestros. A operação proposta recebeu seu nome do general cartaginês que optou por se envenenar, em vez de ser mantido como refém pelo inimigo.

A última aplicação confirmada da Diretriz de Hannibal ocorreu em 1º de agosto de 2014, em Rafá, Gaza, quando combatentes do Hamas capturaram um oficial israelense, o tenente Hadar Goldin, levando o exército a lançar mais de 2.000 bombas, mísseis e projéteis na área, matando o soldado juntamente com mais de 100 civis palestinos.

Esteja ou não matando intencionalmente seus cidadãos capturados em Gaza, Israel tem demonstrado uma estranha resistência à sua libertação imediata. Em 22 de outubro, após recusar uma oferta do Hamas para libertar 50 reféns em troca de combustível, Israel rejeitou uma oferta do Hamas para libertar Yocheved Lifshitz, uma ativista pela paz israelense de 85 anos, e sua amiga de 79 anos, Nurit Cooper.

Quando Israel concordou com a libertação delas, um dia depois, um vídeo mostrou Lifshitz de mãos dadas com um combatente do Hamas e entoando-lhe “Shalom”⁴⁵, enquanto ele a escoltava para fora de Gaza. Durante uma coletiva de imprensa naquele dia, ela relatou o tratamento humano que recebeu de seus captores.

O espetáculo da libertação de Lifshitz foi tratado como um desastre de propaganda pelos manipuladores de imagem do governo israelense, com funcionários resmungando que permitir que ela falasse publicamente foi um grave “erro”.

O exército israelense não ficou menos descontente com sua liberdade repentina. Conforme relatado pelo Times of Israel, “o exército está preocupado que mais libertações de reféns pelo Hamas possam levar a liderança política a adiar uma incursão terrestre, ou até mesmo interrompê-la no meio do caminho”.

⁴⁵ Em diversas passagens bíblicas, é encontrada a palavra *shalom* com o significado de paz e desejo de bem-estar entre as pessoas ou nações.

Criança símbolo israelense do 7 de outubro foi morta por um tanque israelense, revelam testemunhas oculares⁴⁶

Max Blumenthal, The Grayzone, 25 de novembro de 2023 — Testemunhas oculares do episódio dos reféns em 7 de outubro no kibutz Be’eri expuseram Israel, por enganar o mundo sobre as mortes da menina de 12 anos Liel Hetzroni, sua família e seus vizinhos.

Numa tentativa desesperada de obter simpatia internacional, o governo israelense procurou provocar indignação sobre a morte de uma menina de 12 anos, durante o ataque liderado pelo Hamas ao sul de Israel, em 7 de outubro.

“O corpo dessa garotinha foi queimado tão gravemente, que levou mais de seis semanas para os arqueólogos forenses a identificarem”, declarou o Ministério das Relações Exteriores de Israel, em sua conta oficial no Twitter/X. “Tudo o que resta de Liel Hetzroni, de 12 anos, são cinzas e fragmentos de ossos. Que sua memória seja uma bênção.”

Aviva Klompas, ex-redatora de discursos da missão das Nações Unidas de Israel e uma das principais propagandistas em inglês nas redes sociais do país, afirmou no Twitter/X: “os terroristas massacraram todos [os Hetzroni] e então incendiaram o prédio”.

⁴⁶ Original: Israeli October 7 posterchild was killed by Israeli tank, eyewitnesses reveal. 25/11/2023. (<https://thegrayzone.com/2023/11/25/israels-october-7-propaganda-tank-eyewitnesses/>)

Naftali Bennett, ex-primeiro-ministro de Israel, acrescentou, proclamando que “Liel Hetzroni, do kibbutz Be’eri, foi assassinada em sua casa por monstros do Hamas... Estamos travando a guerra mais justa: garantir que isso nunca mais aconteça”.

Liel Hetzroni estava entre os não combatentes mortos no kibbutz Be’eri, quando a pequena comunidade do sul de Israel foi momentaneamente tomada por combatentes do Hamas, em busca de reféns para promover uma troca de prisioneiros. Durante o episódio que se seguiu, ela foi morta instantaneamente, junto com o irmão gêmeo, a tia-avó e vários outros residentes de Be’eri.

No entanto, a Hetzroni de 12 anos não foi morta pelo Hamas. De acordo com um novo depoimento de uma testemunha israelense sobre a morte da menina, ela foi morta por um disparo de tanque israelense ao lado de vários vizinhos.

A revelação da morte por fogo amigo de Hetzroni veio à tona, quando reportagens do jornal israelense Haaretz confirmaram uma investigação viral da Grayzone, que destacou divulgações de pilotos de helicóptero e autoridades de segurança israelenses, sobre ordens de fogo amigo, ao longo do fatídico dia.

Uma delas veio de um membro da equipe de segurança do kibbutz Be’eri, que disse ao Haaretz que “os comandantes no campo tomaram decisões difíceis — incluindo bombardear casas com seus ocupantes, para eliminar os terroristas junto com os reféns”.

Um comandante de batalhão de tanques recordou ter recebido as mesmas ordens, quando chegou ao local, afirmando em uma entrevista em vídeo: “Cheguei a Be’eri para ver o general brigadeiro Barak Hiram, e a primeira coisa que ele me pediu foi para disparar com o tanque numa casa [onde membros do Hamas estavam se abrigando]”.

A decisão de usar armas pesadas nas pequenas casas de Be’eri acabou custando muitas vidas de israelenses. Entre eles, estava a menina cuja morte foi usada como justificativa para o brutal ataque de Israel a Gaza. E, pela primeira vez, uma testemunha do ataque veio à tona com a verdade desconfortável sobre o assassinato.

“Quando esses dois disparos atingiram, [Liel] parou de gritar”

Yasmin Porat estava entre os israelenses feitos reféns por combatentes do Hamas em Be’eri, em 7 de outubro. Ela havia fugi-

do do festival de música eletrônica Nova e buscado abrigo na comunidade, quando os combatentes chegaram. Em uma entrevista de 15 de novembro ao canal de televisão nacional israelense, Kan News, Porat forneceu detalhes exclusivos do episódio, que minaram gravemente a narrativa oficial de seu governo.

Sob a impressão errônea de que estavam cercados por tropas israelenses, que, na verdade, estavam em grande parte ausentes no momento e em estado desorganizado, os combatentes do Hamas enviaram reféns para fora da casa e ligaram para a polícia israelense, em uma aparente tentativa de negociar sua própria saída.

“Você vê que a maioria dos sequestros ocorreu de manhã, às 10, 11, 12”, disse Porat. “Às 3 [da tarde], todos [os cidadãos israelenses] pensavam que o exército já estava por toda parte. [Os combatentes do Hamas] poderiam nos tirar e nos levar de volta [a Gaza] dez vezes. Mas eles não acreditavam que essa fosse a situação, então pediram pela polícia”.

Quando as forças especiais israelenses finalmente chegaram ao local, disse Porat, um “cessar-fogo” ocorreu entre o Hamas e as forças israelenses, e seu próprio captor decidiu se render. Para garantir sua própria segurança, ele se despiu e usou-a como escudo humano, enquanto se dirigia aos soldados israelenses.

Depois que Porat foi liberta, e seu captor se rendeu, ela disse que 14 israelenses permaneceram reféns, sob a guarda de 39 combatentes do Hamas. Entre os deixados para trás, ela disse, estavam os gêmeos, Liel e Yanai Hetzroni, juntamente com sua tia-avó e guardiã, Ayala Hetzroni.

“Eu fiquei lá com o comandante da unidade”, lembrou Porat, “e descrevi para ele como é a casa, e onde estavam os terroristas, e onde estavam os reféns. Eu realmente desenhei para ele: ‘Olha, aqui, no gramado, tem quatro reféns deitados assim no gramado. Aqui estão dois que estão debaixo do terraço. E na sala de estar tem uma mulher deitada assim, e uma mulher deitada assim”.

Porat explicou: “eu disse [ao comandante israelense] sobre os gêmeos (Yanai e Liel Hatzroni) e sua tia-avó (Ayala), eu não os vi. Sabe de uma coisa, quando saí, eles foram os únicos que não vi. Eu ouvi Liel o tempo todo, então tenho certeza de que estavam lá... Tentei explicar [ao comandante] que de algum lugar perto da cozinha, foi de onde ouvi os gritos. Não a vi, mas a ouvi, e soube de onde vinham os gritos. Tentei explicar onde estavam todos os reféns”.

Destacando a falha da inteligência israelense que possibilitou a operação do Hamas em 7 de outubro, Porat disse que os soldados não acreditavam que tantos combatentes pudessem estar dentro de uma única casa, ou que uma força tão grande pudesse ter penetrado nas paredes de cerco de alta tecnologia que Israel havia construído ao redor de Gaza. “Da primeira vez que disse [às forças especiais israelenses] que havia cerca de 40 terroristas, me disseram: ‘Não pode ser. Parece que você está exagerando’... Eu lhes disse: ‘Há mais deles do que vocês.’ Eles não acreditaram em mim! Ainda havia a ingenuidade do nosso exército”.

Às 16h, começou uma batalha de tiroteio entre os militantes dentro da casa e as forças especiais israelenses posicionadas do outro lado da rua. Após não conseguirem desalojar os combatentes do Hamas, os israelenses chamaram um tanque, às 19h30.

Porat descreveu uma sensação de pânico, ao assistir o tanque avançar pela pequena comunidade: “Pensei comigo mesma, ‘por que estão disparando projéteis de tanque contra a casa?’ E perguntei a uma das pessoas que estava comigo, ‘por que estão atirando?’ Então eles me explicaram que era para derrubar as paredes, a fim de ajudar a limpar a casa”.

Do outro lado da rua, Porat ouviu duas explosões altas. O tanque havia disparado alguns projéteis contra a casa. Deitados do lado de fora da casa estavam seu parceiro, Tal, outro homem chamado Tal, e o casal proprietário da casa, Adi e Hadas Dagan. Também estavam os gêmeos de 12 anos, Liel e Yanai Hatsroni, junto com sua tia-avó.

Quando a poeira baixou, apenas Hadas Dagan emergiu da casa com vida.

Porat disse que Dagan mais tarde lhe disse: “Yasmin, quando as duas explosões enormes aconteceram, senti como se voasse pelo ar... Levei 2 a 3 minutos para abrir os olhos, não sentia meu corpo. Estava completamente paralisada. Quando abri os olhos, vi que meu Adi [Dagan] estava morrendo... Seu Tal também parou de se mover naquele momento”.

Dagan confirmou que os projéteis do tanque mataram Liel Hatsroni: “A garota não parou de gritar, durante todas aquelas horas”, ela disse a Porat, referindo-se a Liel. “Ela não parou de gritar... [mas] quando aqueles dois projéteis atingiram, [Liel] parou de gritar. Houve silêncio então”.

Porat concluiu: “Então, o que se pode tirar disso? Que após esse incidente muito grande, o tiroteio, que terminou com dois projéteis, foi praticamente quando todos morreram”.

Dagan enfatizou a Porat que nenhum dos reféns foi morto intencionalmente pelos combatentes do Hamas. “Não houve execuções, ou algo assim. Pelo menos não das pessoas com ela”, disse Porat.

Em uma entrevista separada, em 15 de outubro, Porat insistiu que os combatentes palestinos “não nos maltrataram. Eles nos trataram de forma muito humana”.

É impossível saber se o impasse entre as forças israelenses e do Hamas na casa dos Dagan poderia ter sido resolvido sem derramamento de sangue. Mas é claro que a decisão de Israel de bombardear a casa com tanques acabou matando quase todos lá dentro, incluindo a criança que se tornou o centro da campanha internacional de propaganda anti-Hamas de Israel. Todos os israelenses deixados para trás, disse Porat, era “uma casa cheia de cadáveres”.

Atirador de tanque israelense revela ordens para disparar indiscriminadamente contra kibutz⁴⁷

Wyatt Reed e Max Blumenthal, *The Grayzone*, 27 de novembro de 2023 — Novas revelações se somam ao crescente conjunto de evidências indicando que muitos israelenses que morreram em 7 de outubro foram mortos pelo exército israelense. Enquanto isso, o governo israelense tem silenciado os prisioneiros libertos de Gaza para evitar danos adicionais à narrativa oficial.

O testemunho em primeira mão de operadores de tanque israelenses, admitidamente inexperientes, revela ordens para abrir fogo contra comunidades israelenses quando combatentes palestinos romperam as cercas que cercam Gaza em 7 de outubro.

Um perfil de uma companhia de tanques totalmente feminina da rede de notícias N12 de Israel contém admissões da capitã de 20 anos — identificada apenas como ‘Karni’ — de que ela foi ordenada por um soldado “em pânico” a abrir fogo em casas no kibutz Holit, independentemente de conterem civis ou não.

Dez israelenses foram mortos em Holit em 7 de outubro; não havia crianças entre os mortos.

“O soldado aponta e me diz: ‘atire ali — os terroristas estão lá’”, relata a capitã no vídeo recém-divulgado, observando que, quando perguntou “há civis lá?”, seu colega simplesmente respon-

⁴⁷ Original: *Israeli tank gunner reveals orders to fire indiscriminately into kibbutz — report*. 27/11/2023. (<https://thegrayzone.com/2023/11/27/israeli-tank-orders-fire-kibbutz/>)

deu “não sei” e ordenou que ela “atirasse apenas” um projétil de tanque nos prédios mesmo assim.

Por fim, ela lembrou, “decidi não atirar”, pois “essa é uma comunidade israelense”. Em vez disso, disse ela, “atirei com minha metralhadora em uma casa”.

Enquanto o governo israelense e seu exército de propagandistas internacionais culpam apenas o Hamas por uma série de mortes horríveis em 7 de outubro, juntamente com alegações não comprovadas de estupro, tortura e decapitação de bebês, os comentários no relatório da N12 se somam a um crescente conjunto de evidências que demonstram que os bombardeios por tanques israelenses foram responsáveis por muitas das baixas nos kibutzim israelenses. Segundo os soldados entrevistados, outros mortos pela companhia de tanques em questão incluem supostos combatentes palestinos que eles dizem terem esmagado até a morte com seu veículo.

“Minha motorista vê dois terroristas na estrada e relata isso”, diz a capitã ao entrevistador da N12. Quando “digo a ela para atropelá-los, ela simplesmente atropela os terroristas e continua”, explica ela despreocupadamente.

A companhia de tanques feminina parece ter sido treinada nos veículos menos avançados no arsenal de Israel e designada apenas para deveres de defesa de fronteiras. No caos do ataque do Hamas em 7 de outubro, elas foram forçadas a usar veículos mais avançados, equipados com um sistema de armas controlado remotamente (RCWS).

No relatório da N12, o brigadeiro general Raviv Mahmia admitiu que enfrentar um grupo de combatentes no kibutz Holut era uma tarefa “muito complexa” para as jovens operadoras de tanques, que “de muitas maneiras... não estavam treinadas para lutar”.

“Elas atiraram em comunidades israelenses, dirigindo em estradas comuns”, observou ele.

Reportagens do The Grayzone revelaram que muitos dos corpos encontrados queimados além do reconhecimento, dentro do chamado “envelope de Gaza” do sul de Israel, eram provavelmente vítimas do exército israelense — o que as recentes admissões parecem confirmar.

Em 26 de novembro, The Grayzone citou o relato de testemu-

nhas oculares, para documentar como um tanque israelense abriu fogo em uma casa no kibutz Be'eri, em 7 de outubro, matando 12 não combatentes israelenses, incluindo Liel Hetzroni — uma figura central da campanha de propaganda internacional anti-Hamas de Telavive.

Evidências de mortes por fogo amigo, em 7 de outubro, também chegaram por meio da divulgação pelo Haaretz de que helicópteros de ataque israelenses provavelmente mataram muitos participantes do festival de música eletrônica Nova, e que o Hamas não estava ciente de que o festival estava acontecendo no momento.

Revelações de que as tropas israelenses receberam ordens para abrir fogo indiscriminadamente contra comunidades israelenses surgem, enquanto os serviços de segurança do país fazem esforços desesperados para controlar a narrativa da guerra em Gaza.

Seguindo um acordo de cessar-fogo temporário, que viu dezenas de prisioneiros judeus libertos de Gaza a partir de 24 de novembro, o Canal 12 de Israel revelou que autoridades em Telavive instituíram novas regras, exigindo que os israelenses libertos sejam monitorados de perto, ao dar entrevistas.

Aqueles libertos da custódia do Hamas “devem receber supervisão próxima e serão instruídos sobre o que dizer à imprensa, e o que não dizer”, explicou o relatório.

No momento da publicação, nenhum dos israelenses recentemente libertos havia falado publicamente com qualquer meio de comunicação. As aparições dos prisioneiros na imprensa israelense se tornaram cada vez mais raras, desde a libertação de Yochaved Lifshitz, de 85 anos, que foi duramente criticada por apertar a mão de um de seus guardiões do Hamas e reconhecer que eles “nos trataram com gentileza”.

Comentários recentes de um parente de outra mulher idosa israelense liberta em 24 de novembro, Ruth Munder, parecem validar esse relato.

Descrevendo o tempo dos israelenses em Gaza, o membro da família disse: “Felizmente, eles não passaram por experiências desagradáveis durante o cativeiro; foram tratados de maneira humana”.

“Contrariando nossos medos”, Munder “não encontrou as

histórias horríveis que imaginávamos” e, em última análise, os guardiões dos prisioneiros “não os prejudicaram”, disse o membro da família ao Jerusalem Post de Israel.

Da mesma forma, a irmã de um trabalhador tailandês feito refém em Gaza disse à imprensa internacional que seu irmão tinha sido “bem cuidado” e “parecia feliz”, quando foi liberto.

Um convidado no Canal 13 de Israel reconheceu: “é importante mencionar que muitos acusaram [a ex-prisioneira israelense] Yochaved Lifschitz [de deslealdade], mas ela afirmou essas mesmas coisas. Ela foi maltratada e descrita como responsável por um grande dano à imprensa, acusada de ter mentido porque o marido estava em cativeiro, de que o Hamas a influenciou e lhe fez lavagem cerebral antes de sua libertação. Mas cada palavra que ela disse era verdadeira, e essas pessoas estão fazendo as mesmas declarações”.

Ao deixar Gaza em direção a Israel, a prisioneira israelense Danielle Aloni deixou uma carta para seus captores do Hamas, agradecendo-lhes a “humanidade antinatural que vocês mostraram comigo e com minha filha Emilia. Vocês foram como pais para ela, convidando-a para o quarto de vocês, sempre que ela queria”.

Ela conclui expressando gratidão pela “atitude gentil que vocês mostraram aqui, apesar da difícil situação que estavam enfrentando. E as perdas difíceis que aconteceram aqui em Gaza. Tomara nós pudéssemos ser amigos neste mundo”.

Durante seu tempo de cativeiro, Aloni apareceu em um vídeo criticando Netaniahu, por sua falha em negociar sua libertação e a de outros reféns.

Embora o governo israelense provavelmente alegasse que Aloni foi coagida a escrever a carta sob extrema pressão, ainda não permitiu que ela falasse publicamente sobre sua experiência em Gaza.

Grupo de “resgate” israelense manchado por escândalos alimenta invenções do 7 de Outubro⁴⁸

Max Blumenthal, The Grayzone, 6 de dezembro de 2023 — Fundado por um estuproador em série conhecido como “o Jeffrey Epstein Haredi”, o grupo ultraortodoxo israelense de resgate ZAKA é responsável por algumas das mais obscenas fabricações pós-7 de outubro, desde bebês decapitados, até “estupros em massa” e um feto retirado de sua mãe. O secretário de Estado [dos EUA] Tony Blinken e o presidente Joseph Biden repercutiram testemunhos comprovadamente falsos do ZAKA, sobre atrocidades do Hamas. Manchado por alegações de fraude financeira, o ZAKA está aproveitando a publicidade do 7 de Outubro para arrecadar valores sem precedentes em dinheiro. Seu rival, United Hatzalah, tem divulgado histórias falsas de bebês assados em fornos, enquanto se aproxima de uma meta de arrecadação de US\$ 50 milhões.

Durante uma audiência no Senado, em 31 de outubro, sobre a guerra de Israel em Gaza, o secretário de Estado Antony Blinken ofereceu sua justificativa para rejeitar um cessar-fogo. Invocando toda a emoção que um agente sombrio do Partido Democrata poderia reunir, Blinken evocou uma cena macabra destinada a ilustrar a selvageria do Hamas e a impossibilidade de negociações

⁴⁸ *Original: Scandal-stained Israeli ‘rescue’ group fuels October 7 fabrications. 6/12/2023. (<https://thegrayzone.com/2023/12/06/scandal-israeli-october-7-fabrications/>)*

com tal organização: “um menino e uma menina, de 6 e 8 anos, e seus pais em torno da mesa do café da manhã”, entoou Blinken. “O olho do pai foi arrancado na frente dos filhos. O seio da mãe cortado, o pé da menina amputado, os dedos do menino cortados, antes de serem executados”.

O secretário de Estado concluiu: “É com isso que esta sociedade [israelense] está lidando”.

Embora Blinken não tenha mencionado a fonte de sua alegação perturbadora — e não tenha sido pedido que o fizesse por nenhum senador —, ela correspondeu ao testemunho feito por Yossi Landau, chefe de operações da região sul de Israel de uma organização religiosa de “identificação de vítimas de desastres” chamada ZAKA. De fato, Landau reiterou várias formas da história que Blinken referenciou, desde 12 de outubro, detalhando como combatentes do Hamas mutilaram e mataram brutalmente duas crianças de 6 e 8 anos e seus pais, no kibbutz Beeri, antes de jantar em sua casa.

Apesar da presença de múltiplas testemunhas potenciais dentro de Beeri antes de o ZAKA chegar para coletar os corpos, um testemunho independente corroborando a afirmação de Landau ainda não surgiu. Além disso, não há registros de mortes de irmãos com cerca de 6 a 8 anos em Beeri, em 7 de outubro. Qualquer registro de uma criança pequena morta da maneira que Landau descreveu também é inexistente, assim como fotos da família assassinada que ele descreveu. Na verdade, os únicos irmãos em qualquer lugar perto dessa faixa etária que morreram na comunidade naquele dia — os gêmeos Liel e Yanai Hetzroni, de 12 anos — foram mortos por bombardeios de tanques israelenses.

A história de Landau — e, por extensão, o testemunho de Blinken perante o Senado — parece, portanto, ter sido inventada; uma fabricação cínica, destinada a dramatizar o suposto barbarismo do Hamas, para ampliar o espaço político para a incursão de Israel na Faixa de Gaza. Como esta investigação irá demonstrar, a história de Landau era apenas uma das muitas histórias fantasiosas inventadas por um pequeno círculo de personagens duvidosos, que conseguiram moldar a narrativa oficial do 7 de Outubro na imprensa ocidental.

Embora os oficiais israelenses tenham desempenhado um papel central na campanha de desinformação de Telavive em torno

dos eventos do 7 de Outubro — falsamente afirmando, por exemplo, que os corpos de bebês judeus mortos foram encontrados pendurados em um varal em um kibbutz —, as alegações mais inflamatórias surgiram de uma coleção de organizações voluntárias ultraortodoxas como a ZAKA. Embora a ZAKA se especialize “na coleta e disposição de corpos”, o grupo não tem qualificação e é composto por uma multidão de voluntários pouco treinados.

De “confirmar” a história fraudulenta de bebês decapitados encontrados em um kibbutz, a inventar descaradamente outras sobre combatentes do Hamas retirando fetos de corpos de mulheres grávidas, cortando o braço de uma menina e assando um bebê em um forno, a ZAKA e grupos rivais demonstraram um dom notável para semear a imprensa com contos depravados de suposta brutalidade do Hamas. Ao fazer isso, eles armaram líderes ocidentais como Blinken e o presidente Joe Biden, com a narrativa que eles iriam usar para bloquear propostas de cessar-fogo e rearmar um exército que matou mais de 15.000 civis em Gaza, em menos de dois meses.

A ZAKA agora está no centro da campanha de Telavive para convencer o mundo de que o Hamas não apenas estuprou mulheres israelenses em 7 de outubro, mas continuou a abusar de prisioneiras femininas desde então. De fato, a recém-revelada e factualmente questionável “Comissão Civil sobre Crimes do 7 de Outubro do Hamas contra Mulheres e Crianças” de Israel é muito dependente de reivindicações gráficas de segunda mão, fornecidas pela ZAKA. No entanto não foi capaz de produzir um único testemunho de primeira mão ou vídeo comprovando alegações de estupro em massa.

Meios de comunicação tradicionais repetiram, desde então, as alegações duvidosas do grupo, como o Sunday Times do Reino Unido, por exemplo, citando obedientemente um alto funcionário da ZAKA que afirmou: “ficou claro que eles estavam tentando espalhar o máximo de horror possível — matar, queimar vivo, estuprar”.

A presença da ZAKA no centro de uma investigação de estupro de alto nível, no entanto, é repleta de ironia. Até recentemente, a cobertura da imprensa israelense sobre a organização se concentrou principalmente nos crimes sexuais horríveis cometidos por seu fundador, o ultraortodoxo Yehuda Meshi-Zahav. Conhecido

na comunidade ortodoxa de Jerusalém como “o Jeffrey Epstein Haredi”, devido à sua propensão bem documentada para estupro de jovens de ambos os sexos, a série de abusos sexuais de décadas de Meshi-Zahav era indiscutivelmente conhecida pelos funcionários da ZAKA — e só chegou ao fim com o seu suicídio.

Além de ser um estupro em série, o líder de longa data da ZAKA era um agiota pródigo, financiando um estilo de vida luxuoso, com milhões de dólares ilegalmente embolsados de sua organização. Brad Pearce, um estudioso independente que publicou, em outubro de 2023, um extenso perfil da corrupção da ZAKA, descreveu o grupo como “a organização não governamental (ONG) mais opaca e suspeita que já investiguei”.

Desde que seus voluntários surgiram nas ruas de Israel, em suas motocicletas características, durante a década de 1990, a ZAKA tem se envolvido em uma guerra publicitária com grupos rivais de resgate ultraortodoxos, como a United Hatzalah, na tentativa de obter milhões de doadores judeus ricos no exterior. A competição entre essas organizações parece estar impulsionando o fluxo de histórias falsas de atrocidades provenientes de ambos os grupos de voluntários. Quanto mais promoção cada grupo gera da imprensa e de líderes ocidentais, mais provável se torna que eles ultrapassem suas próprias metas de arrecadação de fundos.

O choque do 7 de Outubro realmente se mostrou um manancial de arrecadação de fundos para essas organizações religiosas notoriamente inescrupulosas, permitindo-lhes transformar o governo israelense, meios de comunicação ocidentais como a CNN, e o governo Biden em agentes de publicidade gratuitos.

Yossi Landau do Zaka, mestre contador de histórias que enganou Biden e Blinken

Após combatentes do Hamas invadirem bases militares israelenses no sul, que mantinham o cerco à Faixa de Gaza e comunidades próximas, em 7 de outubro, a sociedade judaico-israelense mergulhou em um estado de trauma sem precedentes. O amplo sentimento de insegurança logo se transformou em uma sede quase insaciável de vingança, à medida que o vasto aparato de propaganda de Telavive se mobilizou para justificar o subsequente massacre da população civil de Gaza, que a liderança israelense

responsabilizou coletivamente pelos eventos de 7 de outubro. De fato, mesmo depois que o exército israelense destruiu a maioria das estruturas residenciais no norte de Gaza, apenas 1,8% dos israelenses judeus disseram a pesquisadores em dezembro que acreditavam que seu país estava usando muita força militar.

Com o número de mortos em Gaza aumentando em milhares a cada semana, os manipuladores de imagem do governo israelense buscaram os testemunhos mais sórdidos do 7 de Outubro, para explicar por que sua campanha de punição coletiva não é apenas necessária do ponto de vista militar, mas também uma resposta moralmente adequada. Com a ajuda de veículos de imprensa internacional leais, o complexo de propaganda de Israel descobriu que Washington estava mais do que disposto a ecoar e promover suas histórias falsas de bebês decapitados e famílias brutalmente mutiladas pelo Hamas.

E, como veremos, algumas das mais obscenas fabricações disseminadas pelo governo de Israel e ecoadas em Washington originaram-se de um homem com uma imaginação especialmente ativa: Yossi Landau, da ZAKA.

Segundo Landau, qualquer pessoa que questione sua versão dos eventos “deveria ser morta”

A história dos combatentes do Hamas desfrutando de uma agradável refeição matinal, depois de decepar uma família inteira em pedaços, não foi a única contribuição de Landau para a blitz de imprensa. Ele também foi pessoalmente responsável por “confirmar” o conto falso do Hamas decapitando bebês no kibutz Kfar Aza — uma invenção que o presidente Joseph Biden promoveu, contra o conselho de seus assessores. Como relatou a CBS News em 11 de outubro, Landau disse que “viu com seus próprios olhos crianças e bebês que foram decapitados”.

Um porta-voz do exército israelense pegou a afirmação de Landau e a utilizou, declarando que “um alto funcionário do serviço de saúde israelense” havia confirmado a alegação dos bebês decapitados. Na verdade, a ZAKA é um serviço religioso sem qualificações de saúde.

A alegação então chegou à CNN, que dedicou quase uma hora inteira de uma transmissão noturna à atrocidade imaginada, com

base na “confirmação” do primeiro-ministro israelense Benjamin Netaniahu. O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, ecoou a alegação em seguida, proclamando sonolento, durante uma coletiva de imprensa, que tinha visto “fotos de terroristas decapitando crianças”. O presidente ignorou, assim, o registro de mortes confirmadas desde 7 de outubro, que mostrou que apenas um bebê, uma menina de 10 meses chamada Mila Cohen, tinha sido morto.

Logo depois, tanto Sara Sidner, da CNN, quanto a Casa Branca de Biden foram obrigadas a retratar suas afirmações sobre bebês decapitados. “O presidente baseou seus comentários sobre as supostas atrocidades, nas afirmações do porta-voz de Netaniahu e nos relatos da imprensa de Israel”, esclareceu a Casa Branca.

Enquanto isso, Netaniahu e a imprensa israelense basearam suas afirmações inteiramente em declarações de Landau, da ZAKA. Talvez hipnotizados por sua capacidade de mobilizar o arsenal de propaganda de Israel e manipular a liderança de seu próprio país e da superpotência global que o patrocinava, o ativista nacionalista religioso logo ampliou suas elaboradas fabricações sobre os eventos de 7 de outubro.

Em uma entrevista de 12 de outubro para o canal i24, financiado pelo Ministério das Relações Exteriores de Israel, Landau afirmou que, ao entrar em uma casa no kibutz Beeri, “vimos uma senhora grávida deitada no chão, e então a viramos e vimos que o estômago estava cortado, completamente aberto. O bebê não nascido, ainda conectado por um cordão umbilical, foi esfaqueado. E a mãe foi baleada na cabeça. E você usa sua imaginação, tentando descobrir o que veio primeiro”.

Landau parece ter elaborado este testemunho com base em um rumor que uma fonte militar anônima espalhou online dois dias antes. Segundo a fonte, a suposta vítima grávida tinha 30 anos. Isso por si só desacreditou a afirmação de Landau, porque as únicas vítimas femininas registradas em ou perto de Beeri foram Rinat Segev Even, de 44 anos, e Tair Bira, de 22 anos — e nenhuma estava grávida. Na verdade, nenhuma mulher grávida foi registrada, entre os mortos em 7 de outubro.

O kibutz Beeri negou tacitamente as afirmações de Landau, em um comunicado de 3 de dezembro ao jornal israelense Haaretz, declarando: “a história da mulher grávida relatada pela ZAKA não é relevante para Beeri”. Como uma fonte envolvida na

análise dos corpos explicou ao veículo, “os voluntários não são especialistas em patologia e não têm ferramentas profissionais para identificar a pessoa assassinada e sua idade, ou para declarar o modo como foi assassinada”. Por sua vez, a polícia israelense afirma não ter registro do incidente.

A fábula quase absurdamente gráfica de Landau, no entanto, foi amplificada pela conta oficial de rede social do exército israelense, que afirmava possuir fotos do crime, que não podia publicar devido a preocupações com violação dos termos de uso do Twitter/X. Apesar do desejo de Israel de exibir as atrocidades de 7 de outubro, não parece que as fotos tenham surgido em nenhum fórum.

Em uma tentativa desesperada de validar as alegações duvidosas de Landau, um usuário israelense de rede social criou um vídeo, combinando o testemunho do voluntário da ZAKA com imagens de um cartel de drogas mexicano torturando um prisioneiro até a morte. O vídeo falso rapidamente se tornou viral nos círculos de rede social em hebraico, até mesmo atraindo a atenção da esposa do presidente israelense Isaac Herzog. Em um artigo de opinião para a Newsweek em 22 de novembro, a primeira-dama israelense, Michal Herzog, afirmou que “um vídeo do Hamas de um kibutz mostra terroristas torturando uma mulher grávida e removendo seu feto”.

Claro, nenhum vídeo desse tipo existia. A única fonte era Landau, o mestre contador de histórias da ZAKA.

Enquanto isso, Landau insistia em que “viu 20 crianças baleadas, queimadas e empilhadas em duas pilhas”. Ele acrescentou que as mãos das crianças haviam sido amarradas, antes de serem supostamente queimadas por combatentes do Hamas. No entanto, isso era uma impossibilidade absoluta, já que um total de 13 crianças foram mortas durante o ataque de 7 de outubro — e o maior número encontrado em um único local foi de 3. E, como revelou anteriormente o The Grayzone, a maior pilha de corpos queimados de israelenses no kibbutz Beerli foi queimada depois que o exército israelense decidiu bombardear deliberadamente uma casa com 13 reféns israelenses.

Landau então disse à i24 que entrou em uma casa vizinha e testemunhou mais uma atrocidade angustiante: “Na sala de estar, vemos dois pais, mãe e pai, com as mãos amarradas atrás das cos-

tas. Deitados ao lado deles estavam dois filhos pequenos, com as mãos também amarradas atrás das costas. Todos foram queimados até a morte. Os terroristas estavam sentados à mesa comendo, enquanto os queimavam até a morte”.

O depoimento falso rapidamente repercutiu no Capitólio de Washington, onde foi repetido quase palavra por palavra pelo secretário de Estado Blinken, durante uma audiência no Senado, em 31 de outubro. Como explicado anteriormente, não há registro de crianças mortas da maneira como Landau descreveu, ou de mortos com idades de 6 e 7 anos, como ele afirmou. (Blinken disse que tinham 6 e 8 anos). A correspondência mais próxima entre todos os mortos em 7 de outubro foram Eitan e Alin Kapshitter, que tinham 5 e 8 anos, respectivamente. No entanto eles não foram mortos em uma casa, mas sim em um carro, quando seus pais dirigiram tragicamente por engano para o fogo cruzado entre forças israelenses e do Hamas.

Enquanto as histórias macabras de Landau geravam manchetes internacionais, seu colega na ZAKA, Simcha Dizingoff, também lançava algumas histórias feitas para o consumo da imprensa estrangeira. Descrevendo uma visita a Kfar Aza em 11 de outubro, Dizingoff disse ao *The Guardian* que viu “uma mulher, nua da cintura para baixo, [que] foi inclinada sobre uma cama e então baleada na parte de trás da cabeça. Quando a equipe tentou movê-la, uma granada ativa rolou de sua mão cerrada”.

Considerando que o exército israelense já havia liberado o kibutz até 11 de outubro, seu relato levantou sérias questões. Como os especialistas em desarmamento de bombas do exército perderam uma granada ativa na mão de uma mulher nua estendida sobre uma cama? E por que a recém-formada “Comissão Civil sobre Crimes de 7 de outubro do Hamas contra Mulheres e Crianças” de Israel, que está buscando freneticamente qualquer evidência que possa implicar o Hamas em estupros em massa, até agora não mencionou esse incidente chocante?

Mas a imaginação febril de Dizingoff continuou a funcionar, ao afirmar que viu “uma criança, com cerca de seis anos, que foi morta com uma faca enfiada em seu crânio”.

O registro oficial de mortes de Kfar Aza mostra que nenhuma criança com menos de 14 anos foi morta no kibutz, tornando

a versão dos eventos de Dizingoff praticamente impossível. Como aconteceu com as fábulas gráficas de Landau, Dizingoff não forneceu nenhuma documentação para apoiar suas alegações — nenhuma foto de celular, evidência forense ou mesmo testemunho corroborativo.

Por mais cínicas que pareçam as fabricações da ZAKA, elas eram totalmente consistentes com o método da organização e de seu fundador: um abusador sexual em série que desviou milhões de doadores para seus próprios propósitos decadentes.

Fundada pelo “Jeffrey Epstein Haredi”, a ZAKA manchada de corrupção arrecada uma fortuna com o fabulismo de 7 de outubro

A ZAKA foi oficialmente estabelecida em 1995, com o objetivo de permitir que judeus ultraortodoxos, que não servem no exército de Israel, auxiliem operações de segurança, coletando os corpos e partes dos corpos daqueles mortos em acidentes ou conflitos, lavando o sangue deles e providenciando seu devido descarte religioso. Segundo o site da ZAKA, o grupo “trabalha em estreita colaboração com o Ministério das Relações Exteriores de Israel, as Forças de Defesa de Israel e outros órgãos do governo”.

O fundador do grupo, Yehuda Meshi Zahav, uma pessoa importante do judaísmo ultraortodoxo, de uma família rabínica que viveu em Jerusalém por 11 gerações, liderou a ZAKA até março de 2021. Naquele mês, depois de ganhar o prestigioso Prêmio Israel “por contribuições à sociedade” — concedido a ele pelo atual Ministro da Defesa, Yoav Gallant — Meshi Zahav foi bombardeado por uma onda de alegações de abuso sexual e estupro de pessoas de ambos os sexos, incluindo crianças.

No bairro ultraortodoxo de Mea Shearim, as transgressões sexuais de Meshi Zahav eram tão amplamente conhecidas, que ele ganhou um apelido memorável: “o Epstein Haredi”, em referência ao notório financista e prolífico traficante sexual Jeffrey Epstein, que também supostamente tirou a própria vida, enquanto aguardava julgamento em 2019. (Meshi Zahav passou mais de um ano em coma, após sua tentativa de suicídio, e morreu em junho de 2022).

As alegações de abuso sexual envolvendo Meshi Zahav e sua

família surgiram pela primeira vez em 2003, quando o jornal israelense YNet relatou que o irmão de Yehuda, Moshe Meshi Zahav, havia sido preso sob suspeita de atos indecentes com menores e de atrair financeiramente jovens garotas para o sexo. Tendo se juntado à ZAKA em sua fundação, é virtualmente impossível que Landau não estivesse ciente da reputação de seu chefe. Da mesma forma, é difícil imaginar que os inúmeros apoiadores seculares da ZAKA dentro da liderança israelense, que dependem do grupo como uma rara ponte com a comunidade ultraortodoxa de Israel, não estavam cientes de seu passado escandaloso.

Em março de 2021, portais de notícias israelenses estavam repletos de relatos detalhados de suposto abuso sexual experimentado às mãos de Meshi-Zahav, fornecidos por vítimas do sexo masculino e feminino. Um acusador disse ao Haaretz que Meshi-Zahav a avisou: “Se você disser algo a alguém, uma van da ZAKA vai atropelar você.”

Outra fonte ortodoxa disse ao YNet que o registro de estupro do fundador da ZAKA “não era segredo. Estamos falando de muitas pessoas. Para ele, tudo vale — mulheres, crianças, meninos e meninas, e, se os animais pudessem falar e contar suas histórias, não tenho dúvidas de que teríamos descoberto que ele estava brincando com eles também. Tudo o que se move, basicamente”.

A fonte continuou: “lembro-me de uma história em que ele foi a uma padaria de matzá e preparou jovens meninos que trabalhavam lá antes da Páscoa para que tivessem relações sexuais para seu prazer. Ele era verdadeiramente o Epstein Haredi”.

O comportamento ilícito de Meshi-Zahav se estendia às operações financeiras da ZAKA. Um relatório de 2013 do Mako de Israel descobriu que o CEO desviou com sucesso milhões de doações para a organização, para financiar seu opulento estilo de vida, incluindo uma vila luxuosa. Quando as alegações de estupro surgiram, oito anos depois, a imprensa israelense revelou que a Zaka usava organizações fantasmas gerenciadas pela família de Meshi-Zahav, para canalizar dinheiro de volta para as contas privadas da liderança da organização.

Em 2022, uma investigação do Haaretz estabeleceu que a ZAKA aumentou sua parte de financiamento estatal, mentindo para o governo israelense, inflando seu número de voluntários em 2.000. Landau parecia estar envolvido no golpe, afirmando em

2019 que seu grupo supervisionava 3.000 voluntários, quando, na verdade, apenas cerca de 1.000 estavam ativos.

Desde o início de outubro, até o momento da publicação deste artigo, a ZAKA arrecadou US\$ 3,3 milhões, de uma meta de arrecadação de fundos que foi recentemente atualizada de US\$ 3 para US\$ 4,5 milhões. Doadores que contribuem com mais de US\$ 1.000 recebem uma medalha decorativa, em comemoração ao ataque militar “Iron Swords [espada de ferro]” de Israel contra Gaza.

Como uma investigação de 2016 do Haaretz explicou, a Zaka tem travado uma batalha intensa por publicidade — e o dinheiro que a acompanha —, contra equipes de resgate ortodoxas similares. Entre seus principais rivais, está um grupo chamado United Hatzalah, que também está capitalizando em cima do 7 de Outubro e na subsequente campanha de limpeza étnica em Gaza, por meio de suas operações.

Em sua própria tentativa de chamar atenção, o diretor da United Hatzalah inventou talvez a mais absurda fabricação de atrocidades até agora.

“Vimos um bebê pequeno em um forno. Esses bastardos colocaram esses bebês em um forno e ligaram o forno. Encontramos a criança algumas horas depois”, declarou Eli Beer, diretor da United Hatzalah, em 30 de outubro, lembrando a operação de resgate de sua organização no sul de Israel, no início daquele mês.

Vestido com o colete de segurança laranja que se tornou a marca registrada dos voluntários da United Hatzalah, Beer ficou diante de uma plateia de sionistas ricos reunidos em Las Vegas, Nevada, para o encontro anual da Coalizão Judaica Republicana (CJR). O encontro foi realizado em seu local tradicional, o Venetian Resort, estabelecido por seu principal financiador, o falecido oligarca do Licude, Sheldon Adelson. Enquanto despejava centenas de milhões de dólares em veículos de imprensa favoráveis a Netaniahu, Adelson e sua esposa, Miriam, conseguiram se classificar como os principais doadores individuais para a campanha presidencial de Donald Trump em 2016.

Ao evocar sombrias memórias de judeus em câmaras de gás na Alemanha nazista durante o Holocausto, a chocante história de Beer se tornou o destaque da conferência da CJR, ganhando manchetes de tabloides e deixando os comentaristas pró-Israel em um

frenesi indignado.

Caroline Glick, editora do Jewish News Service, totalmente anti-palestina, liderou a tentativa de validar a afirmação de Beer: “ELES ASSARAM UM BEBÊ JUDEU VIVO em um forno”, gritou Glick no Twitter/X. “Eles assassinaram o pai dele. Eles estupraram em grupo a mãe dele, repetidamente, e riram o tempo todo. Enquanto assavam o bebê dela vivo no forno. Os palestinos apoiam o Hamas. ELES AMAM o Hamas. NENHUM REABASTECIMENTO. NENHUMA CONCESSÃO. NENHUMA MISERICÓRDIA”.

John Podhoretz, editor da outrora influente revista neoconservadora Commentary, ecoou Glick: “ELES ASSARAM UM BEBÊ EM UM FORNO. Digam cessar-fogo mais uma vez, seus monstros que amam matar bebês”, ele disparou no Twitter/X. As postagens de Glick e Podhoretz foram retuitadas mais de 22.000 vezes.

Chaim Levinson, repórter israelense do jornal liberal Haaretz, adotou uma visão mais cética sobre o desempenho de Beer. “Como qualquer bom judeu que vê os ricos, [Beer] pensou no dinheiro e contou uma história que não existia... sobre um bebê em um forno”, tuitou Levinson.

De fato, a história de Beer foi mais uma fraude, desmascarada por um único fato simples: como vimos, o único bebê morto em 7 de outubro foi Mila Cohen, de 10 meses, que morreu tragicamente por um ferimento de bala. Um porta-voz da United Hatzalah reconheceu publicamente o engano de Beer, em 3 de dezembro, culpando “um voluntário que pensou ter visto um caso assim”.

Esse voluntário provavelmente era Asher Moskowitz, um operador da United Hatzalah que afirmou ter visto o corpo queimado do bebê inexistente. Enquanto estava no Acampamento Shura, a base militar israelense transformada em um centro para identificar as vítimas de 7 de outubro, Moskowitz disse ter visto o corpo gravemente carbonizado de um bebê chegar de Kfar Aza, um kibutz sem registros de mortes de bebês. “Eles pegaram o bebê e o colocaram, literalmente, em um forno de cozinha”, alegou o voluntário da United Hatzalah, em um depoimento em vídeo.

Segundo a Agência Telegráfica Judaica, que citou Moskowitz, o bebê “chegou em uma pequena bolsa cujo conteúdo contava uma história sombria: um corpo minúsculo, queimado e inchado, com as marcas características de ser pressionado contra um ele-

mento de aquecimento”.

“O corpo endureceu e, infelizmente, parecia também ter inchado”, disse ele. “E, na verdade, o elemento de aquecimento do forno estava no próprio corpo.”

Assim, a alegação de que o bebê foi descoberto em um forno era pura especulação — baseada unicamente no estado do suposto cadáver, ou de partes do corpo que Moskowitz pode ter visto. Para uma multidão de consumidores de imprensa pró-Israel crédulos, a história parou por aqui.

Mas a existência de corpos carbonizados e partes do corpo como as que Moskowitz afirmou ter visto sugeriam um cenário alternativo que não era menos perturbador: como relatado pelo The Grayzone, muitos israelenses e infiltrados palestinos foram completamente queimados, em seus veículos, por mísseis Hellfire disparados por helicópteros israelenses, em 7 de outubro — um fato perturbador confirmado por uma investigação policial e por um cidadão israelense recentemente libertado em Gaza.

Embora as alegações do “bebê assado” de Beer e Moskowitz tenham sido resolutamente desmentidas, a equipe da United Hatzalah continuou a encontrar novos locais de alto perfil para girar suas altas histórias sobre 7 de outubro.

Durante uma entrevista em 1º de novembro com Jake Tapper, apresentador fortemente pró-Israel da CNN, Linor Attias, Diretora Adjunta de Operações de Emergência Internacional da United Hatzalah, lembrou, com lágrimas nos olhos, a descoberta de uma família inteira no kibutz Beeri — dois pais, um menino de 6 anos e uma menina de 11 — que haviam sido amarrados e executados a tiros.

No entanto não havia um menino de 6 anos registrado entre os mortos em Beeri. Além disso, apenas duas meninas perto dos 11 anos morreram, na pequena comunidade, em 7 de outubro: Liel Hetzroni, de 12 anos, confirmada como morta por um disparo de tanque israelense, ao lado de seu irmão gêmeo, e Yahel Sharabi, de 13 anos, que foi morta em uma casa com sua família de forma assustadoramente semelhante à de Hetzroni. (O corpo de Hetzroni estava tão queimado, que levou 30 dias para ser identificado). Era, portanto, claro que Attias havia inventado o relato que fornecera a um Tapper incondicional.

Attias, no entanto, não havia terminado com suas histórias.

Chorando abertamente, enquanto fazia um gesto de corte em seu antebraço, ela disse a Tapper que descobriu “uma menininha de cerca de 8 ou 9 anos, e eles cortaram a mão dela aqui”.

“Eles simplesmente cortaram”, acrescentou. “Sem mão”. Attias disse que tentou fazer um torniquete, mas a menina parou de respirar de repente e morreu.

“Quantos anos ela tinha?” perguntou Tapper.

Depois de descrever a criança, um minuto antes, como “8 ou 9 anos”, Attias agora respondeu que ela tinha “por volta de 10. 10 ou 12 anos. Eu não sei”.

Mas, como explicado acima, apenas duas meninas foram registradas entre os mortos em Beeri, dentro da faixa etária descrita por Attias. E nenhuma das duas morreu sozinha como a descrita por Attias, ou em circunstâncias remotamente semelhantes.

Duas semanas antes de sua aparição na câmera com Tapper, Attias concedeu uma entrevista a Jay Ruderman, um rico filantropo sionista e ex-diretor adjunto da AIPAC [maior lobby sionista do mundo], que preside a Fundação Familiar Ruderman. Durante 20 minutos, ela falou calmamente, sem lágrimas, fornecendo detalhes clínicos do que viu em 7 de outubro. Isso incluía “uma coisa emocional”, que ela disse ter encontrado durante uma visita ao kibutz Beeri, mas estranhamente não mencionava a menina mutilada que supostamente morreu em seus braços.

Então, por que a diretora adjunta da United Hatzalah demorou três semanas para divulgar a horrível morte que ela supostamente testemunhou? Por que a evidência fotográfica da menina mutilada pelo Hamas não se materializou? E por que ela foi a única pessoa a mencionar essa morte horrível?

As respostas apontam todas para mais uma fabricação altamente imaginativa, de um membro da equipe de uma organização que recentemente anunciou uma impressionante meta de captação de recursos de US\$ 49,6 milhões, para apoiar 7.000 voluntários supostamente operando sob sua supervisão.

Até agora, apenas um número minúsculo das organizações de notícias que amplificaram as muitas decepções, distorções e meias-verdades da ZAKA e da United Hatzalah emitiram correções. Pelo seu lado, Yossi Landau, da ZAKA, proclamou em uma entrevista de 3 de dezembro que quem questiona suas histórias

“deveria estar junto com os terroristas do Hamas, e deveria ser morto”.

Enquanto Landau deseja a morte aos seus críticos, a ZAKA e seus rivais na United Hatzalah continuam a arrecadar somas sem precedentes da diáspora judaica.

“Essas coisas custam dinheiro”, disse Yerach Tucker, assessor de imprensa do cofundador da United Hatzalah, sobre as operações de sua organização. “Há custos e requer doações. Aqui é onde a opinião pública e o desejo de publicidade entram em jogo”.

***Washington Post* apaga a seu pedido afirmação fantasiosa do ministro israelense sobre estupro em 7 de outubro⁴⁹**

Wyatt Reed, *The Grayzone*, 3 de janeiro de 2024 — O *Washington Post* silenciosamente removeu uma afirmação extravagante do Ministro da Defesa de Israel, Yoav Gallant, de que os planos de batalha do Hamas incluíam instruções específicas sobre quais tropas israelenses deveriam ser estupradas, durante sua incursão em 7 de outubro.

No artigo original, publicado em 12 de novembro e promovido como um “exclusivo” do *Washington Post*, Gallant é citado dizendo ao veículo: “sabemos, por interrogatórios, que o Hamas veio com planos detalhados de seu ataque, incluindo quais comandantes deveriam estuprar quais soldados em diferentes lugares”.

Um dia depois, a alegação desapareceu do texto, que foi alterado para incluir a seguinte “correção”:

“Uma versão anterior deste artigo incluía uma citação do Ministro da Defesa de Israel, Yoav Gallant, que não foi autorizada para publicação. A citação foi removida.”

O ato de autocensura foi aparentemente detectado pela primeira vez por um usuário de rede social, que sugeriu que o incidente vergonhoso foi resultado do que descreveu como “a maneira israelense” de propaganda: “Mentir privadamente para um jornalista, para moldar sua cobertura, e então correr para corrigir

⁴⁹ *Original: Washington Post erases Israeli minister’s farfetched October 7 rape claim at his request. 3/1/2024.*

o registro, quando o jornalista acidentalmente imprime as mentiras que você contou a ela em confiança”.

Até agora, não há uma única suposta vítima, do que uma manchete da Associated Press insistiu serem “crimes sexuais ‘generalizados’ pelo Hamas” em 7 de outubro, que tenha se apresentado para testemunhar publicamente sobre tais alegações. Mas isso não impediu que altos funcionários do governo dos EUA aceitassem as alegações de Israel como verdadeiras.

O presidente dos EUA, Joseph Biden, condenou como “repugnantes” o que descreveu como “relatos de mulheres estupradas — repetidamente estupradas —, e seus corpos sendo mutilados ainda vivos —, de cadáveres de mulheres sendo profanados, terroristas do Hamas infligindo o máximo de dor e sofrimento possível em mulheres e meninas e então matando-as”.

Mas, como revelou o *The Grayzone*, muitas das alegações mais incendiárias de violência sexual parecem ter sido fabricadas por soldados israelenses ou membros de “organizações de resgate” ultraortodoxas, que imediatamente exploraram sua nova proeminência, para arrecadar milhões de dólares.

Além disso, muitos moradores de kibutzim na linha de frente e frequentadores do festival de música Nova foram mortos pelas forças israelenses.

Agora, em uma ação descrita pela mídia israelense como a “maior reivindicação já apresentada em Israel contra um órgão estatal por negligência”, uma empresa representando 42 sobreviventes está buscando quase US\$ 55 milhões em danos do exército israelense, inteligência e polícia, por não conseguirem evitar o ataque de 7 de outubro e por negligenciar em notificar os organizadores do evento sobre os confrontos.

“Tudo o que os réus tinham que fazer era ligar para os organizadores responsáveis [pela festa], para dispersar o festival, à luz dos avisos recebidos”, afirma a reivindicação. Conclui: “É incompreensível que os réus não tenham ordenado a dispersão imediata do festival.”

Esta obra foi composta em Minion Pro, impressa
em papel avena 80g, pela Cavaleiro Azul Artes
Gráficas



CAVALEIRO AZUL

Artes Gráficas

São Paulo